

Poéticas *ES, 2022*

Seminário Ibero-americano
sobre o Processo de Criação

CADERNO
DE
RESUMOS



Ficha técnica:

Paulo Sergio Vargas

REITOR

Roney Pignaton da Silva

VICE-REITOR

Cláudia Maria Mendes Gontijo

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Valdemar Lacerda Junior

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Renato rodrigues Neto

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Teresa Cristina Janes Carneiro

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Rogério Naques Faleiros

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Josiana Binda

PRÓ-REITORA DE GESTÃO DE PESSOAS

Gustavo Henrique de Arujo Forde

PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E CIDADANIA

CONSELHO EDITORIAL: Breno Segatto (UFES); Brunela Vicenzi (UFES); Flávia Mayer dos Santos Souza (UFES); Gloria C. Aguilar Barreto (Universidade Nacional Caaguazú); Gustavo Menendez (Universidad Del Litoral); João Frederico Meyer (UNICAMP); Mariana Duran Cordeiro (UFES); Maurice Barcelos da Costa (UFES); Pat Moore (Universidad Pablo Olavides - ESP); Pedro Florêncio da Cunha Fortes (UFES); Regina Lúcia Monteiro Henriques (UERJ); Ubirajara de Oliveira (UFES); Renato Tannure Rotta de Almeida (IFES); Sergio Mascarello Bisch (UFES); Tânia Mara Zanotti G. Frizzera Delboni (UFES).

ORGANIZAÇÃO : José Cirillo Marcela Belo Ângela Grando

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Thais Imbroisi (BETHA design studio)

Revisão: Rafael Marotto, Alecsandra Matias de Oliveira e Fernanda Scopel Falcão

Capa: Cartaz da Semana de Arte de 1922 (alterada digitalmente)

Editora: EDITORA PROEX/UFES Av. Fernando Ferrari, nº 514, Goiabeiras CEP 29.075.910 Vitória-ES Telefones: (27) 4009-2961 (27) 4009-2778 www.proex.ufes.br





Apresentação

O que se constrói nesse saber viver juntos?

Este foi o tema que norteou o encontro de pesquisadores ibero-americanos durante o décimo primeiro POÉTICAS, ES 2022.

Esse tema norteou as palestras e comunicações, objetivando refletir sobre as interações possíveis do processo de criação individual e/ou coletivo realizados nos ecossistemas urbanos. Saber viver juntos, demarca fazeres e saberes que constituem territórios estéticos, simbólicos ou físicos que fazem parte do cotidiano pessoal (do artista ou do coletivo de artistas), assim como do contexto social e cultural. A diversidade das manifestações desses pesquisadores revela uma espécie de simultaneidade de ocorrências que constroem essa possibilidade de viver juntos, o que exige um enfoque que considere tanto em aspectos éticos e estéticos dos conceitos de propriedade privada (autoria) e dos modos de fazer das práticas artísticas em tempos de falência verdade e do revisionismo necessário e imposto pela era do ciberespaço, agora agravados por uma crise sanitária que mudou os nossos modos de estar juntos, desde os anos de 2020.

Esperamos, com esse material, ampliar o debate acadêmico e promover o avanço dos estudos sobre o processo de criação nas artes visuais, artes cênicas, música e literatura, nos países de língua portuguesa e espanhola, a partir da otimização de um espaço de reflexão crítica sobre a ação criadora, que reverbere para fortalecer o papel do Espírito Santo no debate contemporâneo sobre o processo de criação nas artes e na cultura.

Vitória, ES
Dezembro de 2022

SUMÁRIO

GD1- Processo de criação e as Mídias Contemporâneas: um estudo do processo de criação e dos cadernos e rascunhos de processos criativos

1	<i>Rue Anna</i>	14
	Anna Moraes	
2	<i>Marian Rabello: um olhar sobre o feminino na arte pública capixaba</i>	15
	Fabiola Fraga Nunes ; José Cirillo	
3	<i>Fotoperformance e o universo digital: breve abordagem do tema</i>	16
	Allan Moscon Zamperini; Francisco de Paulo D'Avila Junior; Tais Chaves Prestes	
4	<i>Na cena: a dança e seus intercursos</i>	17
	Karen Lemes Soares Santos	
5	<i>A poética tradutória de Ana Cristina Cesar</i>	18
	Luan Daniel Coelho Soares; Cláudia Maria França da Silva	
6	<i>192 Agulhas: Narrativas Transversais</i>	19
	Rafael Gonçalves Marotto; Aparecido José Cirillo	
7	<i>A ressignificação do registro de paisagem presentes nos arquivos de processo de Marcus Vinicius</i>	20
	Rafael Gonçalves Marotto; Aparecido José Cirillo	
8	<i>Í.M.P.E.T.O: uma metodologia para processos criativos colaborativos na sala de aula digital</i>	21
	Tailze Ferreira Melo; Noele Karime Silva Perpetuo	
9	<i>"O barril de amontillado" em HQ: um diálogo possível entre Poe e as mídias contemporâneas</i>	22
	Telma Elita Juliano Valente	
10	<i>Murilo Chevalier e o Babado Processual: um corpo/corpa em performance na rede</i>	23
	Wagner Miranda Dias	

GD 2 - Implicações sociais e políticas na Arte em tempos mídias sociais e realidades sobrepostas

11	<i>Estrutura Bruta: uma narrativa visual fotográfica sobre os símbolos de poder nas cidades</i>	25
	Ana Clara Amato Muner	
12	<i>Bem vindas, Marias: arte e a poesia da sobrevivência</i>	26
	Carolina Zamperlini Santos; David Ruiz Torres	
13	<i>Paisagem Sonora e UBIMUS – re-imaginando espaços acústico</i>	27
	Gabriela de Azevedo Sampaio; Leandro Lesqueves Costalonga	
14	<i>Oito movimentos sobre fabulação de si e a comunicação social</i>	28
	Letícia Castro Simões	
15	<i>Para não esquecer: práticas de arquivos nas obras de Rosângela Rennó e Éder Oliveira</i>	29
	Everton Cardoso Leite; Matheus Guilherme de Oliveira	
16	<i>Performance, moda e cidade: um estudo sobre o coletivo Debauxe</i>	30
	MANCINI, Noah	

- 17 *Estudos de processos de curadoria, com ênfase em temas relacionados ao universo feminino, em ambiente online na América Latina* 31
Wilson Renato Negrão

GD3- Aspectos da subjetividade na arte contemporânea, o proponente e o público

- 18 *Potencialidades formativas com plataformas de arte contemporânea* 33
Julia Rocha; Ana Carolina Ribeiro Pimentel
- 19 *Obra fechada - o lugar para um mundo aberto* 34
Ana Romãozinho
- 20 *A experiência do real na cena: uma proposta de análise a partir de um deslocamento histórico* 35
Giovanna Galisi Paiva
- 21 *O que escuto é uma fantasia* 36
Herbert Baioco
- 22 *Resistências da arte: o que insiste em manter-se vivo* 37
Isabela Frade
- 23 *Finca Tarumã - Arte na paisagem do Caparaó em sistema de autogestão* 38
João Wesley de Souza
- 24 *Para uma mediação cultural de aproximação* 39
Jovani Dala Bernardina; João Wesley de Souza
- 25 *O grotesco entre a subjetividade e a coletividade: revisitando o projeto Venus of Willendorf de Brenda Oelbaum* 40
Júlia Mello
- 26 *Hologramas não figurativos: janela para uma nova dimensão* 41
Lia Maurer; Lee JuYong

GD 4 - Arte e Cidade: a arte pública e as estratégias de coabitar a cidade no contexto dos países ibero-americanos: teorias e processos

- 27 *Finca Tarumã Brasil - instalações para Land Art* 43
Andreia Falqueto Lemos; Sandro de Souza Novaes
- 28 *Projeto Feracidade - discutindo as imbricações urbanas através de um mapeamento coletivo* 44
Clarice Dellape
- 29 *Obra de Arte Pública: Familiaridade e afeição* 45
Eloiza Comério
- 30 *Dona Dominga, para além das escadarias do poder* 46
Fabiola Fraga Nunes; Fabricio do Rosário Moreira; José Cirillo
- 31 *Herança + O Fabuloso Inventário das Obras do Meu Avô: a cidade como legado da arte de construir* 47
Gabriela Leandro Pereira; Mariana Leandro Pereira
- 32 *Resgate à Memória. Os Monumentos e a Cidade* 48
Gustavo Henrique Luz de Abreu; Samuel José Gilbert de Jesus
- 33 *Limites e fronteiras do caminhar como proposição poética: memórias, mapas e medos* 49
Karoline Rodrigues Gomes; Dr^a. Cláudia Maria França da Silva

34	<i>“Não basta colocar uma obra na rua para ela se tornar pública”:</i> <i>uma questão entre Arte Pública e as populações em situação de rua no Rio de Janeiro</i>	50
	Mariana Gonçalves Paraizo Borges	
35	<i>Das escolas para as ruas: de uma ocupação de si a uma estético-política urbana</i>	51
	Mariana Pimentel; Jorge Vasconcellos	
36	ReciproCIDADE: relações estimuladas pelo sincretismo em obras de arte pública	52
	Milena dos Santos Kohler	
37	<i>Modernismo no Brasil: apontamentos iniciais para uma revisão do cânone a partir da arte mural</i>	53
	Milena dos Santos Kohler	
38	<i>Marta Neves, o elã e a incompetência</i>	54
	Pedro Moreira; André Arçari	
39	<i>Dissidentes ressoantes: o graffiti em manifestações políticas</i>	55
	Penha de Fátima da Cruz de Souza; Cláudia França	
40	<i>Cidades Comestíveis: por uma estética da colaboração</i>	56
	Piatan Lube Moreira	
41	<i>Estudo para Cartografias: Praça Tiradentes</i>	57
	Raphael de Andrade Couto	
42	<i>O uso da tecnologia de digitalização e impressão 3D no processo de criação de modelos didáticos tridimensionais</i>	58
	Rhuan Magalhães; José Cirillo; Marcela Belo	

GD 5 - Imagem e movimento: desafios contemporâneos para os estudos dos processos criativos e dos cadernos de artista

43	<i>O filme e o filme mesmo: a expansão recursiva em que habita o Aço de Tunga</i>	60
	André Arçari; Pedro Moreira	
44	<i>A criação de Robert Jasper Grootveld: dos papéis as ruas</i>	61
	Léa Araujo; Angela Grando	
45	<i>OPAVIVARÁ!: Modos de vida na arte contemporânea</i>	62
	Livia Fernandes Campos; Angela Maria Grando Bezerra	
46	<i>Cadernos, livros, processos e uma proposta experimental sobre as formas de (apresent)ação</i>	63
	Paula Almozara	

GD 6 - Aproximação virtual: Arte e Tecnologia da Informação e Comunicação: estratégias, desafios e mediação artístico-cultural

47	<i>Entre processamentos e transduções, diferentes paisagens: poéticas sonoras do FM ao streaming, ao podcast e às paisagens físicas e digitais</i>	65
	Ma. Camila dos Santos; Dr ^a . Andreia Machado Oliveira	
48	<i>O sistema da arte no Brasil e as exposições virtuais: um estudo sobre práticas do pré- e pós-pandemia de Covid-19</i>	66
	Prof. Dr. Daniel Hora; Profa. Dra. Ananda Carvalho; Sabrina Ruela Ribeiro; Samara Carvalho Coelho; Thaíssa Dilly	
49	<i>Interações online: aprendizagem e práticas criativas de forma remota</i>	67
	Felipe Pessin Manzoli; Moacyr Teixeira Garcia Neto; Fábio Pestana Calazans	

50	<i>Six Degrees of Freedom: para uma Realidade Alterada</i>	68
	João Victor Coser; Cláudia Maria França da Silva	
51	<i>Sobre a materialidade de objetos digitais: estudos de caso de propostas escultóricas digitais atreladas a NFTs</i>	69
	Karyne Berger Miertschink; Alexana Jordão Cunha; Daniel Hora	
52	<i>A curadoria posta em jogo: o videogame Occupy White Walls em confronto com o conceito de plataforma de arte</i>	70
	Larissa Pereira; Daniel Hora	
53	<i>Cineclubismo e curadoria em plataformas digitais: a experiência do Festival Tela Curta Cachoeiro</i>	71
	Lucas Guimarães Blunck Schuina	
54	<i>O potencial estético e educativo das exposições imersivas/interativas</i>	72
	Maith Malimpensa; Prof ^ª Dr. Eliane Patrícia Grandini Serrano	
55	<i>No sentido de um pensamento: a criação sonora como amplificador visual</i>	73
	Pablo Menezes Nóbrega	
56	<i>Virtualidade e Imersão: novos paradigmas nas exposições virtuais imersivas</i>	74
	Sandra Regina Bastos; David Ruiz Torres	
57	<i>Artista em fotoperformance por diferentes tempos</i>	75
	Tatiana Barrios Vinadé; Rebeca Lenize Stumm	

GD 7 - O processo de criação artística nas artes visuais, música e artes cênicas

58	<i>Uma toalha de mesa interligando elementos pictóricos e memórias afetivas</i>	77
	Adriane Hernandez	
59	<i>O (des)aprender cotidiano: experiência artística como provocação em tempos de hiperconexão</i>	78
	Ana Oliveira Rovati	
60	<i>Considerações sobre um Ato Falho na impressão xilográfica</i>	79
	André Magnago Alves; João Wesley de Souza	
61	<i>Estratégias criativas da ilustração em jornal: processos artísticos de Edu Oliveira</i>	80
	Camila Stella Maggioni Pastori	
62	<i>Empenas: reflexões sobre o processo de criação em escultura</i>	81
	Carlos Eduardo Ferreira Paula	
63	<i>Do isolamento ao deslocamento: apontamentos a partir do processo de criação</i>	82
	Catiuscia Bordin Dotto; Teresinha Barachini	
64	<i>Processos de criação da canção na Belle Époque carioca</i>	83
	Celio Rentroia	
65	<i>Vivências artísticas afro-ameríndias: experimentos e discussões decoloniais</i>	84
	Celio Rentroia	
66	<i>Experimentações decoloniais de produção e leitura de um quadrinho-baralho</i>	85
	Cláudia Maria França da Silva; Narayana Teles Caetano Silva	
67	<i>Os Sonhos e a Construção imagética de Desenhos de memória</i>	86
	Cláudia Maria França e Silva; Samylla Oliveira Mendes	

68	<i>Da voz falada à voz cantada - Um estudo sobre poéticas vocais, a partir da poesia para a formação da atriz- poeta-cantora</i>	87
	Daniele Cristina Oliveira; Danielle Rosa	
69	<i>Do Imaginar ao Vestir: processos e experimentações artísticas sobre o rito de passagem – casamento</i>	88
	Elaine Karla de Almeida; Michele Dias Augusto	
70	<i>Devaneios da água-cor</i>	89
	Eliane Patricia Grandini Serrano	
71	<i>A poética de Glenn Gould na Orquestração Acústica</i>	90
	Fabício do Rosário Moreira; Felipe Pessin Manzoli; Prof. Dr. Fabiano Araújo Costa	
72	<i>Estar vivo e em jogo</i>	91
	Flávia Braga Gonçalves	
73	<i>Videoarte a partir de banco de dados e o processo de edição audiovisual</i>	92
	Francine Nunes de Lima; Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi	
74	<i>A poética de Anni Albers e sua influência na arte têxtil contemporânea: a exposição Weaving Beyond the Bauhaus</i>	93
	Francine Ferreira de Nardi Golia; Joedy Luciana Barros Marins Bamonte	
75	<i>Corpo-paisagem: elaborações performáticas para um outro corpo</i>	94
	Francisco Aurélio de Souza Pereira; Cláudia Maria França da Silva	
76	<i>O Gesto como caminho de criação cênica: Contribuições de Michael Chekhov ao trabalho do/a ator/atriz</i>	95
	Giovanna Borges Nogueira	96
77	<i>Percepções do desenho em um suporte ready-made</i>	
	Greicy Kelly Teixeira dos Santos; Cláudia França	
78	<i>De arcadas e de grooves: breves apontamentos sobre o violinismo de Ricardo Herz em 'Odeon'</i>	97
	Ismahel Carvalho de Souza; Fabiano Araújo Costa	
79	<i>Vôos groovêmicos do Scat singing de Flora Purim em "Conversation"</i>	98
	Jennifer Soares Nogueira; Fabiano Araújo Costa	
80	<i>Sonhos despertos. Notas sobre Poética e Onírica</i>	99
	João Vitor de Paula Araújo	
81	<i>Sublimemente Frágil</i>	100
	Joedy Luciana Barros Marins Bamonte	
82	<i>Olhos nos Olhos – O Arco Intersemiótico de Narciso nas obras de Ovídio e Vik Muniz</i>	101
	Luciano Tasso Filho; Ana Rita Lustosa; Stela Maris Sanmartin	
83	<i>Processos de criação em transcrição vocal</i>	102
	Lucila Romano Tragtenberg	
84	<i>Cuidado pedestre: processos híbridos de criação</i>	103
	Marcelo de Campos Velho Birck	
85	<i>Processo de criação: compartilhamento e reverberações entre arte e ciência</i>	104
	Maria Regina Gorzillo	
86	<i>La presencia de la ausencia en el arte</i>	105
	Mónica Elisa Contreras Godínez	
87	<i>Artista e natureza: processos e impactos a partir do Sul do Brasil</i>	106
	Monique Panzenhagen; Rebeca Stumm; Giovana Guedes	
88	<i>Da selfie, como meio de estar junto, ao autorretrato</i>	107
	Rogério Tubias Schraiber; Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi	

89	<i>A importância da biografia na construção da interpretação das obras de Lygia de Biase (1910-1991)</i>	108
	Tayná Batista Lorenção; Alexandre Siqueira de Freitas	
90	<i>En la piel: corpo, resistências, encontros e hibridações</i>	109
	Valdemir de Oliveira; Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi	
91	<i>Urso contra “MagraSS”: pistas para um processo criativo em diálogo com o Teatro Documentário e a Autoficção</i>	110
	Walmick de Holanda; Francis Wilker	
92	<i>Trajetos Percorridos e Objetos Encontrados</i>	111
	Werner Miguel Struck Krüger	

GD 8 - O ensino das artes: criatividade e inovação na relação ensino-aprendizagem das artes visuais, música e artes cênicas

93	<i>Jogo interdimensional: o process drama na sala de aula</i>	113
	Alexandre Luiz Porto Junior; Isabela Teles Pereira; Maria de Fátima Serafim da Silva	
94	<i>“Uma boa mesa”: reflexões permeadas pela cozinha e o ateliê de pintura como laboratórios da formação do artista professor</i>	114
	Daniela Almeida Moreira; Jocielle Lampert	
95	<i>Música Ubíqua- Ubimus: relato do professor/ estudante/atuante na Educação Básica em contato com as linguagens da arte</i>	115
	Diego Ribeiro; Prof ^ª Dr ^ª Stela Maris Sanmartin	
96	<i>O teatro invisível em sala de aula: em busca da potência de felicidade</i>	116
	Eduardo Rellyson Menezes de Araújo; Ariane Guerra Barros	
97	<i>Diálogos com a criatividade: universidade e comunidade em ação na licenciatura em Artes Visuais da UFSM</i>	117
	Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos; Ana Julia Dotto Guaragni; Liara de Mello Trindade	
98	<i>Práxis criativa da Arte Educação no ensino formal na primeira infância: protagonismo criativo</i>	118
	Francysmeyre Rodrigues Thompson; Prof ^ª Dr ^ª Stela Maris Sanmartin	
99	<i>Entre mu\Danças, onde nasce uma possível esperança? Preparação poética do jovem artista da dança</i>	119
	Gabriela Leite Lima; Valéria Maria Chaves de Figueiredo; Adriano Jabur Bittar	
100	<i>As representações do feminino em jogos de vídeo games</i>	120
	Gabrielle Costa Dias; Larissa Fabricio Zanin	
101	<i>A cidade como espaço de intervenção criativa no ensino de arte</i>	121
	Geisa Katiane da Silva; Prof ^ª Dr ^ª Stela Maris Sanmartin	
102	<i>Relato de experiência: Intervenção pedagógica interartes com aportes em Paul Klee</i>	122
	Hendy Anna Oliveira; Alexandre Siqueira de Freitas	
103	<i>A canção como espaço de confluência das artes: um relato da Pesquisa de Campo em uma escola do ensino regular</i>	123
	Idayana Maria Borchardt Leite; Alexandre Siqueira de Freitas	
104	<i>Grito: semiose e semiótica. Um relato acerca do criar juntos</i>	124
	Isabel Orestes Silveira; Marcos Rizolli	

105	<i>A estética nos estudos de John Dewey como possibilidade para uma educação humanizadora para o ensino de arte no século XXI</i>	125
	Jaci Aico Kussalawa; Jocielle Lampert	
106	<i>Cantos Vivenciados</i>	126
	Joedy Luciana Barros Marins Bamonte	
107	<i>Elementos da cor como reflexão e experiência: uma abordagem cromática entre Johannes Itten e Josef Albers</i>	127
	José Carlos da Rocha	
108	<i>Ensino da arte para todos os sentidos: reflexões sobre formação e inclusão</i>	128
	Kênia Gonçalves Pio do Carmo; Daniele de Sá Alves	
109	<i>Contação de Estória: uma ferramenta dialógica para o ensino da história arte</i>	129
	Luana Cristina Gonçalves Simões; Regilene Sarzi-Ribeiro	
110	<i>Exposição Transposição: O exercício coletivo e a Arte/Educação</i>	130
	Maria Cristina Mendes; Alexandra Aguirre	
111	<i>Eu sei desenhar? A voz e o olhar dos alunos da licenciatura em Artes Visuais sobre seus percursos de aprendizado</i>	131
	Natalia Cristina Torres Gassner; Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godoi	
112	<i>Criatividade e processos criativos nas aulas de Artes Visuais do “Movimento Pró Criança”</i>	132
	Niara Mackert Pascoal; Maria das Vitórias Negreiros Amaral	
113	<i>Ensino do instrumento de percussão bateria para alunos com surdez com apoio da UbiMus</i>	133
	Wender José Dalto da Silva; Leandro Lesqueves Costalonga	

GD 9 - Processo de Criação e as relações étnico-raciais na Arte Contemporânea

114	<i>Mark Bradford: A política entre o Corpo e o Espaço</i>	135
	André Rigatti	
115	<i>Entre ruídos e ruínas: "Olvido" (1987-1989) de Cildo Meireles</i>	136
	Caroline Alciones de Oliveira Leite	
116	<i>Feminismo decolonial e arte contemporânea nas Américas</i>	137
	Elisa de Souza Martínez; Isabela Capinzaiki Silveira Martins	
117	<i>Arte Preta Contemporânea Brasileira e o Giro Minoritário nas Artes Visuais</i>	138
	Excelência	
118	<i>Castiel Vitorino Brasileiro: visualidades sobre gênero e raça</i>	139
	Jorge Vasconcellos	
119	<i>Curadoria Decolonial: artistas negras no Espírito Santo</i>	140
	Mayara Simoes de Carvalho	
120	<i>Do peito da pele e Yorùbáiano: reflexões acerca da arte como local de existências</i>	141
	Rafaela Maria Martins da Silva	
121	<i>A queima, o gesto e o corpo: a performance das “gravaduras a ferro e fogo” como poética de re-criação</i>	142
	Raquel Fernandes	



GD 1

*Processo de criação e as Mídias Contemporâneas:
um estudo do processo de criação e dos cadernos e
rascunhos de processos criativos*

Rue Anna

Anna Moraes
PPGAV-UDESC
CAPES

Resumo

Esta comunicação trata de um relato acerca de um processo artístico iniciado em 2020, ano em que me propus a buscar lugares no mundo com meu nome próprio. O processo artístico se desdobrou em trabalhos de desenho, instalação, publicação e fotografia e apresentam questões acerca da experiência de um lugar, de inventário e coleções e da tentativa de esgotamento de um procedimento artístico. No início da pandemia de 2020, isolada em casa e vivenciando uma impossibilidade de deslocamento, tanto na cidade em que vivo como viajando, comecei a empreitada de procurar lugares no mundo pelo aplicativo do Google Earth que tivessem meu nome. A pesquisa me lançou até uma rua na Índia. Me interessei por esse encontro, por ser do outro lado do oceano, e poder “me encontrar” em uma rua de um país que nunca estive. Segui pensando desdobramentos e continuidade para a série de lugares de forma virtual. Após catalogar os lugares possíveis, imaginei uma viagem palindrômica apenas com destinos e até busquei placas de sinalização ou de comércio nessas cidades, resultando em um arquivo de imagens que ainda não sabia exatamente o que fazer. Para as viagens, selecionei um ponto de partida que também seria o destino final, e que poderia ser feito ao contrário, admitindo o palíndromo e o movimento de ida e vinda do próprio nome. Em decorrência de um prêmio de arte contemporânea, fui selecionada para uma residência em Paris, no segundo semestre de 2021. Lá, em caminhadas diárias, encontrei estabelecimentos comerciais com meu nome, como lavanderias, restaurante vietnamita e salões de beleza. Um de meus últimos encontros com lugares com meu nome foi uma rua, em que me propus a ir conhecer e caminhar por ela, fazendo o registro de tudo o que via em gravação de voz, que resulta no texto dessa comunicação. São relacionadas práticas artísticas com referências escritas ou artísticas de Marília Garcia, Georges Perec, Maria Esther Maciel, Cesar Aira, Miwon Kwon e Julio Cortázar.

Palavras Chave: Processo artístico; Procedimento em artes visuais; Experiência de lugar; Inventário em artes visuais; Esgotamento em artes visuais.

Marian Rabello: um olhar sobre o feminino na arte pública capixaba

Fabíola Fraga Nunes

PPGA/UFES - Bolsista FAPES

Aparecido José Cirillo

FAPES/CNPq/PPGA/LEENA/UFES

Resumo

Esse artigo integra um estudo mais amplo sobre relações de gênero na arte pública capixaba, indo ao encontro da produção da artista capixaba Muralista e pintora Marian Rabello, em especial suas obras no ecossistema estético e seu processo criativo permeado pela artesanaria de sua produção, sem, contudo, abrir mão das novas possibilidades inventivas, simbiose entre o "antigo" e o novo. Não obstante ao caráter manufatureiro e tradicional da confecção de suas obras, o resultado geralmente primou não só pela qualidade estética, como também a resistência ao desgaste temporal, reafirmando o acerto em sua técnica construtiva. Porém, as tendências e intencionalidades do projeto poético de Marian Rabello ainda podem ser parcialmente resgatadas em seus rascunhos para obras, nas fotografias antigas de seu acervo pessoal e nos depoimentos em entrevistas de 2014, documentos estes pertencentes ao acervo de documentos de processo do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes da UFES (LEENA). Autodidata, seu trabalho em painéis de azulejaria tornou-se relevante para os estudos sobre Arte Pública capixaba, em particular, suas obras dos anos de 1965-1980, e seus mosaicos a céu aberto. Assim, neste artigo pretendemos apresentar, discutir e analisar esse conjunto de pré-obra, em escala mínima, documentos de processo que deram suporte para algumas obras em escala monumental. Esta pesquisa em andamento toma como referencial teórico-conceitual: Belo Gonçalves (2014) para dados sobre a artista; Foucault (1977, 1984, 1985), Scott(1989), Nochlin(2016), Pollock(2013) e Hollanda(2019) para estudos sobre relações de gênero e organização social; em Cirillo e Grandó (2009) e Salles (1998), busca-se as abordagens investigativas e arqueológicas do processo de criação; em Archer (2001) e Maderuelo (2012), com sua abrangência exemplificativa na paisagem artística contemporânea e o ecossistema urbano em que as obras da artista estão localizadas.

Palavras-chave: Processo de criação; Arte Pública; Arte Mural; Gênero; Marian Rabello

Fotoperformance e o universo digital: breve abordagem do tema

Allan Moscon Zamperini
Universidade Federal de Maro Grosso do Sul

Francisco de Paulo D'Avila Junior
Universidade Federal de Minas Gerais

Tais Chaves Prestes
Universidade Federal de Pelotas

Resumo

A Fotoperformance, uma das mais recentes expressões artísticas, desde sua aparição na década de 70, vem sendo impactada por uma série de transformações, principalmente no que se refere ao desenvolvimento tecnológico. Como uma técnica de criação visual, a Fotoperformance é anterior ao advento da Internet e das novas mídias, sendo interessante analisar como esses novos dispositivos e mídias sociais abarcaram o fenômeno da Fotoperformance. Recentemente, a crise imposta pelo novo coronavírus (covid-19), interferiu no cotidiano e nos processos de vida dos seres humanos. Os artistas também precisaram se adaptar aos impactos deste desafio, o maior do século XXI. Nesse sentido, quais foram as possibilidades de criação e propagação da fotoperformance a partir da Internet e das novas mídias digitais? quais foram as possibilidades de criação e propagação da fotoperformance a partir da pandemia do Covid-19? Desde o “Salto no Vazio”, de Ives Klein, e sendo a performance uma ação que o artista realiza para uma câmera, as novas ferramentas tecnológicas, softwares, dispositivos e outros mecanismos digitais são tomados como principais ferramentas de trabalho nesta linguagem ainda em emancipação. O uso de diversos formatos como Gif, figurinha, e sua propagação em plataformas como Facebook, Instagram e Tumblr, trouxeram novas perspectivas para a criação de fotoperformances, e que foi intensificada durante a pandemia de Covid-19, visto que a convivência e a realização de trabalhos se tornaram essencialmente digitais.

Palavras-chave: Fotoperformance; Mídias Digitais; Covid-19.

Na cena: a dança e seus intercursos

Juliana Rodrigues Cancio

Universidade Federal de Minas Gerais
Mestranda em Artes da Cena / Escola de Belas Artes

Carla Andréa Silva Lima

Universidade Federal de Minas Gerais
Pós-graduação em Artes da Cena / Escola de Belas Artes

Resumo

Nos últimos dois anos a crise sanitária causada pelo COVID-19 abriu espaços para novas formas de se fazer e viver, ainda que assustadoramente, pela deriva que a doença nos colocou. Não diferente nas artes, as criações foram tomando conta das redes sociais, “sustentada” pela necessidade de continuar a produzir – seja pela necessidade financeira, emocional ou pela oportunidade de expansão do próprio trabalho, como nos apresenta Faria (2020). A superprodução audiovisual das artes me fez indagar sobre as poéticas criativas em dança nesse contexto. O presente artigo traz uma consideração (ainda em análise e pessoal) sobre as poéticas e os processos criativos em/da dança entre os anos de 2020 e 2021, dialogando com os conceitos de percepção apresentados por Merleau-Ponty (1975) e com o gesto apresentados por Hubert Godard (2001). A partir dessa relação propõe-se uma reflexão sobre os intercursos da Dança nas Artes da Cena, articulando o processo criativo em dança apresentado por Poltronieri e Lima (2020), poéticas na dança digital de Ribeiro (2016) em diálogo com Barthes (1990) e à Lei do Sentido e o recorte do olhar apresentada por ele.

Palavras- chave: Dança; Poéticas criativas; Pandemia.

A poética tradutória de Ana Cristina Cesar

Karen Lemes Soares Santos

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

Por meio desta pesquisa, almejamos estudar o trabalho desenvolvido pela poeta, tradutora, crítica e ensaísta carioca Ana Cristina Cesar em sua tradução anotada do conto “Bliss”, de Katherine Mansfield. Assim, ao longo do nosso trajeto, buscaremos princípios do que orienta seu percurso criativo ao traduzir e dos possíveis diálogos que se estabelecem entre o projeto poético de Ana C. e seu trabalho como tradutora. Faremos nossas observações a partir das lentes críticas do processo de criação, que nos permitem encarar a tradução como um ato criativo e, assim, contínuo. Ademais, teremos como base a ideia de tradução literária como tipo específico de reescritura, uma (re)criação firmada sobre os alicerces de um projeto específico e previamente apresentado. A partir da aplicação desses princípios teóricos à análise do objeto de estudo, esperamos detectar e compreender melhor o que orienta o processo tradutório de Ana Cristina Cesar. Quanto à relevância desta pesquisa, vale ressaltar que ela vai além da aproximação promovida entre a tradução literária e a crítica de processo, ou de sua contribuição para a fortuna crítica acerca de Ana C.; em âmbito educacional, um estudo deste tipo pode ser enriquecedor para a formação de quem traduz. Isso porque, ao aproximarmos-nos da tradução por essas vias, é possível conhecermos melhor o que já foi feito para, assim, estabelecermos comparações e até mesmo transformações no que se produz.

Palavras-chave: Tradução literária; Processo de criação; Formação do/a tradutor/a; Ana Cristina Cesar; “Bliss”.

192 Agulhas: Narrativas Transversais

Luan Daniel Coelho Soares
Mestrando Programa de Pós-Graduação em Artes/UFES

Cláudia Maria França da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Este resumo analisa um trabalho artístico recentemente realizado. Relaciona-se com a pesquisa de mestrado em curso, que busca vincular Tatuagem e Desenho Contemporâneo, a partir de seus materiais, técnicas, suportes e gestos. A partir de uma solicitação externa consistiu na elaboração de um inventário de objetos que constituem o meu entorno. Deu-se a escolha de um objeto industrial dessa lista, a partir dele ou com ele, operações de desrealização funcional ou formal, serialização, enigmatização ou mesmo apagamento do objeto. Tal operação se embasaria a transformação de um objeto industrial relativamente comum em um objeto poético em escala manual. Percebi que o meu objeto mais próximo era aquele que mais utilizo – uma agulha específica para tatuagem. Cada agulha utilizada no corpo de alguém é descartável. Na medida em que coleciono tais objetos, pude perceber que, de certo modo, colecionava memórias de uma relação dada no fazer um “desenho” no corpo do outro. Cada agulha representa alguém em cuja pele foi deixada uma marca gráfica. A “agulha” representava uma materialidade que está em fluxo de uso e desuso no trabalho cotidiano, bem como uma coletividade, na medida de minha relação profissional com diversos sujeitos e seus desejos de singularizar, ainda mais, os seus corpos. Um toque interpessoal de dor consentida entre indivíduos, por meio de ações gráficas na superfície corporal, que acontece tanto por dentro quanto por fora, onde a intenção é o traço feito pelos percursos da agulha, causando manchas e dores ao mesmo tempo que satisfação e realização. Com esse objeto poético quis trazer à tona uma inversão de papéis, reunindo-os em uma só forma: minha própria mão reproduzida em glicerina, onde as agulhas foram aglutinadas e espetadas. O objeto traz, portanto, reflexões sobre a coletividade, o objeto desrealizado e serializado, bem como as aproximações e distanciamentos entre o fazer da tatuagem e do desenho.

Palavras-chave: Processo de criação; Desenho contemporâneo; Tatuagem; Umwelt; corporeidade

A ressignificação do registro de paisagem presentes nos arquivos de processo de Marcus Vinicius

Rafael Gonçalves Marotto
PPGA - UFES

Aparecido José Cirillo
PPGA - UFES

Resumo

A pesquisa propõe uma investigação do corpo e enredo do performer capixaba Marcus Vinicius de Souza Santos (1985-2012), buscando identificar em seus registros e arquivos de processo como as paisagens compõem as narrativas de seu trabalho. Compreendemos que as performances desse artista colocam seu corpo e sua ação estética no campo político dos novos ecossistemas urbanos, em especial, do território do estado do Espírito Santo. Trata-se de uma investigação com recorte teórico-metodológico centrado na concepção de corpo-paisagem e nos estudos arqueológicos do seu processo de criação. O corpus da pesquisa está sendo construído com a metodologia dos testemunhos, tomados a partir de amigos e familiares, além do acervo disponível na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, sob tutela da Galeria Espaço Universitário. Com a análise, busca-se evidenciar como os arquivos de processo podem revelar sobre os mecanismos de sua produção artística e sua concepção de paisagem em registro. Buscando entender os conceitos de paisagem ressignificada a partir do corpo performático que o habita. Estrutura-se como um estudo intertextual entre seus arquivos e sua obra final. Com uma abordagem metodológica de natureza bibliográfico-documental, a pesquisa toma como referencial teórico-conceitual Santos (2022) e Souza (2013), em suas abordagens sobre a definição de paisagem; em Grandó e Cirillo (2009) e Salles (1998), para as abordagens investigativas e arqueológicas do processo de criação; em Flusser (2013), uma abordagem reflexiva sobre as relações de fotografia e humanidade; e Archer (2001) com sua abrangência exemplificativa do cenário artístico contemporâneo no ecossistema urbano. Conclui-se, portanto, que este estudo contribuirá na construção e na percepção do corpo performático como atuador da paisagem pública, articulando-se com o projeto performático e plurissignificativo de Marcos Vinicius.

Palavras-chave: Paisagem; Processo de Criação; Marcus Vinicius; Arte Capixaba.

Í.M.P.E.T.O: uma metodologia para processos criativos colaborativos na sala de aula digital

Tailze Ferreira Melo

Instituto de Educação Continuada da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Noele Karime Silva Perpetuo

Instituto de Educação Continuada da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo

O que se constrói nesse saber viver juntos? É uma questão que nos convoca fortemente diante dos atuais desafios que temos vivido como docentes do ensino superior, na área de Processos Criativos, trabalhando em formato 100% on-line. Temos pensado bastante também em como os cadernos e rascunhos de processos criativos têm sido inevitavelmente afetados e transformados pelas possibilidades inauguradas pelos meios digitais, especialmente pós-pandemia. Essas inquietações nos levaram à criação de uma inédita metodologia de (re) conhecimento dos processos criativos e da autoria, direcionada a artistas da palavra e da imagem, que vem sendo há dois anos aplicada no contexto das aulas online da disciplina Pensamento Criativo, do Programa em Processos Criativos no IEC PUC Minas. Tal metodologia parte da ideia de que o gesto criativo, expresso pela escrita ou pelas visualidades, é essencialmente tátil; assim como também o é a convivência humana (o tão falado “presencial”), que a priori estabelece o ambiente ideal para a formação de comunidades criativas e a viabilização dos processos coletivos de criação. É pelas mãos que textos e imagens ganham os suportes digitais ou analógicos que os tornam reais no mundo. É de mãos dadas e “com a mão na massa” que se cria colaborativamente. Assim, a metodologia elege as mãos como um oráculo criativo do corpo. E, por meio dessa metáfora, conduz os estudantes por uma jornada de autoconhecimento e (re) encontro com suas potências autoral e criativa. Além de aplicada aos momentos aula, em leituras, diálogos e práticas individuais e em grupo, ela tem como principal ferramenta um caderno de natureza teórico-prática e formato analógico-digital. Trazendo pílulas teóricas, inspirações estéticas e proposições de exercícios, ele convida os participantes pouco a pouco a transformá-lo em seu diário de criação.

Palavras-chave: caderno de rascunhos; diário de criação; investigação dos processos criativos; metodologia em processos criativos; transposição analógico-digital

"O barril de amontillado" em HQ: um diálogo possível entre Poe e as mídias contemporâneas

Telma Elita Juliano Valente
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Este trabalho consiste na análise da tradução intersemiótica do conto *The cask of the amontillado* (*O barril de amontillado*), 1843 - extraído do livro *Ficção completa, poesia & ensaios*. POE, Edgar, 1ª ed., RJ, Companhia Aguilar Editora, 1965 com tradução de Oscar Mendes e Milton Amado - para a linguagem de quadrinhos. Convém esclarecer, que dentre as traduções dos contos de Poe para quadrinhos, nossa escolha recaiu sobre o livro *em quadrinhos Poe em preto & branco*, Editora FTD, adaptação e ilustrações de Xavier Besse (na edição espanhola e brasileira) com tradução de Luiz Antônio Farah de Aguiar. Para isso, aplicaremos o conceito de Tradução Intersemiótica - tradução que se faz por meio de linguagens ou sistemas de signos diferentes, na interpretação de signos verbais por meios não verbais ou de um sistema de signos para outro (JAKOBSON, 1969). A este aporte teórico somaremos a complementação realizada por Plaza (2008). Ou seja, sua tipologia de tradução ancorada na Semiótica de Peirce, especificamente, sua segunda tricotomia, que estabelece a relação do representamen quadrinho (texto de chegada) com o objeto conto (texto de saída), da qual podem resultar as traduções: icônica, indicial e simbólica. Ressaltamos que serão selecionados alguns elementos da linguagem de quadrinhos para proceder a tal análise, tais como: quadro, requadro, recordatórios, balões entre outros. Com isso, almejamos demonstrar que há uma intersecção entre um autor do século XIX – ignorado e relegado quase ao ostracismo no seu tempo - com as mídias da contemporaneidade num processo de atualização e ressignificação de uma de suas obras para a linguagem de quadrinhos. Resta dizer, que este estudo é parte de um trabalho mais amplo desenvolvido no Estágio Pós Doutoral durante a pandemia - que teve como objetivo investigar as traduções intersemióticas de contos do autor citado para a linguagem dos quadrinhos – que poderá, neste momento pós pandemia, instaurar um diálogo com novos interlocutores.

Palavras-chave: Análise; Conto; Poe; Tradução; Quadrinhos

Murilo Chevalier e o Babado Processual: um corpo/corpa em performance na rede

Wagner Miranda Dias
PUC-SP
Bolsa Capes

Resumo

Este artigo investiga determinados aspectos do processo de criação do performer paulista Murilo Chevalier. Esta análise é feita com base no escrutínio de seu trabalho de conclusão de curso apresentado à Pós-graduação Lato Sensu em Práticas Artísticas Contemporâneas da Faculdade Armando Álvares Penteado (FAAP), terminado em 2021, intitulado *Moço, eu só quero sentir* e na observação do perfil do artista na rede social Instagram. O texto *Babado Processual*, também de autoria do artista, é usado no item homônimo desse artigo. Esta reflexão é estruturada na consideração dos textos de Chevalier como documentos de processo e escrita performativa que ao serem pensados simultaneamente como arquivo e obra – índice processual - possibilitam acrescentar outras profundidades e olhares sobre seus trajetos de criação. Para isso, destaca-se a importância desses trânsitos que incorporam, ao percurso criativo de Chevalier, camadas de significados que se referem a processos de tradução interlinguagens e, também, a questões que dizem respeito à heteronormatividade e a censura dos corpos, flagrantemente nas redes sociais digitais ao replicam as normatizações do mundo não digital. A fundamentação teórica se estrutura a partir da Teoria Crítica de Processos de Criação de Cecília Almeida Salles. O referencial teórico propõe diálogos com Edgard Morin, Paul Preciado, Josette Fèral, Jacó Glusberg e Lúcia Santaella, entre outros.

Palavra-chave: Processos de Criação; Artes do Corpo; Teoria Queer; Audiovisual, Comunicação.



GD 2

*Implicações sociais e políticas na Arte em
tempos mídias sociais e realidades sobrepostas*

Estrutura Bruta: uma narrativa visual fotográfica sobre os símbolos de poder nas cidades

Ana Clara Amato Muner

PUC-Campinas

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Resumo

Este artigo se propõe a refletir sobre o meu processo criativo dentro do projeto Estrutura Bruta e sobre as possibilidades de modelos expositivos em formato online para artistas que utilizam a fotografia como ferramenta. Esta narrativa visual fotográfica composta de monumentos masculinos e femininos, cercas e estruturas falocêntricas de arranha-céus, pesquisa a arquitetura da cidade e seu pensamento moderno, onde prédios cada vez maiores são construídos, muitas vezes marcas do desenvolvimento econômico e que revelam o pensamento androcêntrico - tendência de assumir o masculino como único modelo de representação coletiva. Símbolo da cidade que ainda hoje constituem em matéria uma lógica que exalta a arrogância, o ego e o poder de figuras consideradas gloriosas e imponentes, criam um ambiente de espaços cerceados, constantemente vigiados e cada vez mais protegidos por cercas e câmeras, trazendo para São Paulo cenários de devastação e abandono. Para as mulheres, o que sobra no espaço público são representações hipersexualizadas, castas, de sofrimento, e santidade, reflexos de pensamentos violentos e opressores. O acesso irrestrito dos homens ao corpo das mulheres limita a capacidade delas de poderem ter acesso a cidade. Esse pensamento está dentro da lógica do planejamento modernista. É um martírio que gera perdas e dissintonia entre o corpo e o espaço urbano, sendo assim, sempre carregam uma forte perspectiva de gênero. Deste modo, será desenvolvido uma reflexão sobre as formas com que a arte contemporânea se posiciona como um meio potente para revisitar e criar novos valores, ampliando a discussão de artistas contemporâneas que questionam os discursos hegemônicos, responsáveis por constituírem a narrativa tida oficial, além de ampliar o debate sobre maneiras expositivas dentro do formato online inseridas no campo da fotografia.

Palavras-chave: Exposição online; Representação feminina; Fotografia; Poéticas visuais

Bem vindas, Marias: arte e a poesia da sobrevivência

Carolina Zamperlini Santos
PPGA/ Universidade Federal do Espírito Santo

David Ruiz Torres
PPGA/ Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

O poema e a pintura de arte são, sobretudo, uma criação humana. Não há obra poética sem sujeito. O poema e a pintura são o sujeito em ação. Para Otavio Paz há uma distinção entre poema e poesia. Para ele há poesias sem poemas, porque poesia está nos fatos do cotidiano, nas paisagens e no acaso. A poesia pode acontecer sem o poeta/artista, sem a sua capacidade criadora. No entanto o poeta/artista pode ser aquele que conduz a poesia ao poema; nesse sentido a poesia é poema quando através do indivíduo há a vontade artística. O poema e pintura são obras. O ponto de encontro entre o ser humano e a poesia das coisas. E é nessa relação do saber viver no si como o outro – na alteridade – e no espaço de experiência, que esse trabalho se alicerça. Apresentamos, aqui, um livro de artista elaborado como um livro-tela. Composta por um poema e sete pinturas em acrílica sobre algodão cru, ele é poesia em narrativa escrita e ilustrada. Poema que traça um diálogo com a prosa, posto que narra a história da origem de Benvinda Maria, uma menina sertaneja que é fruto da tragédia de tantas outras meninas. Nesse mundo construído por homens, embora alicerçado sobre a moagem dos corpos de mulheres que se insere a poética desse estudo. Nesse lugar do sensível que a artista dialoga com a tragédia cotidiana do ser mulher na mais árdua aspereza do mundo e ainda sim ser gênese de vida e sobrevivência. A construção desse poema nasce de inquietações internas da poeta, bem como do isolamento em tempos de pandemia. Em um momento cuja olhar pra dentro se tornou cada vez mais próximo e o celular fez-se companhia, a necessidade da escrita encontrou liberdade no tela cerrada de um grupo de whatsapp composto apenas pelo autor e suas idéias. Quando da abertura, ainda que pequena, porque as relações se aproximavam apenas pelas telas eletrônicas, construiu-se o livro-tela ilustrado como resposta a necessidade do toque, do cheiro e das texturas que a estética lisa do celular não traduzia.

Palavras-chave: poema, pintura, mulher, poesia, celular

Paisagem Sonora e UBIMUS – re-imaginando espaços acústicos

Gabriela de Azevedo Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo

Leandro Lesqueves Costalonga
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

A paisagem sonora tem uma relação direta e cíclica com a vida em níveis sutis e mesmo que não se esteja escutando atentamente, todo seu conteúdo é processado pelo cérebro através do sistema auditivo, interagindo com o organismo como um todo. A poluição sonora de ambientes urbanos possui o potencial de aumentar o estresse, que está relacionado a várias doenças. O objetivo deste artigo é fazer o levantamento dos sons que compõem a paisagem sonora de ambientes de cuidado com a saúde e discutir sobre a importância de se pensar o ambiente acústico desses ambientes para que ele não afete a saúde da população na elaboração e construção desses espaços de maneira interdisciplinar ao envolver arquitetura, design de interiores, arte, tecnologia etc. Será feita a análise de estudos previamente feitos através de revisão bibliográfica sobre conforto acústico, paisagem sonora e música ubíqua. É esperado que esta pesquisa gere diálogos entre diferentes áreas para uma maximização da experiência individual e em grupo, assim como sugestões sobre como o tema pode ser abordado para diminuir gastos com o sistema de saúde e melhorar a qualidade de vida da população que frequenta esses espaços através da reconstrução acústica feita pela união entre natureza, ciência moderna e arte.

Palavras-chave: paisagem sonora; percepção; acústica

Oito movimentos sobre fabulação de si e a comunicação social

Letícia Castro Simões

Universidade federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Resumo

O presente texto é uma produção em processo sobre o conceito de “fabulação de si”, proposto por Gilles Deleuze, aplicado aos estudos de Comunicação, sobre o audiovisual brasileiro, mais especificamente, no caso desse texto, o curta-metragem “Na missão, com Kadu”, de Aiano Bemfica, Kadu Freitas e Pedro Maia de Brito. O objetivo aqui é deslocar o gesto da fabulação de si, que advém do campo da literatura, para uma idéia de expressão e resistência política no campo da comunicação. Estou, nesse momento, cursando um intercâmbio com a Universidade do Porto, em Portugal. Aqui, fui alocada no departamento de Literatura, Cultura e Estudos Interartísticos. Em diversas ocasiões, me questionaram sobre o que a minha tese se debruça e de qual área de conhecimento venho. Quando respondo que estudo os conceitos de “fabulação”, “escrita de si” e “biografema”, com suas aplicações não na literatura, mas no audiovisual, compreendem a minha mobilidade para o dito departamento. O cinema, aqui, é visto como parte integrante das Belas Artes, descendente do grande campo das Letras. Quando mencionei que, entretanto, no Brasil, minha pesquisa se dá em Comunicação, meus colegas de turma me olharam intrigados. Já me perguntaram se o jornalismo não é contraditório à idéia de fabulação, assumindo que o campo comunicativo se restringe ao campo jornalístico. O meu professor da disciplina de Estética Literária, Luís Fernando Adriano Carlos, argumentou que a nomenclatura para o campo de estudo “Comunicação Social” só existiria no Brasil, se configurando uma certa aberração. A fala do meu professor me remeteu ao texto de Erick Felinto, quando investiga o que seria, afinal, a atual zona de trabalho da comunicação social. Felinto levanta a hipótese de uma teoria das mídias, mas antes disso, ele se pergunta, exatamente, qual seria o papel dos meios de comunicação.

Palavras-chave: fabulação de si; sujeito; comunicação social.

Para não esquecer: práticas de arquivos nas obras de Rosângela Rennó e Éder Oliveira

Everton Cardoso Leite
Universidade Federal de Pelotas

Matheus Guilherme de Oliveira
Universidade Federal de Pelotas

Resumo

O presente texto estabelece discussões acerca da narrativa nos trabalhos de artistas visuais que trabalham com arquivo, especialmente nas práticas artísticas de Rosângela Rennó e Éder Oliveira. Através de suas obras, buscamos diálogos que narrem o que não se pode esquecer, isto é, propiciar discussões acerca de camadas marginalizadas da sociedade, necropolíticas, apagamentos do cotidiano, identidade e apropriações de imagens, partindo de arquivos e jornais. Afim de melhor compreender o uso de narrativas e arquivos na prática dos artistas, estabelecemos uma relação com os trabalhos artísticos de Hélio Oiticica e o Grupo 3NOS3, anteriores aos artistas, que reapresentam uma narrativa dada. Para o diálogo e discussão trazemos conceitos de memória e arquivo de Priscila Arantes, Walter Benjamin e Ecléa Bosi e sobre arte e violência nos dão subsídio teórico, Nicolas Bourriaud, Susan Sontag, Maria Angélica Melendi e Annateresa Fabris. Através deste escrito, exercitamos a narrativa de práticas artísticas que estão fundamentadas em arquivos. Priscilla Arantes descreve o arquivo como: [...] um sistema ordenado de documentos e registros, tanto verbais quanto visuais, organizados para determinado fim. [...] (ARANTES, 2014, p.10) e também Michel Foucault salienta que: “O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares [...]. (FOUCAULT. 2008, p. 7). Sendo assim, com essas denominações, supomos que o arquivo deslocado para o campo das artes, possibilita a ordenação e a criação de histórias a serem contadas, memórias que serão recuperadas. É um inventário que o artista consulta ou encontra algo para a criação de um novo trabalho, possibilitando uma expansão de sua poética. Percebendo as possibilidades do arquivo nas obras apresentadas foi possível tecer reflexões acerca do cotidiano, da identidade, preconceitos, apagamentos, utilizando a narrativa como um meio de liberdade e de política.

Palavras-chave: Narrativa; Memória; Invisibilidade; Arquivo; Arte Contemporânea

Performance, moda e cidade: um estudo sobre o coletivo Debauxe

Noah Mancini

Mestrando em Cinema e Artes do Vídeo pela Universidade Estadual do Paraná
Bolsista CAPES

Resumo

A Debauxe é um coletivo artístico, que produz performances e peças indumentárias, participando de eventos de arte e viabilizando suas criações através do vídeo. Fundado em 2015 e prosseguindo as atividades até hoje em 2022, já executaram composições sonoras, fashion films, curta-metragens, coleções de roupas e editoriais fotográficos. Praticando uma moda que desafia as limitações de gênero, de comportamento e do belo, priorizam a não compra de materiais e a reutilização de peças que já foram descartadas pelo mercado, assim como questionam padrões sociais com abordagem disruptiva, sempre em perspectiva colaborativa com artistas pretos, trans e periféricos. Serão analisadas três obras audiovisuais: "Me devolve meu casaco da Debauxe" (2017), "I Love Brazil Carnival (2019)" e "Perseguição no meio" (2022) e suas derivações performáticas, tal como a provocação discursiva aos sistemas da arte, da moda e do vídeo - buscando um devir rizomático para se abordar a arte na vida cotidiana. Para abordar questões sociais no que tange o campo da moda e dos modos, serão utilizadas referências como Flávio de Carvalho, Gilles Deleuze, Paul Preciado. Já para versar sobre a linguagem audiovisual, Patrícia Silveirinha e Linda Hutcheon.

Palavras-chave: performance; vídeo; moda; coletivo artístico

Estudos de processos de curadoria, com ênfase em temas relacionados ao universo feminino, em ambiente online na América Latina

Wilson Renato Negrão
PUC-SP
CNPq

Resumo

O objetivo geral desta pesquisa é desenvolver um estudo sobre os processos de curadorias realizados em ambientes online, ao longo da pandemia, com a mulher e artistas que trabalham a questão de gênero na América Latina como foco e suas reverberações pós pandemia. Serão discutidas as intensas mediações geradas pela rede, impulsionadas pelas aparentes novas formas de comunicação no âmbito do sistema da arte, a partir do conceito de criação com redes em construção. São projetos curatoriais em rede que tiveram como consequências a participação de artistas produzindo em lugares diferentes do continente. A pesquisa objetiva as questões relacionadas ao gênero, pois pretende investigar os fenômenos produzidos nas artes plásticas, onde temas deste universo são compartilhadas, viabilizando uma investigação sobre os contextos políticos e históricos que sustentam suas produções. Serão, assim, estabelecidas perspectivas para o exame dos efeitos de mudança de paradigma na cultura e nos processos de criação em rede, considerando diferentes perspectivas: 1. Produção de conteúdo em rede; 2. Exposição de processos de trabalho e interação com o público; 3. Diversidade cultural na ordem midiática e redes sociais; 4. Diversidade de gênero; 5. Estudo de caso, como investigação do movimento FFALA - Primeiro Festival de Fotógrafas Latinoamericanas, que teve sede no Rio de Janeiro e apresentou trabalhos e debates vindos de diferentes países da América do Sul, apresentado em plataforma digital em abril de 2021. 6. Diversidade nas instituições e corporações privadas e 7. apresentação da experiência do pesquisador, que teve uma vasta produção artística, como curador de exposições e participação e Festivais no Brasil e exterior, durante o período estudando e através desta experiência será apresentado as transformações em eventos artísticos durante os dois anos de maior reclusão em virtude da pandemia e o cruzamento destas informações com os movimentos a partir de 2022.

Palavras-chave: Processos de criação em rede; ambiente virtual; diversidade de gênero; mulher; curadoria coletiva, fotografia; coletivos latino-americanos.



GD 3

Aspectos da subjetividade na arte contemporânea, o propositor e o público

Potencialidades formativas com plataformas de arte contemporânea

Julia Rocha

Universidade Federal do Espírito Santo

Ana Carolina Ribeiro Pimentel

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

A produção artística contemporânea tensiona os limites até então determinados para o campo, expandindo o conceito de arte em termos conceituais, matéricos e procedimentos expositivos. Em vista das constantes mudanças, não conseguimos atribuir conceitos fechados a respeito, visto que uma de suas principais características é justamente estar em um constante processo de construção e transformação. Outra problemática dessa relação entre arte contemporânea e educação está no volume de informações a que somos continuamente submetidos, tendo o mundo-imagem dominado os modos de se relacionar com a arte. Em diálogo com o modo de profusão da informação no mundo contemporâneo, as imagens são cada vez mais acessadas de forma facilitada e acelerada pelos meios de comunicação digitais, estando estes dispositivos sempre em mãos como ferramenta de pesquisa. Nessa configuração, professores e alunos são tanto propositores, quanto público dessas informações visuais e por isso se torna importante trabalhá-las a fim de desenvolver o pensamento crítico em relação aos dispositivos digitais. Em decorrência desses fatores, torna-se complexo que professores, mediadores e pesquisadores consigam desenvolver projetos envolvendo a prática artística contemporânea nas salas de aula e em espaços educativos. Partindo de reflexões sobre a importância da arte contemporânea na formação dos sujeitos e as transformações na aprendizagem com o advento das tecnologias digitais e a cibercultura, o site Entre Pesquisa foi criado com a intenção de reunir conteúdos de apoio e fomentar a formação inicial, ampliada e continuada em torno da relação entre educação e arte contemporânea, voltado para professores, estudantes e pesquisadores em Artes Visuais. Este artigo propõe analisar o potencial formativo das plataformas de formação em arte contemporânea, a partir de Pierre Lévy (1997), Joan Fontcuberta (2014), María Acaso (2006), Julia Rocha (2018) e Giselle Beiguelman (2020).

Palavras-chave: plataforma; arte contemporânea; formação de público

Obra fechada - o lugar para um mundo aberto

Ana Romãozinho

Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA) - Universidade de Lisboa,
Faculdade de Belas-Artes, Departamento de Pintura, Largo da Academia Nacional de Belas-
Artes, nº 4, 1249-058, Lisboa, Portugal.

Trabalho realizado com o apoio de uma Bolsa de Investigação da Fundação para a Ciência e a
Tecnologia (FCT).

Resumo

Esta proposta ao Seminário Ibero-americano Poéticas ES 2022 apresenta a série “ludografia” da artista portuguesa Ana Romãozinho (1996), produzida entre o final de 2019 e 2020 e apresentada ao público na Galeria Módulo, em Lisboa, entre janeiro e fevereiro de 2021. O conjunto de obras a analisar foi maioritariamente desenvolvido durante a crise pandémica da COVID-19, que obrigou de uma forma global à adoção de comportamentos sociais mais distantes e recolhidos, onde a casa e a distância passaram a ser, respetivamente, lugares e medidas que integravam os pressupostos de saúde e de segurança. Consequentemente, o recolhimento incutido pela maioria dos países impôs-se na prática dos artistas. De forma mais direta ou indireta, com menor ou maior consciência, as condicionantes moldaram tanto a forma como os artistas produziam como o modo como pensavam sobre o ato criativo. A série “ludografia” tem um forte carácter lúdico, no que toca a pensar as ideias de limite e de regra. A artista estabeleceu a seguinte premissa: “A mesma forma, a mesma cor, no mesmo sítio.” (Cf. Romãozinho, 2021, Tese de Mestrado, p. 78), como tal todas as obras que integram a série foram realizadas em folhas de papel de 35 x 35 cm, e nelas é representada uma mesma composição colorida. No entanto, em todas as obras a imagem-base que lhes é comum nunca é concretizada, ou seja, cada ludografia representa uma aproximação, ou uma reinvenção da regra estabelecida. Esta premissa nunca é representada. No entanto, ela é facilmente conceptualizada e imaginada pelo público que participa na construção da verdade e imagem-comum que une as várias ludografias. Assim, esta série permite refletir sobre novas abordagens à criatividade, sobretudo aquelas que surgem de limitações e restrições ao desenvolvimento, motivando novas dinâmicas criativas e possibilidades de experiência oferecidas ao espectador.

Palavras-chave: jogo; limite; regra; ludografia; criatividade;

A experiência do real na cena: uma proposta de análise a partir de um deslocamento histórico

Giovanna Galisi Paiva
Instituto de Artes da UNESP
CAPES

Resumo

Atualmente a ocorrência do real tem sido um elemento de destaque nas artes cênicas. Do final da década de noventa até os dias de hoje, é notável um desdobramento de espetáculos que desenvolvem cenicamente uma abordagem do real. Essa difusão provocou novos parâmetros na distinção entre realidade e ficção que influenciam a fruição estética dos espectadores de teatro. Carol Martín (NYU) no livro “Theatre of Real” (2013) se refere a um problema técnico no microfone do ator principal do espetáculo *Is.Man*, que prejudicou com que ele fosse ouvido. O som falhou totalmente em um momento clímax, levando o ator a sair de maneira abrupta do teatro. Isso gerou uma confusão entre o público se essa a ação foi intencionada pelo espetáculo ou se não passava de um erro técnico. Esse é um exemplo simbólico que evidencia a atual dissolução de fronteiras entre os domínios do real e ficcional que marca nossa atual experiência sensível. Porém, mesmo a presença do real sendo um fenômeno marcante na produção teatral nos dias de hoje, talvez não se possa restringi-la a um aspecto contemporâneo. Como aponta Erika Fischer-Lichte, o que caracteriza o teatro é a constante tensão entre realidade e ficção (Fischer-Lichte, 2013). O presente trabalho parte do estudo dos mistérios da paixão medieval e do contexto das torturas reais que o ator que interpretava Cristo era submetido com o objetivo de analisar a presença do real no teatro em um contexto que não o contemporâneo. Busca-se compreender como o real emerge na cena e qual a sua importância para a produção da específica poética. Será investigado como o conceito de irrupção do real pode ajudar a elucidar alguns elementos que estavam encobertos no determinado contexto histórico e como esse deslocamento de análise pode trazer novas possibilidades de construção para as poéticas do real e sua recepção na fruição de um espetáculo teatral.

Palavras-chave: teatros do real; realidade; ficção; performatividade

O que escuto é uma fantasia

Herbert Baioco
Serviço Social do Comércio - SP

Resumo

As páginas que seguem pretendem apresentar a realização do trabalho "Escuto, os espaços falam" (2017), bem como discutir questões relevantes, atravessamentos, acidentes e aspectos conceituais. O projeto explora a escuta dos espaços. Na forma de instalação é ativada pelo ato de escuta mediada por um dispositivo capaz de transformar texturas das paredes em som. O título do trabalho apresenta também uma proposição que atenta para se escutar aquilo que os espaços têm a dizer. Ou seja, a escuta aqui é entendida e apresentada como um ato performativo de apreensão da realidade circundante. O projeto parte da ideia de que as paredes poderiam armazenar algum tipo de memória, em suas ranhuras, texturas e substratos físicos temporais capazes de serem reativados. Diferente de uma suposta escuta espiã, que busca acessar o espaço privado por meio da aproximação da orelha, o exercício deste trabalho consiste em tornar audíveis fraturas contidas na superfície das paredes, fraturas compartilhadas e não aprisionadas principalmente por meio da pesquisa e criação de um dispositivo capaz de tal operação sensível.

Palavras-chave: escuta; instalação; performance; arte sonora; site specific

Resistências da arte: o que insiste em manter-se vivo

Isabela Frade
DAV/UFES
PPGARTES/UERJ

Resumo

Em recente desafio, a Galeria de Arte e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo - GAP/UFES retornava, em janeiro de 2022, ao modo presencial e, diante do vácuo social provocado pela crise pandêmica, propôs a artistas locais uma residência artística. No enfrentamento da terceira onda de SARS-COV em grave risco de contaminação, a tática encontrada foi o confinamento do artista na galeria através do projeto curatorial Residência Resistência, disponibilizando um espaço de produção protegido e oferecendo visibilidade através de suas redes sociais. A partir do que criassem no espaço interno, a galeria mediaria o contato com o público, estabelecendo um estado dialógico modulado, ativando modos de contato protegido para ambos, artista e público. Os quatro projetos selecionados foram sequencialmente apresentados durante os primeiros nove (9) meses do ano no retorno ao trabalho presencial previamente à retomada do seu programa regular de ações curatoriais. No presente texto, busca-se refletir sobre o papel de uma galeria universitária como espaço de formação de artistas e de público, assim como lugar de veiculação de discursos, ações e intervenções, instâncias próprias ao campo artístico. Através da noção rancieriana de “regime estético” (Rancière, 2011) são refletidos os aspectos próprios de resistência da arte. Sob esse viés, resistir significa a capacidade de não apenas gerar o novo diante do que se repete subrepticamente, mas de rasgar o véu das simulações distrativas e estabelecer, para a arte, um novo estado de consciência sobre si mesma. A GAP se dispôs, como lugar de pesquisa, a uma disposição crítica ao seu papel legitimador, resistindo a determinadas condicionantes reguladoras do meio. O signo da resistência também referiu-se ao enfrentamento à pandemia assim como um caminho de denúncia ao que estamos vivendo diante da situação política do país, com a universidade sofrendo ameaças constantes contra seu estatuto crítico, inovador e libertário.

Palavras-chave: residência artística; projeto curatorial; galeria de arte; modos de resistência.

Finca Tarumã - Arte na paisagem do Caparaó em sistema de autogestão

João Wesley de Souza
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

O presente texto tem como objeto de investigação o “Projeto Finca Tarumã - Arte na paisagem”. Tal centramento neste objeto específico, justificasse por se tratar de uma ação estética coletiva que tem a paisagem natural da região do Caparaó como seu Site Specific pré-determinado. Iniciado em 2008 com o “Projeto MOVIE” de João Wesley de Souza, hoje conta também com as obras de Cris Cabus (O olho vê o que também olha e também vê -2017) e de Sandro Novaes (Hecha - 2019). Atualmente funcionando como iniciativa artística particular em sistema de autogestão, apoiado pelo escritório de arte, o projeto estuda a viabilização de outras obras, já projetadas por vários artistas como as obras de Andreia Falqueto e Lia do Rio, já em construção. Sua abertura à visitação pública está programada para o primeiro semestre de 2023. Finca Tarumã trata-se de um sítio particular que abriga o referido projeto artístico de interferência definitiva na sua paisagem. Tais intervenções consistem na realização de obras de arte definitivas, em grande escala, a céu aberto, em uma área de dois hectares da Finca Tarumã, localizada na região do Caparaó no município de Ibitirama, Espírito Santo, Brasil. Trata se de uma ação cultural extensiva do escritório de arte Wesley e Cervilla Art Bureau, <http://wesleyecervillaartbureau.com/> , situado em Granada, Espanha, no sentido de ser uma Startup, inicialmente promovida por este escritório que visa no futuro, seguir como uma fundação auto sustentável gerenciada pelos artistas participantes, funcionando em uma sistema de autogestão. Neste sentido entendemos que o texto resultante desta abordagem sobre esta ação artística situada nos limites fronteiriços do Espírito Santo, poderá apresentar, em tese, uma ação estética coletiva, fora das galerias tradicionais que tem como premissa, uma convivência interativa entre artistas inscritos no contexto da arte contemporânea, levada a cabo, dentro do citado projeto.

Palavras-chave: Arte na paisagem; Finca Tarumã; Autogestão artística; Arte Contemporânea

Para uma mediação cultural de aproximação

Jovani Dala Bernardina

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

João Wesley de Souza

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo

A arte contemporânea a partir da popularização do conceito do Campo Expandido ampliou horizontes para criação de novas ações estéticas, proporcionando ao artista da atualidade os mais diversos meios de produção, circulação e interação entre o público e as imagens artísticas, permitindo assim, realizar obras tanto no mundo real quanto no virtual. Posto que anteriormente a comunicação relacional entre obra e fruidor fazia uso de uma estratégia toda voltada para um observador passivo, após os anos sessenta, estes observadores são convidados a intensificar sua relação com as imagens artísticas rompendo então com a observação passiva e abrindo espaços para outras formas de convívio onde a interação relacional é enfatizada. Frente a crescente liberdade expressiva do público, já incorporado destas novas possibilidades de fruição artística, a demanda por novas formas de intermediação centradas na aproximação que incorpora os mais diversos modos de recepção do público no âmbito da cultura contemporânea torna se imperioso. No sentido de entender e incorporar novas estratégias de comunicação com este novo observador, a presente escrita objetivará apontar para novas dinâmicas relacionais entre autor, intermediador e frequentador. Tal triangulação relacional e indicações de novas formas de relação entre estes distintos sujeitos da arte, deverá estar amparada por uma tríade semiótica, onde o fluxo de comunicação entre um autor, um interpretante e os possíveis modos de recepção do público sejam intensificados. Para ilustrar estas possibilidades hipotéticas, vamos fazer uso da experiência que o presente autor acumulou durante a observação das visitas guiadas realizadas na Exposição Ato Falho, Casa Porto das Artes Plásticas, Vitória - ES entre o período de 28/04/22 a 28/07/22, sendo nosso objeto de investigação uma experiência exclusiva de Vitória, partimos deste particularismo, objetivando saltar deste limite fenomenológico do presente autor, para conclusões com alcance universal.

Palavras-chave: Arte contemporânea; Mediação cultural; Comunicação relacional; Aproximação

O grotesco entre a subjetividade e a coletividade: revisitando o projeto Venus of Willendorf de Brenda Oelbaum

Júlia Mello
Centro Universitário FAESA

Resumo

O artigo apresenta uma análise do projeto Venus of Willendorf da artista estadunidense Brenda Oelbaum, iniciado em 2008 e ainda em execução. Oelbaum resgata figuras rotundas da história da arte, como a Vênus de Willendorf, construindo novas linguagens de crítica às dietas e aos padrões corpóreos. Fala de si através da fotografia, da escultura, do vídeo, das performances e das instalações, debochando e convocando o público para ações colaborativas através de uma poética permeada por excentricidade e excessos. A artista serve-se de justaposições de imagens e textos que privilegiam o corpo feminino esbelto e atlético, chamando a atenção para a exclusão e o silenciamento dos que não se inserem nesse modelo. Sua produção insiste na visibilidade da corpulência. Partindo dessas considerações, o objetivo é retomar o complexo conceito de grotesco para estudar o teor autobiográfico da artista, o combate ao preconceito em relação ao corpo gordo em tons provocativos e o resgate de elementos da história da arte e do feminismo. Através da metodologia da cultura visual, o estudo explora aspectos subjetivos, políticos e sua transmutação para a coletividade, considerando ações partilhadas envolvendo a troca de matéria-prima para a execução das obras e instalações. Em mais de uma década, o projeto se reconfigurou se desdobrando em novas ações ativistas, incluindo o No Diet Day, retomado na atualidade. Os resultados revelam a expansão das propostas sobre a escrita de si reforçando a dimensão inarredável do contexto sociocultural nos registros da trajetória da artista.

Palavras-chave: Arte contemporânea; grotesco; corpo; subjetividade; ativismo

Hogramas não figurativos: janela para uma nova dimensão

Lia Maurer

Mestranda na Korea National University of Arts
Art Major Asian Scholarship

Lee JuYong

Professor Mestre na Korea National University of Arts
Departamento de Artes Visuais

Resumo

Os hologramas comumente se assemelham a fotografias por serem um registro de um objeto em um filme ou placa de vidro preparada com químico. Porém, enquanto a fotografia condensa a realidade em uma imagem bidimensional, o holograma gera uma representação tridimensional preservada do objeto, na qual cada ponto pode reconstruir toda a imagem. Ao contrário do processo fotográfico em que a imagem é feita a partir da soma de pontos que refletem a luz do objeto e imprimem de forma correspondente na superfície do material fotossensível, na holografia o registro é feito com laser que quase que scannea o objeto, objetando uma escultura de luz. O que se registra não é uma imagem, mas um padrão de interferência entre ondas de luz que devem ser iluminadas por um feixe de luz (spotlight) para reconstituir a imagem. Portanto, é possível ver diferentes ângulos do objeto dependendo do ponto de vista, mostrando realmente o nome ‘holograma’: da palavra grega ‘hólos’ que significa “todo” e ‘grama’ que significa “letra/mensagem”. O presente estudo está se desenvolvendo atualmente em Seoul, na Coreia do Sul, e visa trazer a abstração para o holograma, entendendo a percepção do observador quanto a obra. Como o holograma é como uma janela para a obra de arte, seguindo minha poética artística, trago o holograma como uma janela, porém uma janela para uma nova dimensão.

Palavras-chave: Holograma; abstração; não-figurativo; holografia; arte contemporânea



GD 4

Arte e Cidade: a arte pública e as estratégias de coabitar a cidade no contexto dos países ibero-americanos: teorias e processos

Finca Tarumã Brasil - instalações para Land Art

Andreia Falqueto Lemos

Doutoranda em Historia y Artes - Universidad de Granada/Espanha

Sandro de Souza Novaes

Doutorando em Historia y Artes - Universidad de Granada/Espanha

Resumo

A paisagem continua sendo um conceito emergente tanto na arquitetura contemporânea quanto nas artes visuais contemporâneas. Pela inter-relação proposta inicialmente por R.Krauss, abriu-se uma sensibilidade às questões relacionadas a essas duas formas de interagir com o espaço. O que inicialmente era terra, árvores, hoje é o cenário da vida do homem. Buscamos também uma contemplação estética que una a experiência proporcionada por uma infraestrutura funcional e por trabalhos artísticos e investigações que transformam nossa forma de interagir com a natureza: Land Art e ArtPovera. Entramos então no contexto da obra no espaço aberto. Mas que espaço é esse? Aqui, neste caso, é a natureza que circunda a morada humana. Como proposta artística para a Land art no Espírito Santo, nasceu a Finca Tarumã, um projeto do Artista, Arquiteto e Professor João Wesley de Souza (UFES/BR). O projeto “Finca Tarumã - Arte na paisagem” consiste em obras de arte em grande escala, a céu aberto, em uma área de dois hectares, localizada no interior do Espírito Santo, Brasil. Em 2022, o projeto recebe o trabalho dos artistas brasileiros Sandro Novaes e Andreia Falqueto, alunos brasileiros de doutorado da Universidad de Granada/Espanha, propondo a interação com o espaço e o tempo da natureza, arte e arquitetura. Os projetos mesclam pintura, escultura e performance de forma transdisciplinar. Utilizando matérias-primas, temos pintura fora da pintura, esculturas que cercam o espectador, o cubo branco fora do ambiente urbano.

Palavras-chave: Land-art, pintura, escultura, natureza, paisagem

Projeto Feracidade - discutindo as imbricações urbanas através de um mapeamento coletivo

Clarice Dellape

Mestranda em Artes Visuais no Programa de Pós-Graduação
Financiada pelo Capes

Resumo

O seguinte artigo tem como objetivo constituir mais informações a respeito de imbricações do espaço urbano através de uma atividade coletiva e poética. Para tal, desenvolveu-se o Projeto Feracidade, que consiste em um mapeamento da Arquitetura Hostil, que pode ser compreendida como um conjunto de práticas e objetos que impedem os viandantes de permanecer no espaço público, como divisórias em bancos, lanças em muretas ou pedras embaixo de um viaduto. O projeto Feracidade está sendo elaborado coletivamente por meio das redes sociais, de uma plataforma digital com um mapa interativo e de uma galeria de fotografias. O projeto recebe os registros dos usuários e os classifica por sua localização e natureza, contendo também os comentários enviados. Também são distribuídos adesivos para a demarcação de tais elementos no espaço público e divulgação do projeto. O resultado fica disponível para consulta na plataforma, que também contém postagens sobre a temática. O mapeamento segue modelos já realizados em outros países, porém busca trazer o debate para a realidade nacional e suas complexidades, especialmente em um período pandêmico de forte crise humanitária. Espera-se que o Projeto Feracidade busque estimular um olhar mais atento ao ambiente urbano, suas paisagens e demandas sociais, convidando os usuários a traçar rotas que possibilitem a experimentação estética do ambiente urbano, aproximando o fazer artístico da vivência cotidiana, através de elementos como a deriva, a fotografia e a intervenção urbana com a colagem de adesivos referente ao projeto. Assim, a partir da materialidade dos elementos da Arquitetura Hostil e das memórias relativas a ela, pretende-se discutir os discursos excludentes pelo qual a cidade se ergue. O projeto também visa dar um novo uso às plataformas do Google e uma abordagem expandida da fotografia, utilizando o Google Street View como recurso de exploração da cidade, identificação de seus entraves e registro fotográfico.

Palavras-chave: Arquitetura Hostil, Mapeamento Coletivo, Arte urbana, memórias

Obra de Arte Pública: Familiaridade e afeição

Eloiza Comério

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo

A Arte Pública, tem ganhado espaço, atenção, visibilidade e apreciadores desde sua expansão. Saltou dos museus e ganhou o mundo. A partir da análise histórica evolutiva, é vista, lida e interpretada por inúmeras perspectivas. Para cada detalhe, há uma história, um patrimônio a ser desvendado e portando, infinitas possibilidades para trabalhar e ler estes espaços. Este artigo apresenta uma análise acerca da arte pública de Colatina, a percepção imagética das obras e a relação estabelecida com os transeuntes. Objetivou estudar as relações de ‘afecto’, familiaridade, coabitação e o processo de mediação construído entre os transeuntes e a obra em si, através de entrevista disponibilizada por formulário Google forms, que identificou as preferências e a relação de familiaridade sob a óptica dos transeuntes, no processo de criação entre Arte e Cidade. Partimos do pensamento de Luigi Payreson e a estética da formatividade, que propõe pensar a Arte a partir da visão do artista que a propôs. Selecionamos os monumentos e obras instaladas no Centro de Colatina. Enfatizando o ‘Triciclo Gigante’. Respondemos três questões: A intenção do artista ao produzir esta obra. As considerações do público transeunte do espaço escolhido para a instalação desta obra. A percepção do público que se relaciona com a obra. O processo de acolhida pelos sujeitos/transeuntes. O estudo revelou a intencionalidade da concepção do artista ao idealizar a obra, a familiaridade do público, o diálogo com a prática do ciclismo e a resistência dos entrevistados, por fatores políticos e culturais, oriundos da ausência de consulta pública, Esta ação reforçou que o envolvimento antecipado dos circundantes, permite a valoração e o sentimento de apropriação destes objetos, que agregam beleza e transformam o entorno da paisagem natural e construída, tornando o ambiente significativamente pensado como arte pública, para além de uma ação política e que hoje integra a paisagem urbana.

Palavras-chave: Arte Urbana- Mediação- Familiaridade- Percepção Pública- Memória - Envolvimento.

Dona Dominga, para além das escadarias do poder

Fabiola Fraga Nunes
PPGA/UFES/FAPES

Fabricio do Rosário Moreira
PPGA/UFES

Aparecido José Cirillo
FAPES/CNPq/PPGA/LEENA/UFES

Resumo

A presente pesquisa tem o objetivo de humanizar o monumento público, dialogando com a sua representatividade e consequentemente ressignificar uma História a muito contada através dessa obra, porém com um olhar mais detalhado e focado nas atuais relações de pertença do monumento. No caso específico, lançaremos luz ao monumento Dona Domingas que “reside” no Centro da capital do Espírito Santo, sem, no entanto, usufruir do respeito e reconhecimento inerente a sua importância na Cidade. É comum, a auto-homenagem das estruturas de poder, para que se perpetue uma imagem vitoriosa e imponente; não obstante a isso, “Domingas”, por motivos óbvios (mulher, negra e da periferia) ultrapassou os limites desse narcisismo tão característico ao status quo, sendo imortalizada na presente obra. A “conversa” com o monumento Domingas pretende, entre outras coisas, investigar aspectos da personalidade dessa mulher, enxergar sua importância histórica para muito além da época em que viveu. Para tanto, parece inevitável transitar pela autoria dessa obra. O artista Carlo Crepaz, cuja marca autóctone da periferia urbana está presente na construção desse monumento, o que nos remete a importante aspecto desse trabalho: A relação pessoal entre criador e criatura. Isso fica bem claro ao observarmos os detalhes da escultura. Finalmente, faz-se necessário, de forma atemporal “localizarmos” espelhamentos de Domingas na sociedade contemporânea. Como referencial teórico-conceitual Foucault (1977, 1984, 1985) e Jesus (1992) para estudos sobre organização social; em Pollak (1986, 1989) e Souza (2022) busca-se as abordagens Históricas sobre monumentos; em Archer (2001) e Cirillo (2020) com sua abrangência exemplificativa na paisagem artística contemporânea e o ecossistema urbano em que as obras da artista estão localizadas.

Palavras-chave: Monumento; Memória; Arte Pública; Gênero; Resistência

Herança + O Fabuloso Inventário das Obras do Meu Avô: a cidade como legado da arte de construir

Gabriela Leandro Pereira

Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia

Mariana Leandro Pereira

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Escola da Cidade- São Paulo

Resumo

Entre maio e julho de 2022, a instalação “Herança + O Fabuloso Inventário das Obras do Meu Avô” ocupou, junto com outras tantas, o salão do SESC Paulista na 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, trazendo como provocação o tema da invisibilidade dos construtores no debate, na história, na memória e na curadoria de arquitetura e urbanismo. Partindo da imbricada relação entre vida, trabalho e a arte de fazer cidade, as autoras, netas de trabalhadores da construção civil, mobilizaram documentos, fotografias, áudios, recibos, plantas e projetos que deram forma à um livro-objeto, criado a partir de um álbum de fotografia com páginas adesivas autocolante, nas quais legendas nada burocráticas buscavam revelar fragmentos de histórias familiares que são também memórias da transformação da vida urbana. Foi objetivo das autoras também instaurarem um debate sobre a questão racial, colocando em evidência o caráter brancocêntrico das narrativas construídas sobre as cidades quando centrada em edifícios e seus arquitetos, majoritariamente brancos. A instalação e este artigo são inspirados pelo debate em torno dos arquivos negros e da cultura visual negra que mobiliza artistas, curadores e teóricos como Saidiya Hartman, Theaster Gates, Deborah Willis, bell hooks e Aline Motta; além de artistas e acadêmicos que se debruçam sobre a história material da cidade como a história material da raça, como Katherine Mckittrick, Adrienne Brown, Amanda Williams.

Palavras-chave: cidade, arquitetura, racialidade, construção civil, arquivo

Resgate à Memória. Os Monumentos e a Cidade

Gustavo Henrique Luz de Abreu
PPGACV – Universidade Federal de Goiás

Samuel José Gilbert de Jesus
PPGACV – Universidade Federal de Goiás

Resumo

O conceito de patrimônio está diretamente ligado ao conceito de monumento. Embora esses conceitos sejam semelhantes, é importante salientar, no entanto, suas diferenças. Apesar de utilizadas, alguns autores analisam sua diferenciação. Segundo André Chastel (1986, p.405) “o termo latino patrimonium designa a legitimidade familiar de quem mantém a herança” fortalecendo a ideia de “relação particular entre um grupo juridicamente definido e certos bens materiais bastante concretos”. De acordo com Françoise Choay (2006, p.11) a palavra patrimônio estava ligada a estruturas familiares, jurídicas e econômicas de uma sociedade, e com o tempo passou a ser utilizada para termos diversos: natural, histórico e genético. O patrimônio como preservação passa a ser pensado a partir do momento em que a ideia de conservar um edifício ou obra, pelo fato de ter importância dentro da história, de acordo com Fonseca (2005). Se, no caso da tradição cristã, foi a igreja a guardiã dos objetos de culto e gestora de sua transmissão, o que chamamos patrimônio só vai constituir-se efetivamente como corpus de bens a serem cultuados, preservador e legados para uma coletividade, em função de valores leigos, como os valores históricos e artísticos, e enquanto referências a uma identidade nacional. (FONSECA, 2005, P.55) Vários adjetivos foram acrescentados ao termo patrimônio: edificado, arquitetônico, histórico e cultural, visto que o patrimônio constitui o objeto de discussão nas áreas da antropologia, da sociologia e da história. Desta forma, o patrimônio é entendido como vestígio ou herança de uma época, possibilitando o indivíduo no presente observar o que o passado deixou naquele espaço.

Palavras-chave: Monumento, Cidade, Pedro Ludovico Teixeira, Bustos, Goiânia.

Limites e fronteiras do caminhar como proposição poética: memórias, mapas e medos

Karoline Rodrigues Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo

Cláudia Maria França da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Apresentamos este texto, recorte da pesquisa de mestrado em curso. Trata-se de uma investigação teórico-prática acerca das possibilidades estéticas e poéticas do caminhar na cidade contemporânea. Esta movimentação urbana de natureza experimental, tem suas origens, entre outros, da flânerie, da deriva e de ações de artistas da land art, que começaram a caminhar assumindo o próprio ato como linguagem artística, mas em terrenos afastados das grandes aglomerações urbanas. No ato em si, detectamos relações entre o caminhar e aspectos territoriais da cidade, as quais interferem na necessidade de uso de dispositivos (mapas, por exemplo) e na eclosão de afetos (medo e reminiscências afetivas). Adentrando territórios, percebemos os limites e fronteiras, por meio de diversos índices que nos atravessam. Limites são traçados físicos ou imaginários que desenham territórios, tensionam a locomoção e assim problematizam a livre apropriação do espaço por um indivíduo ou grupo. Já as fronteiras, por mais que apontem para a posse de territorialidade, indicam relações entre os dois lados: o dentro e o fora, o antes e o depois. Temos como recorte de objeto, o centro da cidade de Vitória (ES) que é permeado por limites e fronteiras, levando em conta o aterramento marítimo, os bairros adjacentes, além de se situar na franja do Parque da Fonte Grande. No entanto, caminhar neste lugar torna-se uma experiência de extrapolar limites e experimentar o que o espaço urbano oferece com toda a sua especificidade histórica e artística, para a construção de uma cartografia afetiva. Deste modo, os mapas são importantes como documentos e dispositivos de localização; a memória como recurso mental para despertar afetos ou mesmo, se perder, entre os tempos envolvidos e por fim, o medo e a tensão de agir dentro de zonas de fronteira entre a cidade instituída e a cidade que se organiza e se desorganiza, o lugar do desconhecido, refratário ao instituído.

Palavras-chave: limites, fronteiras, caminhar, cartografia afetiva.

“Não basta colocar uma obra na rua para ela se tornar pública”: uma questão entre Arte Pública e as populações em situação de rua no Rio de Janeiro

Mariana Gonçalves Paraizo Borges

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro pela linha de pesquisa em Linguagens Visuais
Bolsa Faperj nota dez

Resumo

O presente artigo visa documentar e refletir sobre os dilemas no processo de criação da obra “Espadas, Paus, Copas e Ouros”, projeto de arte pública de minha própria autoria, à luz de alguns monumentos e instalações de arte brasileiros que já foram utilizados como abrigo por pessoas em situação de rua. Esta pesquisa se interessa por compreender como estratégias higienistas adotadas pelos órgãos institucionais da cidade interferem na paisagem da cidade, por mapear questões relativas à institucionalização de um monumento e medidas urbanistas opressoras, e levantar possíveis estratégias contra estas medidas. Este projeto de arte pública se coloca como objeto de estudo social e político, refletindo sobre as possibilidades de contorno das políticas higienistas e de arquitetura hostil que se acirraram desde a Copa do Mundo e das Olimpíadas. O disparador para ele é a lembrança de um monumento às cercanias do estádio do Maracanã, removido em 2014, que homenageava o esporte, a cultura e o lazer, e que frequentemente era ocupado pela população em situação de rua da região. Monumentos em diversas cidades nas cinco regiões brasileiras são frequentemente tomados pela população em situação de rua como abrigo. Este uso não é legitimado pela prefeitura enquanto tal, tampouco pela mídia em geral, que, em incontáveis reportagens apela a justificativa como a conservação de patrimônio e a manutenção de segurança para moradores proprietários das regiões para que o estado impeça os assentamentos informais. A derrubada do monumento do Maracanã não é, à princípio, tida como parte das famigeradas remoções para obras relativas à Copa no Rio de Janeiro. As tensões do evento são dissipadas com contornos outros às motivações para a retirada da grande escultura. É simbólica sua derrubada para uma cidade que se coloca como uma capital da arte pública no mundo, considerada recordista da arte a céu aberto. Seria, no entanto, impossível dizer que a cidade é uma capital da “arte pública”.

Palavras-chave: arte pública, brasil, arquitetura hostil, habitação, abrigo

Das escolas para as ruas: de uma ocupação de si a uma estético-política urbana

Mariana Pimentel
UERJ / Coletivo 28 de Maio

Jorge Vasconcellos
UFF / Coletivo 28 de Maio

Resumo

Propomos pensar as ocupações secundaristas -SP-Rio 2015-6- como dispositivos de subjetivação-artista, pois, por meio dessas ocupações se constituiu um outro modo de habitar o espaço escolar e de realizar ações urbanas de enfrentamento ao poder instituído. Defendemos que os estudantes reinventaram a si mesmos acionando uma estética de si quanto passaram a realizar ações urbanas por meio de procedimentos estético-políticos e performáticos, acionando modos próprios ao campo da arte de operar. E isso porque para além de uma ocupação política de enfrentamento à postura autoritária e arbitrária das esferas governamentais o que lá se deu é a invenção de um outro modo de habitar o espaço escolar: este antes aprisionado à função estudante-estudante (assistir aula, cumprir as tarefas...) torna-se agora estudante-faxineiro, estudante-cozinheiro, estudante-pesquisador, estudante-professor, estudante-ativista, estudante-etc. Agora já não é mais a escola que produz em série estudante-estudante, mas estudante-etc que produzem sua própria escola enquanto reinventam coletivamente a si mesmos. É justamente esse estudante-etc que toma para si práticas próprias ao campo das artes para ocupar as ruas: um pensamento estético e artístico passa a orientar o modo de ocupação das ruas. O deslocamento dos objetos do universo escolar para as ruas, a utilização de materiais plásticos com o intuito de produzir um impacto visual e a aliança com coletivos de artistas e ativistas transformou as manifestações secundaristas em verdadeiras ações de arte pública. É exatamente essa virada estética que o coletivo de arte e ativismo urbano Contrafilé aciona ao propor o Espaço Dispositivo na exposição Playgrounds no MASP como forma de apresentar o encontro com os secundaristas de luta. Portanto, é ao mesmo tempo que uma estética de si coletiva se institui nos espaços escolares que esses estudantes também passa a tomar para si a invenção de uma estético-política estudantil de ocupação das ruas.

Palavras-chave: Ocupações secundaristas; ações estético-políticas; dispositivo de subjetivação; ativismo; arte pública

ReciproCIDADE: relações estimuladas pelo sincretismo em obras de arte pública

Milena dos Santos Kohler
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Reciprocidade: Qualidade ou característica de recíproco; mutualidade, recíproca, reciprocização¹. Caráter do que é recíproco. Correspectivo, correspondência, unilateralismo². Diante dessas definições, observam-se neste as possibilidades de relações e trocas impulsionadas pela coabitação entre seres humanos e obras de arte em espaços públicos, aqui chamadas de “ReciproCIDADE”. Ao compreender o inventário de arte pública de uma comunidade ou de uma delimitação geográfica enquanto consequência de processos históricos e sociais e cada obra como instrumento para comunicação de uma mensagem pertinente a uma época, assume-se que coabitar espaços onde a vida em processos coletivos acontece é trocar com a cidade sentimentos que aproximam e afastam. Aspecto marcante na construção da híbrida religiosidade brasileira, o sincretismo – resultado de traduções, apagamentos e resistência nas relações entre indígenas, europeus e africanos, de forma mais geral – estimula processos de “ReciproCIDADE” quando presente em obras de arte pública. Ser atingido visualmente por uma obra – e ocupar o mesmo lugar que ela – é experienciar a interação com os pensamentos, as lutas, as dores e a alegrias de outro, com as marcas deste e de outros tempos e com a reunião de uma multiplicidade de expressões. A “ReciproCIDADE” inspirada por obras de arte pública onde o sincretismo está presente é a base para iniciar as reflexões aqui propostas.

Palavras-chave: ReciproCIDADE; arte pública; sincretismo.

Modernismo no Brasil: apontamentos iniciais para uma revisão do cânone a partir da arte mural

Patrícia Martins Santos Freitas

Profa. Dra. Departamento de Teoria da Arte e Música (UFES)

Resumo

O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 gerou debates em torno do evento considerado formador de uma ideia de modernismo no Brasil. Seminários, grupos de pesquisa e exposições têm se ocupado em revisar os termos em que esse modelo se estabeleceu, somando vozes que ecoam novos sentidos. Se por um lado parece cada vez mais claro que revisar o modernismo no Brasil passa pelo exame do que se entende por modernidade, por outro, a prerrogativa da pintura e escultura como pontos de partida parece desgastada. Neste contexto, torna-se premente nos voltarmos para outras produções, no que destaco a arte mural. O estudo dessa produção nos força a estabelecer outros critérios para seu entendimento, nos apresentando um sentido ampliado para a experiência de modernidade no Brasil. Partindo deste ponto, proponho uma comunicação que aborde alguns destes critérios, a partir de três eixos: as relações entre arte e crescimento urbano, o papel do muralismo para disseminação da linguagem moderna nas grandes cidades e as estratégias de produção dos murais, que incluíam a colaboração de indústrias locais. Tomo como objeto particular a produção mural de São Paulo, comparando-a eventualmente com outras capitais brasileiras. Busca-se assim uma reavaliação dessa produção, deslocando-a do lugar marginal que em geral ocupa, para recolocá-la no espaço de desenvolvimento do modernismo no Brasil. Propõe-se substituir as explicações pautadas em conceitos como autonomia e qualidade, por aquelas que se concentrem nos caminhos de circulação de imagens, pessoas e saberes no contexto urbano-industrial do Brasil. Com essa visada, intenta-se principalmente repensar estatutos pré-estabelecidos na história da arte moderna, compreendendo melhor diálogos entre arte e cidade, à medida que abdica-se da ideia de uma produção única, fundante e canônica.

Palavras-chave: muralismo; modernismo; arte urbana

Marta Neves, o elã e a incompetência

Pedro Moreira

PPGArtes – EBA/Universidade Federal de Minas Gerais
CAPES

André Arçari

PPGAV – EBA /Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O artigo propõe analisar a série “Não Ideias” (2001-atual) da artista mineira Marta Neves, onde um conjunto de faixas com frases formadas por histórias de vida apropriadas de diversas pessoas são erguidas. A série busca indagar como o modelo de produção mercadológico industrial de matriz capitalista opera de modo falho na cultura e no sistema da arte. Contrapondo os problemas de contínua produtividade, Neves elabora sua proposta a partir da incompetência, lidando com a própria frustração de não saber o que expor. Assim, o trabalho surge do esgotamento momentâneo de suas ideias. As frases presentes em suas Não Ideias trazem relatos sobre a incapacidade de se ter uma ideia, que, por sua vez, são coletados de pessoas em situações diversas na banalidade da vida cotidiana. Neves trava uma relação direta entre a incompetência criativa e a presença no espaço urbano, utilizando como suporte material a precária faixa de rua. Essa precariedade explorada é camuflagem e alarde, podemos inseri-la, também, na produção brasileira de uma arte contestatária. Para o crítico mineiro Frederico Morais, o precário é um elemento da produção que batizou de “contra-arte”, uma maneira particular dos artistas brasileiros lidarem com as problemáticas dos trabalhos de antiarte do eixo europeu-americano pelas vanguardas históricas. Ainda sobre o precário, as Não Ideias dialogam com o “kitsch” enquanto “mercadoria ordinária”, como argumentado por Abraham Moles enquanto um importante modelo estético de comunicação de massa. Ao dispor tais relatos tanto pela rua (de modo “camuflado”) quanto pelo museu/galeria (espaço por excelência moderno da arte), aludindo a linguagem típica da publicidade, suas faixas criam uma relação de apropriação com outras que fazem parte da composição estética na urbe tipicamente brasileira. Portanto, propõe-se pensar como a proposta reverbera no público recepções de alarde e estranheza, revelando o fator da incapacidade individual ser, na realidade, coletiva e cotidiana

Palavras-chave: Marta Neves; contra-arte; antiarte; kitsch;

Dissidentes ressoantes: o graffiti em manifestações políticas

Penha de Fátima da Cruz de Souza
UFES

Cláudia França
UFES

Resumo

Apresentamos esta proposta de comunicação, em que a discussão aborda as manifestações de graffiti realizadas em movimentos populares de motivação política. Dentro das diferentes vertentes de Arte Urbana, o graffiti se insere como manifestação realizada nas cidades, cujas ações vão revelar questões sociais, costumes e tradições, como também processos de exclusão social e segregações urbanas. Nesse viés, buscamos apontar seu uso como ferramenta de expressão do desejo político, visibilidade e revolta social. Tais usos do graffiti na contemporaneidade marcaram momentos históricos importantes no mundo e no Brasil, notadamente desde a década de 1960, como nas manifestações do “Maio de 1968” em Paris (França), a sequência da Guerra do Vietnã e da Guerra Fria, entre outros; em nosso país, os movimentos nacionais de “Abaixo a Ditadura”. É importante pontuar que a década de 1960, além de haver sido marcada por esta grande efervescência política, também apresentou manifestações contra o racismo (EUA) e o movimento da contracultura, que em si, já se pronunciava como desvio das elaborações artísticas mais eruditas e, com isso, já propunha novos olhares para outros modelos culturais. Considerando a importância de pontuar tais momentos históricos como fundamentais para as atuais manifestações do graffiti, interessa-nos, a partir dessas pontuações, evidenciar um recorte das reflexões, posto na análise de manifestações recentes no contexto local, enfocando a região da Grande Vitória (ES). Analisaremos momentos específicos de manifestações políticas e registros realizados dessas manifestações no intuito de compreender a “linguagem” do graffiti utilizada nesses momentos, considerando a mensagem, a localização, o tipo de graffiti realizado, no sentido de aprofundar as reflexões sobre as maneiras que o graffiti opera no espaço urbano e como isso impacta enquanto produção simbólica de luta social e política.

Palavras-chave: Graffiti; Grande Vitória; Cultura e política; Produção simbólica.

Cidades Comestíveis: por uma estética da colaboração

Piatan Lube Moreira

Universidade Federal Bahia (UFBA)

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Resumo

A obra Cidade Comestível é um manifesto de criações colaborativas, de ativismo alimentar e da intersecção criativa dos modos de viver nas cidades “contemporâneas”, ações pontuais e itinerantes em 5 cidades capixabas. Parte de experiências com poéticas de intervenção artística e ambiental, urbanas e comunitariamente engajadas. São pontos de multiplicação. Ali se pode tomar um suco, levar uma fruta, fazer um doce, colher de uma árvore, além de receber material informativo com instruções sobre como funciona toda a metodologia e funcionalidade do projeto e como se pode participar e colaborar. Vamos envolvendo as pessoas e utilizando ferramentas para que o projeto seja autônomo, que as pessoas continuem plantando, colhendo e distribuindo alimentos como parte de uma sociabilidade e de uma forma de ver o lugar em que a gente mora, para torná-lo melhor, mais saudável e com alimentos gratuitos. Ao atribuir uma nova dimensão prática e crítica definidora da arte no evidenciar da prática social realizada, Cidades Comestíveis As experiências processuais que se seguem são tarimbas de campo, projetos que dentre tantos processos se destacam, em alguma medida, por suas provocações e sensibilidade, alongamentos e sintonia, desvios e surpresas no seu processo de criação em diferentes catalisações sociais: Práticas artísticas contemporâneas, mobilizações comunitárias geram nascentes metodologias para dar conta dos parâmetros colaborativos: relacionais, participativos, comunitários, sociais e anti-objectuais; são processos de sociabilidades gestadas pelo campo da arte. Temos aqui meu percurso como matéria originária de apresentação e pesquisa “surgimento” ou ressurgimento determinado da cooperação e a colaboração.

Palavras-chave: Arte Comunitária; Arte Colaborativa; Piatan Lube; Cidades Comestíveis; Viana; Arte Socialmente Engajada; Cozinha Experimental.

Estudo para Cartografias: Praça Tiradentes

Raphael de Andrade Couto
Colégio Pedro II

Resumo

Praça Tiradentes, centro do Rio de Janeiro, 30 de março de 2019. Sons de britas, de conversas, de música no bar, do transporte público. Junto a isso, o artista caminha como a organização do jogo infantil: um pé após o outro, contando. Entre freadas de ônibus e o cotidiano do centro da cidade numa tarde ensolarada de sábado, ouve-se e perde-se a voz do artista a contar esses pés enquanto contorna o perímetro da praça. Porém o que vemos é apenas o chão e parte do corpo desse artista. A câmera que documenta a ação está nas mãos do mesmo, e vibra nessa caminhada. Há aqui uma tangência no eterno debate entre performance e registro: a documentação na ação. E sua projeção na parede modifica os planos, verticalizando o chão. Não se trata aqui do artista “flanêur” moderno, tampouco de uma deriva situacionista ou mesmo do “delirium ambulatorium” de Oiticica, mas de um circuito já definido no planejamento urbano – o caminhar como unidade de medida imprecisa do espaço. Um desvio do olhar para o chão e seus detalhes sem qualquer citação à estátua equestre de Pedro I. “A rua é generosa” - diz João do Rio: “O crime, o delírio, a miséria não os denuncia ela”. Ao invés do monumento à primeira constituição do país, vemos pedras portuguesas, lixeiras, pés de outros ocupantes da praça, bocas de lobo e trilhos de bonde. Olhar para o que é parte do monumento sem ser o monumento. O pé, unidade de medida utilizada por muitas civilizações históricas e padronizada, segundo a lenda, pelo pé de Henrique I em 30,48cm, é aqui substituída pelo “pé do artista”, com cerca de 26cm, num caminhar torto, porém rigoroso, numa contagem concentrada, mas com riscos de perder-se em tantos números. No lento caminhar, como traz Frédéric Gros, ao longo de cerca de 35 minutos se completa um curso de mais de mil “pés de artista” que coletam e adicionam à cidade texturas de realidade. Pois como nos traz Joyce em Ulysses, se somos todos filhos de reis, “ai de nós”.

Palavras-chave: performance; vídeo; arte e cidade

O uso da tecnologia de digitalização e impressão 3D no processo de criação de modelos didáticos tridimensionais

Rhuan Magalhães
LEENA (UFES)

José Cirillo
PPGA-LEENA (UFES) / FAPES / CNPQ

Marcela Belo
PPGArtes (UFMG) / CAPES / LEENA (UFES)

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar, de forma sistemática, a contribuição da aplicabilidade da tecnologia de digitalização e impressão 3D no processo de criação de modelos tridimensionais em miniatura, tendo em vista a sua utilização como ferramenta de aprendizagem e comunicação. Trata-se de um recorte temático do projeto “Arte Pública Capixaba”, que, há mais de uma década, vem sendo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa LEENA-UFES (Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo). Essa pesquisa, de cunho qualitativa e quantitativa, aglutina uma série de investigação, exploratória e filológica, que visa compreender como o fenômeno da Arte Pública se estrutura no estado do Espírito Santo. A forma de apresentação dos resultados gerados pelo projeto tem sido pensada com o propósito de contribuir para uma disponibilização abrangente e inclusiva de acesso aos conteúdos. Neste contexto, a fim de elaborar um programa de difusão dessas obras junto à Educação Básica do estado, bem como a inclusão do tema junto aos portadores de algum grau de deficiência visual, parte do acervo imagético do projeto em tela vem sendo transformado em modelos tridimensionais. Os protótipos de monumentos escultóricos dispostos em logradouros públicos do estado, reproduzidos em escala reduzida, integram o projeto piloto “Kit Experimental Paradidático de Miniaturas 3D”, que visa aprimorar os processos de educação patrimonial. Para fins deste artigo, foram selecionadas duas obras da capital capixaba, elaboradas pelo escultor José Carlos Villar (um dos artistas de maior projeção e representatividade no campo da obra tridimensional no estado), a saber: o Monumento Universitário e o Busto de Edygio Antônio Coser. Esperamos que a elaboração desses artefatos, bem como a sua futura implementação, possa contribuir com o ensino das artes visuais, em especial no tocante às propostas docentes de interfaces lúdicas no atendimento de educandos portadores de deficiência visual.

Palavras-chave: Arte Pública Capixaba; Monumentos; Impressão 3D



GD 5

*Imagem e movimento: desafios contemporâneos
para os estudos dos processos criativos e dos
cadernos de artista*

O filme e o filme mesmo: a expansão recursiva em que habita o *Ão* de Tunga

André Arçari
PPGAV – EBA / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Pedro Moreira
PPGArtes – EBA / Universidade Federal de Minas Gerais
CAPES

Resumo

Este artigo tem como objetivo levantar características presentes no trabalho *Ão* (1981) do artista Tunga, desvelando o que se encontra quando se deambula ao redor de seu túnel infinito. Pelo giro “ad aeternum” buscamos analisar como esta dobra tautológica da visualidade na matéria, presente em *Ão*, pode encontrar seus pares em outras poéticas que se valem desse procedimento recursivo, de uma expansão onde todas as portas nos levam padaroxalmente para dentro, de um lugar sem começo nem fim, onde visualizamos a obra pela travessia na inesgotável circularidade da forma topológica toroidal explorada pelo artista. Assim, na esteira das reflexões filmicas é que sublinhamos a sentença escrita pelo teórico Phillipe-Allain Michaud. Para nosso autor referencial, “filme não se confunde com o cinema”, antes de ser um dispositivo de espetáculo, ele nos lembra, o filme é uma forma de pensar. Tendo em vista que o recurso do loop pode ser percebido recorrentemente enquanto estratégia de linguagem na produção contemporânea, a noção de “dispositivo” é interpretada por diferentes teóricos dos campos do cinema, vídeo e da filosofia. A teórica francesa Anne Marie-Duguet argui os seguintes pontos em relação ao aparato técnico em seu texto sobre o aparato: “[...] todo dispositivo visa à produção de efeitos específicos. De início, esse ‘agenciamento dos efeitos de um mecanismo’ é um sistema gerador que, a cada vez, estrutura a experiência sensível de maneira específica.” Este procedimento recursivo no cinemático *Ão* de Tunga nos convoca a reflexões para o campo dos filmes que transbordam a estrutura convencional da “forma cinema”. *Ão* se baseia no campo das intituladas cine/videoinstalações, no aberto das experiências de recepção de imagens em movimento que convencionou-se chamar expandidas. Em suma, ao contrário do cinema, propomos pensar que o filme constitui um sistema de representação autônomo e opaco, que existe independentemente de seu objeto e não desaparece na experiência da projeção.

Palavras-chave: Filme; cinema expandido; cineinstalação; dispositivo; looping.

A criação de Robert Jasper Grootveld: dos papéis as ruas

Léa Araujo

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Bolsista CNPq

Angela Grando

Universidade Federal do Espírito Santo -UFES
Programa de Pós-graduação em Artes
Bolsista Produtividade em Pesquisa - FAPES

Resumo

O estudo aborda ações do artista, e opositor de tal nomenclatura, Robert Jasper Grootveld, realizadas na primeira metade da década de 1960, período em que começou a organizar acontecimentos na praça Spui em Amsterdam. Apesar da negativa da terminologia artística, pois se opunha veementemente ao mercado vinculado as artes Grootveld catalogou artigos de jornais, fotografias e escreveu trechos de pensamentos e poesias em seu diário pessoal. O diário foi adquirido pelo Rijksmuseum no ano de 2017, dando origem ao segundo livro da série Riksmuseum studies in history, no ano de 2020, de autoria de Schoenberger, onde o personagem encarnado nos happenings se mistura ao íntimo de Grootveld. A mais duradoura de suas ações, foram os happenings na praça Spui localizados no em torno da estátua do Lieverdje, cujo nome significa algo como queridinho e seu significado, de acordo com o escultor responsável, deveria ser uma homenagem a juventude de Amsterdam, mas para Grootveld, o patrocínio da fábrica de cigarros escrito em bronze aos pés da estátua, alterava completamente sua existência no coração da cidade. Alguns dos happenings também foram realizados em outra estátua, o memorial dedicado ao genral Van Heutsz responsável pelo extermínio de comunidades durante a colonização da Indonésia. Tais abordagens foram responsáveis pela alteração da paisagem local, causando ecos em tempos pandêmicos de questionamento aos monumentos e estátuas presentes em nosso cotidiano. Ao abordar tais assuntos percebe-se a presença do comum nas artes, a subversão do papel de artista/autor e público/espectador abordado por Kwon, além do emprego do lúdico na realização de suas ações e happenings, amparadas na teoria de Huizinga autor de homo ludens e na denominação contemporânea “conceitualismo lúdico” de Schoenberger.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Diário de artista; Happening; Grootveld; Scrapbook

OPAVIVARÁ!: Modos de vida na arte contemporânea

Livia Fernandes Campos
Universidade Federal do Espírito Santo

Angela Maria Grando Bezerra
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo:

OPAVIVARÁ! é um coletivo de arte do Rio de Janeiro que desde 2005 realiza ações em espaços públicos e instituições culturais. O Coletivo apresenta suas ações como propostas interativas que privilegiam a participação de grupos de variadas pessoas em projetos nos quais se associam a ocupação de espaços locais e a exploração de formas experimentais de socialização, e que tornam-se possíveis a partir de dispositivos relacionais elaborados pelo grupo. Esses projetos articulam ideias e práticas, modos de vida e objetos, imaginários e novas formas de intercâmbios que carregam sempre a assinatura OPAVIVARÁ!, e não os nomes individuais dos artistas que compõem o coletivo. A partir de suas propostas, o OPAVIVARÁ! frequentemente evidencia conflitos sociais e políticos, sem aparentemente querer apresentar um projeto artístico duradouro, um modo de arte refém de uma ideologia universal, mas diferente da cultura moderna e de certos fundamentos pós-modernos. Suas ações provocam subjetivamente outros modos de se vivenciar os espaços e realidades locais, e intencionam propor vias alternativas de interação entre indivíduos e deles com o espaço urbano. Neste artigo investigaremos como suas propostas se estruturam e, para tal, lançaremos mão de eixos teorizados por Nicolas Bourriaud e Jacques Rancière, entre outros.

Palavras-chave: Arte contemporânea; Modos de vida; Dispositivos relacionais; Espaço urbano; Relações humanas.

Cadernos, livros, processos e uma proposta experimental sobre as formas de (apresent)ação

Paula Almozara

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Universidade do Porto Faculdade de Belas Artes, i2ADS
Fapesp - BPE 2021/13582-4
CNPq – Bolsa Produtividade em Pesquisa – nível 2

Resumo

A proposta aqui resumida pretende instigar uma reflexão sobre os processos poéticos que levam em conta a utilização de cadernos e livros que suportam não apenas as fases operacionais e processuais, mas são instaurações finais da produção artística, estabelecendo-se poeticamente nas relações programáticas. Começo, lembrando uma situação vivida como artista na década de 1980, quando intuitivamente comecei a realizar a produção com base no que chamava, na época, de “cadernos de desenho”, os quais considerava como trabalhos finais em si e não apenas estudos ou esboços preparatórios. Isso gerou diversos questionamentos por parte de colegas e professores que insistiam e enumeravam diversos “problemas” sobre a realização do trabalho em tal formato, como: não apropriado para ser exposto, complexidade da montagem expositiva e dificuldade para as pessoas acessarem a produção. Tratava-se de uma época no Brasil em que certas categorias tradicionais ainda pairavam sobre um hegemônico e limitado circuito artístico e no qual as tecnologias de reprodução, de acesso aos recursos audiovisuais e a questão da reprodutibilidade não tinham grande apelo como linguagens da arte e tecnicamente ainda eram inacessíveis aos jovens artistas. Alterado o contexto para as primeiras décadas do século XXI, temos uma situação muito mais favorável na qual se observa uma aceitação de categorias menos estanques pelo circuito da arte para a produção artística, favorecendo com isso uma forte presença e a (re)valorização da produção de cadernos, livros de artistas, fotolivros etc., considerando sua possibilidade amovível, de reprodutibilidade e de conexão inexorável com outros meios e processos. O artigo final abordará com profundidade essas questões e como tais elementos são importantes dentro das possibilidades de estabelecer a produção artística “nesses novos tempos”.

Palavras-chave: cadernos; processos; poética; reprodutibilidade; tecnologia



GD 6

Aproximação virtual: Arte e Tecnologia da Informação e Comunicação: estratégias, desafios e mediação artístico-cultural

Entre processamentos e transduções, diferentes paisagens: poéticas sonoras do FM ao streaming, ao podcast e às paisagens físicas e digitais

Camila dos Santos
Doutoranda no PPGART-UFSM
CAPES

Andreia Machado Oliveira
Docente no PPGART-UFSM

Resumo

Este texto resulta de pesquisa em andamento de doutorado em artes visuais, que aborda experimentações sônicas realizadas a partir de programa de rádio sobre arte sonora em emissora FM de longo alcance. A partir do programa, cujo nome é Ultra Sonoro, são realizados processos de criação que se desdobram desde a composição de um produto de comunicação a um evento que é, ao mesmo tempo, de caráter artístico e científico. Há a elaboração de paisagens sonoras tanto em som mono como binaural para veiculação radiofônica, que possui uma série de características próprias da transmissão FM, tal como diferentes métodos para sua criação, seja pela captação analógica do som à espacialização com uso de inteligência artificial. Passando, simultaneamente, pelo processamento do objeto programa de rádio FM para transmissão via streaming, que oferece uma experiência imersiva diferenciada, sobretudo com o uso de fones de ouvido e por preservar melhor as diferentes frequências sonoras. E, ainda, a elaboração de podcasts. Os arquivos de som emergentes desse processo de transdução poética como um todo culminam com a elaboração de paisagens sonoras físicas e digitais, dentro e fora de computadores e, também, em meio ambiente silvestre, em instalações. Em outras palavras, uma pesquisa que sofre transduções tanto no sentido físico/científico como no poético, entre imagem e som, online e offline.

Palavras-chave: Arte Sonora; Transdução; Processamento;

O sistema da arte no Brasil e as exposições virtuais: um estudo sobre práticas do pré- e pós-pandemia de Covid-19

Daniel Hora

Universidade Federal do Espírito Santo/FAPES

Ananda Carvalho

Universidade Federal do Espírito Santo

Sabrina Ruela Ribeiro

Universidade Federal do Espírito Santo

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica / UFES

Samara Carvalho Coelho

Universidade Federal do Espírito Santo

Thaíssa Dilly

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Diante das medidas de distanciamento social impostas pela pandemia de Covid-19, o setor artístico foi impactado pela necessidade de transferir (ou intensificar) suas atividades no ambiente virtual. Este artigo busca refletir sobre esse processo, com base em uma análise quali-quantitativa sobre a exploração artística e cultural das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil. O estudo se fundamenta em teorias sobre arte e mídia, virtualidade e curadoria, conforme contribuições de Arlindo Machado (2010), Priscila Arantes (2012), Pierre Lévy (2010), Giselle Beiguelman (2014), e Emerson Dionísio de Oliveira (2020). Para a investigação empírica, são consideradas três amostragens de exposições virtuais realizadas por instituições brasileiras: 14 delas em 2019, 26 em 2020 e 40 em 2021. Embora parciais, os dados podem ser assumidos como sintomas de como ocorreu a adaptação ao ambiente virtual no triênio abordado. Em 2019, a organização de exposições online estava atrelada à experimentação, diante do baixo investimento ou falta de infraestrutura para esse formato por parte da maioria das instituições. Em 2020, torna-se imperativo ocupar o ciberespaço para que se mantenha a circulação da arte, sobretudo no caso de galerias e outros agentes do mercado. Em 2021, termos tecnológicos como metaverso, NFTs, blockchain e web3 se disseminam na economia, enquanto algumas instituições se reabrem, mas mantêm as mostras virtuais como extensões de sua programação em locais físicos. O artigo propõe uma reflexão acerca dos desafios tecnológicos que estão se tornando parte da rotina da atividade de curadoria e mediação artística e cultural.

Palavras-chave: Virtualidade, exposições, arte contemporânea, curadoria.

Interações online: aprendizagem e práticas criativas de forma remota

Felipe Pessin Manzoli

Faculdade de Música do Espírito Santo
FAPES

Moacyr Teixeira Garcia Neto

Faculdade de Música do Espírito Santo
FAPES

Fábio Pestana Calazans

Faculdade de Música do Espírito Santo
FAPES

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo refletir a respeito das possibilidades de ensino e criação compartilhada por meio da internet, tendo como exemplo o processo criativo de uma obra audiovisual criada dentro de uma disciplina de mestrado, cursada de forma remota. A obra escolhida dialoga com as linguagens da música, poesia, e artes visuais. Ela se chama “De todos os cantos do meu confinamento” e foi criada durante a pandemia de COVID-19, na matéria de “Laboratório em Interartes I”, no PPGA - UFES, no ano de 2021. Acreditamos que ao analisar a poética da peça, que foi construída de forma colaborativa, podemos identificar as limitações e os pontos positivos desta forma de interação. Pretendemos também perceber se tais relações colaborativas podem ser eficientes em outros campos de estudo, como no caso do ensino de música de forma remota. Com isso, pretende-se discutir sobre três tópicos principais: (1) possibilidades criativas e de ensino observadas na troca de ideias durante a matéria de laboratório; (2) limitações tecnológicas para o ensino, aprendizagem e criação compartilhada no campo da música; e (3) sugestões de aparatos tecnológicos que podem facilitar tanto o ensino de música, quanto às práticas criativas compartilhadas. Como apoio bibliográfico e empírico para esta pesquisa, utilizaremos os avanços obtidos no âmbito do grupo de pesquisa “Música e Tecnologia: Estratégias para o Ensino Remoto Aplicado à Performance Musical”, vinculado à Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES). Além disso, utilizamos também, textos do campo de estudo das práticas criativas e seus conceitos, como o de Formatividade, de Luigi Pareyson (1993) e de Redes de Criação de Cecília Almeida Salles (2006) dialogando com autores que desenvolvem pesquisas relacionadas ao ensino de forma remota, como Daniel Gohn (2013). Esperamos com esta pesquisa dialogar com o tema do seminário a fim de refletir a respeito desta nova forma de compartilhamento de experiências, de forma virtual.

Palavras-chave: Ensino Remoto, Poéticas audiovisuais, ensino de música

Six Degrees of Freedom: para uma Realidade Alterada

João Victor Coser

Programa de Pós-Graduação em Artes - UFES

Cláudia Maria França da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

O presente artigo pretende apresentar o processo de criação de um OPPELT (objetos para performances em experimentações Low-Tech). O termo low-tech refere-se ao recurso da baixa tecnologia, no sentido da opção por uma tecnologia simples, em oposição à alta tecnologia. Em vista disso, em associação com os óculos de realidade aumentada, que sugerem uma realidade expandida, os OPPELT exploram caminhos outros: construir [coisas] para habitarem o mundo e que alterem a nossa percepção da realidade. Os OPPELT caminham para uma transfiguração da percepção, do olhar, do andar e da própria corporeidade. Desse modo, um componente importante é solicitado: o "participador", pois os OPPELT precisam ser acionados pelo outro para que o trabalho ganhe sentido novo, sendo a cada novo acesso - uma nova camada, subjetividade, autor e uma nova narrativa. Nosso interesse está em desenvolver próteses e objetos disfuncionais que se empenham a fazer outro sentido à primeira vista; contudo, inclinam-se para alterar a nossa realidade e percepção do mundo real, desconstruindo o meu, o seu, o nosso modo de habitar o mundo. Desse modo, o OPPELT traz, em sua gênese, um questionamento acerca de um modo singular de habitar o mundo e promover conexões intersubjetivas. A ideia de criação de um objeto desta natureza partiu de uma demanda externa, qual seja: a desrealização ou transformação de um objeto industrial, com fins artísticos. O objeto em análise, "SIX DEGREES OF FREEDOM. Para uma realidade alterada" é o primeiro exemplar da série de OPPELT, sendo construído por meio de lupas, lentes e espelhos. Os OPPELT têm como referência, trabalhos de arte como os Óculos de Diálogo, de Lygia Clark, bem como o conceito de "participador", de Hélio Oiticica, como proposta de um agente de interação com a obra mais dinâmico do que o mero contemplador. Este OPPELT inaugura um ramo da pesquisa poética, em que buscamos evidenciar o processo de construção de objetos agenciadores de novas narrativas.

Palavras-chave: processo de criação; OPPELT; Tecnologia Low-Tech; intersubjetividade

Sobre a materialidade de objetos digitais: estudos de caso de propostas escultóricas digitais atreladas a NFTs

Karyne Berger Miertschink

Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA/UFES)
Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES)

Alexana Jordão Cunha

Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA/UFES)

Daniel Hora

Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA/UFES)
Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES)

Resumo

Os avanços tecnológicos das últimas décadas significaram amplas transformações para a relação entre arte e mídia. Delas emergem possibilidades e paradigmas poéticos e expositivos, sobretudo para modalidades cujos aspectos fundamentais são profundamente vinculados à materialidade, como a escultura e as práticas tridimensionais de seu campo ampliado. Surgem questionamentos especialmente relevantes no contexto de expansão da arte para espaços virtuais sob o recorte temporal dos últimos cinco anos, período que abarca a pandemia do novo coronavírus e a popularização dos NFTs e suas plataformas de circulação e negociação. Este trabalho pretende delinear de que modo a escultura se dá como processo criativo digital e quais são as implicações de sua incorporação aos sistemas de blockchain por meio do registro de NFTs. São considerados dois estudos de caso. O projeto HUMAN ONE (2021), de Beeple, propõe-se como uma história do primeiro humano nascido no metaverso. Por sua vez, Human-Era Flora In Amber (2022), de Rodell Warner, questiona a longevidade das mensagens contidas nas obras. A pesquisa teve início no levantamento documental a partir de livros, artigos acadêmicos e publicações na internet. A partir disso, os dados foram confrontados com teorias de Lev Manovich (2001), Stephen Wilson (2002) e Michael Rush (2006), para compreensão da modalidade escultórica sob o viés produtivo digital. Já o contexto cultural das obras estudadas é considerado sob as perspectivas de Amy Whitaker (2019), Arlindo Machado (2002) e Roger Malina (1990). Como resultado, apontam-se características dos processos de criação de propostas tridimensionais com recursos digitais. Além disso, comentamos a noção de materialidade e as estratégias expositivas decorrentes da convergência entre a escultura e a arte digital.

Palavras-chave: Arte e tecnologia; Materialidade; Escultura; NFTs; Curadoria

A curadoria posta em jogo: o videogame Occupy White Walls em confronto com o conceito de plataforma de arte

Larissa Pereira

Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA/UFES)
Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES)

Daniel Hora

Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA/UFES)
Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES)

Resumo

O jogo on-line Occupy White Walls – OWW permite ao jogador construir sua própria galeria, colecionar e expor imagens de obras de arte. A inteligência artificial do jogo, DAISY, oferece assistência automatizada para filtrar e sugerir obras de acordo com as preferências de cada jogador. Assim, ajuda cada usuário a agir como um curador, identificando seu gosto para a arte. Por sua vez, a plataforma online KULTURA é a base de dados utilizada pela IA DAISY. É também onde o jogador pode inserir imagens de trabalhos autorais para uso no OWW. Ao assumirmos o jogo e o site como plataformas de arte (GORIUNOVA, 2012), procuramos responder o que os tornam culturalmente significantes e o que constitui esse processo pelo viés do jogador/participante. Teorias sobre as novas mídias complementam a discussão considerando a flexibilidade e a abertura de OWW às experiências estéticas possibilitadas pelo digital, o que cria uma nova experiência e dinâmica para o observador, que não deve ser comparada à mesma de um museu tradicional. De acordo com o museu imaginário de Malraux (1947), trata-se da extensão e não de substituição dos museus físicos, com regras peculiares para esse novo formato. Além dos espaços criados pelos participantes em OWW, analisam-se as ações na plataforma KULTURA a partir da curiosa ausência de categorias predeterminadas para as imagens de obras de arte disponíveis. Para Giselle Beiguelman (2022), essa desfragmentação de categorias na cultura digital permite que o público recombine conhecimentos prévios em suas classificações, desconstruindo imposições históricas existentes no sistema da arte.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Plataforma; Arte e Mídia; Occupy White Walls

Cineclubismo e curadoria em plataformas digitais: a experiência do Festival Tela Curta Cachoeiro

Lucas Guimarães Blunck Schuina

Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (Pós-Com/UFES)

Bolsista CAPES

Resumo

O objetivo do artigo é analisar o processo de curadoria do 1º Festival Tela Curta Cachoeiro, organizado pelo Cineclube Jece Valadão, de Cachoeiro de Itapemirim (ES). O evento, on-line e gratuito, foi realizado de 24 de maio a 6 de junho de 2021 com recursos da Lei Aldir Blanc, tendo como objetivo valorizar produções audiovisuais feitas a partir de dispositivos móveis e formas alternativas de captação de imagem e som proporcionadas pelas novas mídias digitais. Com isso, a intenção era abrir espaço para artistas e produtores de conteúdo da Região Sul do Espírito Santo, amadores ou profissionais, e promover um intercâmbio com realizadores do Brasil todo. Durante as duas semanas do festival, foram disponibilizados 37 filmes de até 15 minutos, em três mostras competitivas: “Encontros traçados na luz”, com produções de caráter experimental; “Filmes urgentes”, direcionada a curtas-metragens focados em temáticas sociais; e “Meu lugar”, de temática livre. Houve, ainda, uma mostra com seis vídeos da TV COCRIATIVA, produtora parceira do festival, dentre outras atividades. Tendo isso em vista, o texto tratará de questões teóricas referentes à representação do amadorismo no cinema brasileiro, à realização de festivais de cinema e audiovisual durante a pandemia de Covid-19 e à relação entre arte e mídias audiovisuais digitais. Do ponto de vista metodológico, o artigo será estruturado como um relato de experiência, permitindo a exposição e interpretação de vivências do próprio autor.

Palavras-chave: Curadoria; Mídias digitais; Audiovisual; Pandemia; Cineclubismo

O potencial estético e educativo das exposições imersivas/interativas

Maith Malimpensa

UNESP/Bauru

Departamento de Artes e Representação Gráfica da FAAC Bauru

Profª Dr. Eliane Patrícia Grandini Serrano

UNESP/Bauru

Departamento de Artes e Representação Gráfica da FAAC Bauru

Resumo

As exposições imersivas/interativas consideradas uma das vertentes da arte contemporânea digital, vem crescendo em todo mundo. Diante da premissa fez-se necessário a debruçar-se sobre a potencialidade de seu uso dentro do segmento da Arte Educação. Para tanto ressalta-se a importância da experiência estética, difundida por John Dewey e a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa pautada nos pilares: Contextualização (Historicizar), Apreciar (fluir/ler) e o Fazer Artístico (produção/criação). A concretização deste estudo se deu através de uma experimentação estética/tecnológica apresentada por meio de uma exposição, a imersiva/interativa criada pela autora para estudantes do Ensino Fundamental II de uma Escola Estadual do Município de Bauru a qual promoveu participações significativas, multissensoriais e comprovadamente modificadoras. Neste contexto buscamos e encontramos de modo poético aproximar o mundo da arte que antes do processo era considerado para alguns muito distante do cotidiano.

Palavras-chave: arte educação; espaço museológico; experiência estética; exposição imersiva/interativa.

No sentido de um pensamento: a criação sonora como amplificador visual

Pablo Menezes Nóbrega
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Resumo

O presente projeto se propõe a investigar as relações entre som, imagem e novas tecnologias a partir de uma perspectiva da arte contemporânea, em uma metodologia de revisão teórica e aplicação empírico-criativa. Sendo um projeto desenvolvido dentro da linha de Processos Criativos no programa de pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba, o projeto deseja esmiuçar o manancial teórico em relação à trajetória do próprio artista. No Sentido de um Pensamento, enquanto obra artística, é um projeto híbrido entre fotografias e paisagem sonora. Um aporte sonoro que acrescenta distintos significados de acordo com a relação espacial entre espectador e obra. O experimento, assim, se desdobra na prática em um sistema de sensor de movimentos que amplia a experiência fotográfica através da criação sonora e sua cadeia de camadas somadas às leituras da imagem. Por fim, este projeto persegue a ideia de que uma construção sonora mais fluida consegue provocar diferentes significados de acordo com o manancial subjetivo de cada indivíduo observador; ou seja, o objeto artístico é infinitamente distinto, pois muda de acordo com o interesse do visitante. Para chegar ao ponto que nos encontramos e entendendo o processo de criação como sempre infindo, a revisão teórica deste projeto se debruça sobre os estudos de Michel Chion, Murray Schaffer e Brian Eno, três pensadores da arte sonora.

Palavras-chave: arte sonora; paisagem sonora; arte e tecnologia.

Virtualidade e Imersão: novos paradigmas nas exposições virtuais imersivas

Sandra Regina Bastos

PPGA/Universidade Federal do Espírito Santo

David Ruiz Torres

PPGA/Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Pesquisar sobre espaços virtuais imersivos nos remete aos estudos sobre imagens e a interação com o homem e os meios ao longo da história da arte. Espaços imersivos no campo das artes têm sido produzidos pelas tecnologias nas quais imagens, projeções e efeitos multissensoriais favorecem ao estado de imersão, na maioria das vezes com representações de pinturas tridimensionais com efeitos que nos levam a compreender um espaço natural muito realista. O advento das tecnologias como recursos e meios para mediação nas instalações expositivas, por exemplo, concorrem para um incremento na divulgação das artes contemporâneas unindo arte e mídias em tempo real em espaços virtuais chamados de exposições imersivas. Percebemos como as mídias auxiliam as artes, nas suas formas de comunicação, manifestação, produção e divulgação. Surgiram novos processos para representar, divulgar e propagar a arte, como a midiática por exemplo e o desejo de Estar na Pintura não desapareceu com a chegada do século XX. Esse processo continua com imagens em 360° e com o desenvolvimento das novas mídias criando novas tendências dentro das artes. Assim informação e comunicação marcam a relação entre tecnologia e arte sem pensar em limites técnicos ou normativos perdurando além do tempo e da história. Precisamos considerar “um contexto mais amplo ao tratar na contemporaneidade a relação entre arte e mídias considerando que o homem moderno tem a autonomia na sua essência” e segundo Vilém Flusser, “é o homem quem projeta significado sobre o mundo” (FLUSSER, 1996) e é seu comportamento que determina a arte que cria.

Palavras-chave: Virtualidade; Imersão; Ilusão; Espaços; Técnicas.

Artista em fotoperformance por diferentes tempos

Tatiana Barrios Vinadé

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGART/UFSM
CAPES – DS

Rebeca Lenize Stumm

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGART/UFSM

Resumo

O presente resumo trata de uma pesquisa em artes com foco na fotoperformance realizada com a câmera fotográfica do celular. O processo de pesquisa vivido pela artista ocorre a partir da composição digital de sua imagem atual, com suas imagens anteriores, bem como a criação do que pode vir a ser a sua imagem futuramente. Nesse sentido, acontece a reelaboração da imagem da artista, imagem sobre si mesmo em situação de performance em autorretrato, uma projeção do seu passado, seu presente e sua imagem elaborada do futuro. Enfim, a artista busca trabalhar com a construção de si em diferentes tempos que se misturam em cada fotoperformance, expondo uma abertura de possibilidades de sua figura, que a constitui como pessoa, mulher, mãe e artista. A realização dessas fotoperformances dá-se pela proximidade com o celular da artista em situações cotidianas sem privar-se da manipulação dessas imagens, as quais contemplam as alternativas apresentadas pelos recursos tecnológicos do aparelho portátil. Assim, percebe-se que a pesquisa poética se dá de forma próxima a vida que flui, entre a ação da artista e o uso da tecnologia disponível, a partir da possibilidade de fundir dois ou mais tempos diferentes na mesma imagem por um processo em aberto e em projeção em diferentes tempos.

Palavras-chave: Fotoperformance; Tempo; Celular; Imagem; Arte e Tecnologia



GD 7

*O processo de criação artística nas artes visuais,
música e artes cênicas*

Uma toalha de mesa interligando elementos pictóricos e memórias afetivas

Adriane Hernandez

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - UFRGS

Resumo

O padrão de uma toalha de mesa xadrez, azul e branco, foi o elemento escolhido para a artista desenvolver uma espécie de jogo pictórico e metafórico. A partir de uma memória singular ligada a sua biografia, esse elemento, no entanto, atua como disparador de memórias coletivas ligadas aos encontros, às refeições familiares, às conversas em torno de uma mesa. Estender uma toalha sobre um móvel, no chão ou em um varal, remete a uma alternativa do tecido e sua condição flexível, apresentando uma capacidade de adequação. Identifica-se, assim, a materialidade do objeto toalha, mas também as metáforas de lugar que ela é capaz de veicular, assim como acontecimentos que interligam passado e presente. Ela seria então um objeto 'aurático', nos termos de Walter Benjamin. Quando essa toalha se torna pintura, mais camadas significantes vêm a se somar. Se por si só a toalha pode ser metáfora dos encontros e conversas em torno dela, ela é também metonímia de uma mesa ou de um lugar mais amplo como uma sala, uma cozinha ou até mesmo o gramado de um parque. Quando entra para o discurso pictórico, esses significados somam-se à fatura e à materialidade da linguagem e do meio. Camadas de tintas brincam com o olhar de quem as observa, criando novos jogos sensoriais e perceptivos, para além dos quais já continha o próprio objeto 'modelo'. A pintura, que pode ser muito estimulante como expressão e fatura, ao mesmo tempo pode se fazer presente em um objeto como encobrimento xadrez, simplesmente recobrando uma mesa, bastões, sarrafos, caixas ou embalagens, uma pele-toalha, aderindo como uma camuflagem ao mundo dos objetos.

Palavras-chave: Pintura; Toalha de mesa; Cotidiano; Memória;

O (des)aprender cotidiano: experiência artística como provocação em tempos de hiperconexão

Ana Oliveira Rovati
Unicamp

Resumo

O presente trabalho aborda uma pesquisa de mestrado em andamento, cursado em Poéticas Visuais e Processos de Criação em Artes Visuais, cuja prática artística discute relações entre capitalismo de vigilância, experiência no cotidiano, corpos e suas subjetividades. Para tanto, propôs-se a criação do trabalho artístico *Experienciabilidades*, subdividido em duas etapas: 1) construção de *Caderno-sonho* e *Caderno-desabafo*, aparatos desenvolvidos para interromper práticas anestesiadas por dinâmicas impostas pelo poder hegemônico (já concluído) e 2) criação de um diálogo imagético-textual a partir do conteúdo colhido pelos cadernos (em desenvolvimento). Pensados a partir de teóricos como Vilém Flusser e Cesar Baio, os cadernos funcionam como um jogo, compostos por páginas em branco e apenas uma pequena lista de instruções, convidando um primeiro interlocutor a ocupar suas folhas, durante uma semana, sonhando e/ou desabafando. Este, por sua vez, tem a incumbência de passar adiante o convite, para que um próximo interlocutor se expresse, e assim sucessivamente. O trabalho poético conclui-se com uma interferência visual da artista diante do retorno dos cadernos, expandindo possibilidades de criação e fortalecendo uma rede off-line desconhecida, gerada na primeira etapa do processo. A primeira etapa do trabalho artístico (*Caderno-sonho* e *Caderno-desabafo*) foi construída durante o período da pandemia e, portanto, atravessado por suas questões. Ainda, as seguintes perguntas norteiam a discussão: como desanestesiarmos rotinas anestesiadas por um projeto de poder hegemônico? Como exercitarmos a criação quando, na versão atual do capitalismo, “é da própria vida que o capital se apropria”? (ROLNIK, 2018, pg. 32). A presente pesquisa acredita que, entre tantas possibilidades de resposta, a arte é uma delas.

Palavras-chave: capitalismo de vigilância; experiência; cotidiano; arte

Considerações sobre um Ato Falho na impressão xilográfica

André Magnago Alves
Instituto Fênix de Ensino e Pesquisa

João Wesley de Souza
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Esta produção textual investiga um acaso ocorrido dentro do processo de criação em artes visuais, centrado na experiência do presente autor - acontecimento que o conduziu a uma Inovação no modo de fazer xilogravuras. Por conseguinte, em observação a este fato não programado e seus desdobramentos, somos conduzidos a este texto particularizado na área da criação artística. Tal esforço monográfico tem por objetivo registrar a interferência do citado incidente fortuito dentro dos processos artísticos programados, para então, racionalizá-los e pô-los em um diálogo com as especificidades laborais que a gravura impõe aos artistas que por ela se expressam. Para tanto, serão apresentados casos xilográficos, nos quais, através das suas próprias contradições internas associadas a um ato falho, onde acabam promovendo o alargamento dos limites formais e técnicos desta mídia gravada, como por exemplo, a questão da perda da aura postulada por Walter Benjamin, que é posta em evidencia quando: no que diz respeito ao processo de desaurificação relacionado às mídias reprodutivas, é contrariado, quando tal modo de gravação acaba produzindo “quase monotípias”, que deste modo reintroduz a aura pela redução da reprodutibilidade. Assim, o presente texto aponta para as questões que se associam a uma constante no próprio processo criativo apresentado, ou seja, conclui-se por analogia, uma alternância entre elaborações estéticas formais, casuais e antagônicas que confluem para um sistema de oposições dialéticas que transita entre a previsibilidade projetual e a incorporação do acaso nos processos criativos. Compreendemos, ao final, que tal sistema reconhecido no desenvolvimento do presente texto, acaba atuando como um importante exemplo que pode, em tese, saltar deste particularismo para uma aplicação universal.

Palavras-chave: Ato falho; Xilogravura; Aura; Processo de Criação; Dialética

Estratégias criativas da ilustração em jornal: processos artísticos de Edu

Oliveira

Camila Stella Maggioni Pastori

Universidade Federal do Rio Grande do Sul -
UFRGS

Resumo

Refletir sobre o fazer artístico de um ilustrador que desenvolve seu trabalho em jornal é meu enfoque ao recortar como objeto de pesquisa o processo criativo de Edu Oliveira para o editorial do jornal Zero Hora entre 1992 e 2018. A análise parte de uma breve biografia do artista e de uma seleção dos seus trabalhos, com a identificação de características que perpassam toda a sua criação, categorizada em ilustração em livros, desenhos e pinturas e ilustração em jornal, e com a indicação da importância que essa produção tem no conjunto da obra. Ao focar nos desenhos do editorial, proponho três grandes caminhos para abordar esses desenhos em suas distintas facetas: (a) o processo pessoal do artista para criar este espaço, observando tanto a trajetória da produção para o editorial ao longo de 26 anos quanto as referências visuais empregadas, (b) a importância da repetição no modo de produção em larga escala da redação do periódico, salientando as soluções encontradas pelo artista, como anotações em cadernos de desenho, retomando inúmeras vezes o mesmo tema sob diversas abordagens, e catalogação que o artista realiza, desde 2003, de toda a sua produção de imagens para o editorial, acentuando o emprego de elementos recorrentes nas imagens (c) a relação entre texto e imagem, que é marcante na ilustração, indicando algumas estratégias específicas adotadas por Edu para lidar com essa tensão e os embates decorrentes dos limites criativos impostos pelo jornal.

Palavras-chave: Processo criativo; Artista ilustrador; Ilustração em jornal; Desenho; Edu Oliveira

Empenas: reflexões sobre o processo de criação em escultura

Carlos Eduardo Ferreira Paula

Resumo

Este texto aborda alguns aspectos do processo de criação a respeito da pesquisa escultórica realizada entre os anos de 2021-2022 pelo autor. Procura-se através do texto construir reflexões a respeito do processo de feitura das esculturas em madeira e também dialogar com correspondentes teóricos e artísticos. Acredito que o modo como conduzo os materiais tem particularidades que fazem com que alguns materiais não se comportem bem nas minhas mãos. Recentemente introduzi a madeira em meus trabalhos, como uma faceta importante de pensamento escultórico. Esses trabalhos em madeira que compõe essa reflexão foram produzidos no mesmo ambiente de uma marcenaria, dividiram o mesmo ar e a serragem no chão. Uma coisa que devo deixar claro é que primeiro vieram as peças de mobiliário e depois as esculturas em madeira. Então essas esculturas de alguma forma procuram investigar a tortuosidade, as protuberâncias que fogem do controle e fenômenos naturais da madeira como o empenamento. Portanto, essas ações escultóricas são desordenadas em uma busca de anular, procurar uma tortuosidade nessa quase rigidez geométrica das peças em madeira com nomes que formatam suas características e encerram ali uma cadeia de significados. É nessa brecha entre o nome dado, como, por exemplo, caibro e sua função que ocorrem minhas ações e intervenções escultóricas. Um gesto + uma superfície = trabalho. Essa pequena fórmula elucidada como esses trabalhos acontecem, e ainda no caso do contato com a madeira trabalhamos com uma superfície com diferentes durezas. Ao elaborar o trabalho ele também interfere no meu corpo, me dá sinais de que está ali comigo e não posso vacilar. A madeira é como a carne. Por fim prestar atenção em objetos manufaturados na era da hiperconectividade pode parecer anacrônico, porém reside em pequenos prazeres propiciados por encontros palpáveis, nos quais se revelam as muitas camadas de significado presentes em tudo o que nos circunda.

Palavras-chave: Ação; Escultura; Empena; Processo de criação; Arte contemporânea

Do isolamento ao deslocamento: apontamentos a partir do processo de criação

Catiuscia Bordin Dotto

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais-UFRGS

Teresinha Barachini

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais-UFRGS

Resumo

Inicia a madrugada quando desembarco em Aswan, sul do Egito. Confusa, sem ainda conseguir comunicar e sem que meu corpo compreendesse o contexto temporal que agora habitava, preciso explicar ao controle policial o motivo de portar ferramentas em minha bagagem. Entro no carro o qual esperava para levar-me ao hotel e, ao tempo em que o mesmo percorre as ruas escuras deste país que parece não dormir, já era possível sentir o cheiro dos temperos e os sons do árabe que me toa tão musical; senti novamente a aridez do deserto. Era a primeira vez que saía depois de dois anos reclusa. Este texto pretende ser um memorial reflexivo da experiência em ser uma mulher escultora a partir das considerações dos processos de criação de dois trabalhos recentes: *Germinares* (2021), realizado em granito no 26º Simpósio Internacional de Escultura de Aswan, no Egito; e *Desvanece uma na outra* (2022), realizado em atelier como processo da investigação em arte. Considera, ainda, os atravessamentos de deslocar-se e isolar-se determinados pela pandemia do COVID19. *Germinares* carrega o estado de suspensão, contém o que foi e o porvir. Essa série de pequenas esculturas nas quais a ausência de cores se contrasta com pequenos elementos dourados que pretendem vir à tona, abrindo brechas no volume que os contém, traduz o dúbio desejo de preservar e germinar. Ao mesmo tempo que eram esculturas de pequeno formato, pretendiam ser propostas monumentais, pretendiam germinar. *Desvanece uma na outra* (2022) consiste em duas peças que compõem um conjunto, se complementam ao mesmo tempo que se repelem. Como elementos relacionais, podem ser percebidas no exato momento em que pretendem fundir-se; talvez por atração, quem sabe por ataque. Conformam em si o jogo da sedução que as raízes tecem no subsolo e que se assemelha aos sentimentos e às sensações do corpo feminino em assalto erótico, na entrega aos seus desejos, mas atravessado pelos seus receios que definem ações de autodefesa.

Palavras-chave: Escultura, Processo criativo, Simpósios de Escultores

Processos de criação da canção na Belle Époque carioca

Celio Rentroia

Programa de Pós-Graduação em Música - PPGM-UFRJ

Resumo

O artigo discute aspectos dos trânsitos criativos entre o teatro musicado e a canção popular urbana produzidos no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, período que ficou conhecido como a Belle Époque carioca. Para isso, o método de abordagem dialoga com as teorias críticas de processos de criação propostas por Cecília Salles. Os processos de criação individuais e coletivos são observados a partir de uma perspectiva em rede, conforme descrita por Pierre Musso, que busca delinear os nós e eixos em interação e identificar as conexões que se destacam. As reflexões de Edgar Morin sobre as brechas nas normatizações (imprintings) ocorridas durante períodos de efervescência cultural também se mostram bases importantes. Em diálogo com essas proposições, Salles indica a pertinência do exame das transformações como elementos definidores da criação. A presente investigação se direciona para os trânsitos criativos entre o teatro musicado chamado “ligeiro” e a canção urbana produzidos na Belle Époque carioca, caracterizados pela mistura de influências europeias, africanas e americanas e pela busca de uma identidade cultural própria. Manifestações teatrais classificadas como operetas, mágicas, revistas e burletas traziam as influências de suas origens francesas e italianas, enquanto eram transformadas em versões nacionais, a partir da interação com uma multiplicidade de elementos locais. Fenômeno semelhante acontecia na canção urbana, com o surgimento do choro e do maxixe como gêneros musicais que se consolidaram como brasileiros. A circularidade entre teatro, música e público foi intensa, e ganhou novas dimensões com o surgimento das tecnologias de gravação, na virada do século XX. Temas como corpo, identidades, tecnologias e epidemias surgem como pontes possíveis entre o passado e o presente, e como elementos prováveis no processo de criação do futuro.

Palavras-chave: Teatro musicado, Canção urbana, Processos de criação, Belle Époque carioca

Vivências artísticas afro-ameríndias: experimentos e discussões decoloniais

Claudete Nascimento Machado
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Resumo

Apresenta estudo de caso sobre as criações artísticas e à realidade driblada por artistas curadores dos Coletivos: “Ewê” e “Nos, os de Aruanda”. Coletivo de “artistas de terreiros” curadores, formado por artistas pesquisadores da universidade e pessoas das religiões de matrizes afro-ameríndias e movimentos sociais fora da academia. Cujas produções refletem à realidade cotidiana e as dificuldades na região Amazônica. Realidades que se constituem em impulsos de criação artística, pesquisas e ações de curadoria de artistas. Resultando que ambos os coletivos de artistas em dois estados da região Amazônica estudados, apresentem tanto na arte quanto nas ações de curadoria de artistas, uma arte descolonizadora, com ações problematizadoras e singulares. Ao mesmo tempo, em que registram marcas identitárias de uma arte amazônica rica em diversidade étnico-racial e diversidade de gênero. Ainda que resultante de espaço geopolítico demarcado pela colonização. Uma arte plural e “rebelde” num espaço que ainda não se libertou de muitas das amarras da colonização. Inclusive o campo da arte. Assim, a falta de recurso e de oportunidades, possibilitam aos coletivos de “artistas de terreiros” da região Amazônica a se lançarem em experimentações ligadas às suas identidades e memórias ancestrais. Corroborando para que os coletivos de artistas de terreiro resistam para se estabelecerem no campo artístico (Pierre Bourdieu) com iniciativas próprias e realizem exposições de arte em galerias, intervenções em espaços públicos, arte de rua, Participação em editais estaduais, municipais e nacionais. Publicação de artigos sobre os fazeres dos coletivos etc.

Palavras-chave: Arte da e na região Amazônica; Experimentações em artes visuais contemporâneas; Curadoria de artista; Arte de povos de terreiro.

Experimentações decoloniais de produção e leitura de um quadrinho-baralho

Cláudia Maria França da Silva
Centro de Artes - UFES

Narayana Teles Caetano Silva
Artes Visuais - UFES
CNPq

Resumo

Durante três jornadas de iniciação científica (2019-2022), com bolsa do CNPq, foi produzido um quadrinho autoral. A série “Decolonizando os Quadrinhos” teve em cada jornada um eixo de experimentação; a análise sobre o processo de produção foi dividida em três eixos: as mudanças de roteiro (e formas experimentais de escrever um roteiro), as experimentações gráficas e as experimentações de narrativa e de leitura, que culminaram num quadrinho-baralho. Isso se deu utilizando diversos dispositivos que ora foram criados previamente, ora durante o próprio processo de produção. A experimentação, articulada à parte teórica, surgiu como crítica decolonial sobre os processos de produção de HQs ocidentais, cuja narrativa é estruturada em: introdução, meio, clímax e final bem definidos, coerência gráfica, ordem de leitura numérica e quase sempre cronológica, demandas do mercado editorial, dentre outros elementos hegemônicos próprios da indústria cultural. Alguns aspectos merecem relevo, como atravessadores da estrutura: a artista-pesquisadora como mulher e mestiça indígena, a autorreferência no processo de criação e a primeira graduação em Cinema. Tais fatores permitiram a articulação com cineastas e escritores de trajetórias semelhantes, o uso de diferentes linguagens e a articulação com o debate dos quadrinhos. A alegoria, conceito chave para esta pesquisa, permitiu criar metáforas visuais de conceitos complexos e abstratos, como o epistemicídio, dentro de um universo de ficção-científica espacial. Além disso, o quadrinho em si é uma alegoria ao Brasil como um planeta alienígena, onde tudo é estranho e bem familiar, ao mesmo tempo. Como o quadrinho foi concebido dessa maneira, onde tudo é “estranho e familiar”, a maneira de ler também apresentou uma potência para corresponder a essa relação. Isso se desdobrou na etapa final da pesquisa: o embaralhar de pranchas avulsas criou uma ordem própria e, conseqüentemente, uma leitura mais interativa e menos passiva.

Palavras-chave: Processo de criação em Desenho; Quadrinhos; Narrativas aleatórias; Decolonialidade.

Os Sonhos e a Construção imagética de Desenhos de memória

Cláudia Maria França e Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Samylla Oliveira Mendes
Universidade Federal do Espírito Santo
Bolsista de Iniciação Científica - FAPES

Resumo

Relata-se a pesquisa realizada pelo PIIC, como bolsista FAPES. Deu-se continuidade a uma pesquisa poética anterior, em que desenhos de memória foram realizados a partir de sonhos próprios. Esses registros revelaram seu potencial para o processo de criação de desenhos e pinturas, sendo assim motor de uma pesquisa, em que sonhos fossem trabalhados pela leitura de textos importantes sobre a atividade onírica e por registros periódicos – gráficos e sonoros – de sonhos pessoais, que assumiram uma nova diretriz a partir da pandemia. A proposta geral desta investigação foi analisar os sonhos, a partir da rítmica de sua lembrança e o registro de suas características peculiares durante o contexto da Covid-19, levando em conta os impactos das medidas de isolamento social, o temor da morte, o luto pelas perdas e a ausência, até meados de 2021, surgindo uma cobertura vacinal que nos protegeu minimamente. A esse respeito, um volume da Revista Cult registrou pesquisa feita por psicanalistas sobre sonhos pandêmicos recebidos de voluntários. Os sonhos são abordados como material de estudo por suas imagens mentais, em que os registros ocorrem para melhor entendimento das atividades do inconsciente e sua reflexão na vida cotidiana, apontadas pela teoria psicanalítica de Sigmund Freud, especificamente n'A interpretação dos Sonhos. Por outro lado, entendendo o sonho como trabalho de imaginação e reconstrução, recorreu-se a textos de Gaston Bachelard, no que se refere à sua Fenomenologia da Imaginação. A aplicação deste método relacionou imagens mentais registradas aos conceitos de imagem poética, imaginação formal e imaginação material, propostos pelo autor em algumas de suas obras. Os sonhos lembrados imprimiram diversos aspectos imagéticos, psíquicos, sensoriais e imaginários, gerando desenhos de memória dessas imagens. A expectativa é que os cadernos em que os sonhos são anotados se revelem como documentos de processo e fontes primárias para a realização de trabalhos artísticos.

Palavras-chave: Sonhos. Processo de criação em Desenho. Memória. Imagem mental. Interpretação de sonhos.

Da voz falada à voz cantada - Um estudo sobre poéticas vocais, a partir da poesia para a formação da atriz-poeta-cantora

Daniele Cristina Oliveira / Danielle Rosa
Unesp – Universidade Estadual Julio de Mesquita
Financiamento CAPES DS

Resumo

Este mapa-artigo faz parte da minha pesquisa de mestrado em Artes pela Unesp, com orientação da Profa. Dra. Lucila Romano Tragtenberg e trata-se de um estudo teórico-prático voltado para poéticas vocais, em que parto da poesia na voz falada para a voz cantada, investigando através da prática de exercícios vocais de interpretação e de canto a voz da atriz-poeta-cantora com intuito de mapear poéticas da voz que estejam relacionadas com a poesia cantada em cena. Para esta investigação me proponho um trabalho cartográfico através de meus mapas artísticos e através da poesia não escrita ou falada somente, mas principalmente cantada para a atuação com caminhos para a voz da atriz-poeta-cantora. Os mapas que norteiam essas descobertas de análise e estudo, entre os quais e assim organizados, fazem parte dos processos artísticos nos quais mergulho através da minha experiência e prática para trazer à tona questionamentos. Este mapa-artigo abarca estudos de estética e poéticas cênicas pois se debruça sobre processos de criação de linguagens e análises de procedimentos de criação de artistas e está relacionado com o processo de criação de poéticas da voz e com a poesia cantada para a atriz-poeta-cantora e para o ator-poeta-cantor. Ele é apenas um dispositivo para dar seguimento à minha pesquisa em andamento.

Palavras-chave: Atriz-Poeta-Cantora; poéticas vocais; atuação.

Do Imaginar ao Vestir: processos e experimentações artísticas sobre o rito de passagem – casamento

Elaine Karla de Almeida

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal.

Michele Dias Augusto

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. Bolseira de Doutoramento da FCT

Resumo

Nesta comunicação apresentaremos uma síntese do processo criativo do projeto artístico Mirar-Imaginar-Vestir, uma abordagem interdisciplinar dos campos da moda, das artes cênicas e da instalação interativa, com objetivo de explorar os conceitos simbólicos, sociais e afetivos do rito de passagem do casamento através da memória dos acervos do Museu Nacional do Traje (MNT) e do Museu Nacional do Teatro e da Dança (MNTD) – os trajes de noivas e os bailados da temática do romance de Inês de Castro e Pedro I. Inicialmente planejamos ressaltar os antigos registros fotográficos, as simbologias contidas nos trajes dos acervos, os desenhos de cena e a materialização artística dos figurinos em cena, a fim de captar as referências sensíveis e plásticas, para que a partir destes, realize-se o processo artístico idealizado: a imagem a ser construída – desejada ou não – do vestido imaginário, abarcado na memória do rito, contidos nos elementos de base da investigação. Propomos a reflexão acerca do rito de casamento – o ato de Vestir – no aspecto sensível do espectador e a mensagem a ser entendida. As experimentações vivenciadas no percurso criativo propiciam vislumbrar a síntese do processo de elaboração física da instalação artística, com elementos construídos com a finalidade de captar as memórias dos antepassados, do imaginário presente nas narrativas literárias e nas imagens culturais do contexto idealizado ao longo do tempo na sociedade ocidental. No intuito de investigar o desenvolvimento do pensamento criativo, considerando os contextos históricos, sociais e de memória das coleções, este trabalho almeja demonstrar as bases sensíveis das criações a serem desenvolvidas, os aspectos gerais, formais, simbólicos, históricos e de estilo enquanto fios condutores revelados através da memória do Património Cultural e como estes podem ser ressignificados em novas abordagens artísticas.

Palavras-chave: criação, moda, figurino, memória, património

Devaneios da água-cor

Eliane Patricia Grandini Serrano
UNESP – Campus Bauru

Resumo

O tema XI POÉTICAS, ES 2022 - Seminário Ibero-americano sobre o processo de criação nas artes, “O que se constrói nesse saber viver juntos?”, nos faz pensar em nossa própria capacidade de reinvenção e resistencia. Sou professora de pintura, e trabalho com a formação inicial de professores de Artes Visuais. No início do isolamento social provocado pela Pandemia do COVID 19 me deparei com muitos desafios, cuja problemática principal, enquanto docente, era de como garantir um pensamento e uma produção pictórica longe do ateliê e do coletivo? E como artista, como ficaria a minha produção pictórica, já que naquele momento estava totalmente comprometida com as inúmeras reuniões virtuais, de organização do ensino na Universidade? Com os estudantes, trilhamos o caminho da relação dialógica e estabelecemos acordos de proximidades sensíveis e poéticas, mesmo separados pela dimensão virtual. Como artista, me voltei para a aquarela que me fez rever memórias, afetos e temas que estavam adormecidos. Aquarelando, consegui oxigenar momentos de dúvidas, medos, impaciências e permanências domésticas, com isso minimizei as dificuldades dos distanciamentos, e o “viver juntos”, ganhou novo sentido. As aquarelas a serem apresentadas neste artigo, materializam as leituras dos livros *A água e os sonhos - Ensaio sobre a imaginação da matéria* de Gaston Bachelard (1997) e *Água Viva* de Clarice Lispector (1998). Com a pintura pura, admito a força desta linguagem que se faz contemporânea, mesmo sendo manual/natural, bem como reforço a importância dos clássicos autores que deram origem ao meu pensamento pictórico aqui exposto. Todas as pinturas são ecos de leitura e também exemplos da multiplicidade de sentidos provocados. O imaginário da professora artista que sou, juntou-se ao imaginário de Gastão Bachelard e Clarice Lispector, e neste momento pretende reverberar-se a outras fontes, como dispositivo de entrelaçamentos significativos e coletivos.

Palavras-chave: professora-artista; aquarela; pintura

A poética de Glenn Gould na Orquestração Acústica

Fabrizio do Rosário Moreira
Programa de Pós-Graduação da UFES

Felipe Pessin Manzoli
Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES - PPGA- FAPES

Fabiano Araújo Costa
Programa de Pós-Graduação da UFES

Resumo

Inserido em uma pesquisa que investiga os impactos das transformações tecnológicas sobre o fazer e a recepção musical nas diferentes culturas, este trabalho trata especificamente de um caso da cultura da música de arte ocidental erudita na década de 1970. Propomos uma reflexão sobre o processo criativo do pianista canadense Glenn Gould no que ele mesmo denominou Orquestração Acústica. Em sua dimensão mais técnica, tal processo consiste na espacialização da captação do som utilizando técnicas específicas de gravação, incluindo até mesmo técnicas inspiradas na gravação de imagem no cinema. Em sua dimensão mais geral, esse processo está ligado à utilização do corpo como ferramenta criativa. Procuramos compreender como esse aspecto corporal-criativo se manifesta na música interpretada por Gould, uma vez que o pianista coloca este aspecto como segundo plano, quando comparado ao intelectual. Nossa abordagem se apoia em três tipos de referenciais teóricos: (1) estudos relacionados ao processo criativo em geral, como a noção de Formatividade de Luigi Pareyson (1993), e sua especificação mediológica e cognitiva de modelos de formatividade musical nas culturas, na perspectiva da musicologia audiotátil (CAPORALETTI, 2014; 2019); (2) a noção de áudio musicista (TÁPIA, 2018) que considera o profissional que trabalha em estúdio, gravando, editando e mixando como um agente criativo do processo, e (3) fontes da gravação da peça sonata op. 53, número 5, de Alexander Scriabin, gravada por Gould. Explorando dialogicamente conceitos como Liveness - que considera valores da performance em uma perspectiva de resistência a condicionamentos da mediação tecnológica - e o par conceitual Princípio audiotátil e Codificação neaurática - que considera os efeitos do meio tecnológico na transmissão da mensagem em um corpo que se projeta na cultura como ferramenta criativa - acreditamos que esta tríplice percepção do fenômeno pode contribuir para a compreensão da poética de Gould.

Palavras-chave: Glenn Gould, Orquestração Acústica, audiotatibilidade, corporeidade.

Estar vivo e em jogo

Flávia Braga Gonçalves
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

O artigo é uma investigação do jogo como potência de vida, como formas de estar e ocupar a cidade. O espaço lúdico é de natureza humana. O jogo é uma construção social, cultural e de transmissão. Uma abertura ficcional de instâncias no mundo. No pós-isolamento, com a retomada das atividades cotidianas presenciais, os jogos se restauram em ambientes físicos como forma de convivência, como modo de viver juntos. Para isso, o jogo Amarelinha foi escolhido como ponto de partida para proposição artística desenvolvida por mim no estado do Espírito Santo e Minas Gerais. Vou riscando superfícies e compondo amarelinhas de forma efêmera durante caminhada. Com fuga na própria paisagem, o lugar ficcional para todas as idades, os gêneros e identidades, as línguas e grupos sociais. Em sua multiplicidade, a amarelinha é agregação. Risco as grades, jogo. Vou atraindo outros corpos. Vamos compondo saltos e corridas. Vamos desafiando o tempo, nos envolvendo, resgatando memórias. Amarelinha é um termo usado no Brasil, com pronúncia próxima ao francês “marelle”, que é a pedra usada pelo jogador. É um jogo originado na França e trazido ao Brasil pelos portugueses. O primeiro registro é do séc. XVII encontrado no livro Book of Games, escrito por Francis Willughby. Como referencial teórico, Tim Ingold e Johan Huizinga contribuem para reflexão sobre o ato de jogar e os movimentos instaurados de um mundo vivido em percurso.

Palavras-chave: jogo; convivência; cidade; percurso; amarelinha.

Videoarte a partir de banco de dados e o processo de edição audiovisual

Francine Nunes de Lima

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Bolsista CAPES

Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo

Desde os anos 90 artistas utilizam produtos culturais de terceiros em suas obras. Assim, a matéria prima do trabalho artístico, são os bancos de dados. No caso da videoarte, arquivos do cinema e da televisão passam a ser apropriados, reinterpretados e misturados. A edição ganha papel central no processo de instauração dessas obras. Segundo Nicolas Bourriaud (2009), essa prática se dá tanto pela multiplicação na oferta de produtos culturais, quanto pelo interesse dos artistas em materiais vindos de outras áreas. Podemos acrescentar aqui que essas são características marcantes da era das imagens numéricas, descrita por Edmond Couchot (2003), a capacidade de produção em grande escala e a hibridação como principal característica estética. Neste contexto, este artigo busca abordar como os processos de edição estão presentes em obras de videoarte criadas a partir de bancos de dados e apresenta os procedimentos de edição que caracterizaram a instauração de minha obra *Linha de Cronos* (2022). Um vídeo single-channel com 01'39'' que reflete sobre a temporalidade contemporânea, marcada pela urgência, pressa e instantaneidade. O processo de edição é uma etapa central no processo de criação da obra, que não parte de produtos culturais, mas de um banco de dados pessoal que conta com uma série de vídeos, fotografias e sons, gravados a partir de 2015. E assim como no caso de obras criadas a partir de um banco de dados de terceiros, há em meu processo de edição um ressignificar de imagens de “outro tempo”. Este texto apresenta também um percurso teórico que busca apresentar a relação entre imagem numérica e banco de dados, a partir de Edmond Couchot e Lev Manovich. Acrescentando também, as reflexões de Nicolas Bourriaud sobre pós-produção na Arte Contemporânea. Além de tratar de questões acerca da edição em videoarte a partir de autores como Philippe Dubois, Arlindo Machado e Christine Mello.

Palavras-chave: Arte contemporânea; Arte e Tecnologia; Videoarte; Edição; Banco de Dados

A poética de Anni Albers e sua influência na arte têxtil contemporânea: a exposição Weaving Beyond the Bauhaus

Francine Ferreira de Nardi Golia

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filhos” (Unesp/Faac)
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filhos” (Unesp/Faac)

Resumo

A presente comunicação aborda a produção e as contribuições de Anni Albers (1899-1994) para o desenvolvimento da tecelagem e de sua influência na arte têxtil contemporânea americana. Para estudo da importância da obra de Albers foi imprescindível compreender o contexto no qual sua formação e pesquisa têxtil se desenvolveram, para tanto, realizou-se uma explanação inicial do início de seus estudos no atelier têxtil da Bauhaus, bem como a tapeçaria era trabalhada na instituição. Albers trouxe inovação para a área têxtil, devido à sua atenção e dedicação em lidar com a materialidade, escolha de fios, fibras e cores com as quais iria trabalhar e produzir, desenvolvendo composições têxteis repletas de padrões e experimentações com as mais variadas técnicas enfatizando a questão geométrica aprendida na Bauhaus além de, têxteis pictóricos e com desenhos que trazem a sensação de figura-fundo. A partir da observação de características comuns presentes entre as tecelagens da artista, observadas por meio da catalogação das obras, foram estabelecidas três categorias gerais de modo agrupá-las por semelhanças visuais, sendo elas: tecelagens pictóricas, tecelagens geométricas e tecelagens com figura-fundo. Após a divisão por categorias, que formaram três grandes grupos, apresentando proximidade visual e gerando um entendimento mais profundo da produção de Anni Albers, foi possível dar início à investigação da exposição Weaving Beyond the Bauhaus (2019). Sendo assim, através da observação de trabalhos têxteis das artistas contemporâneas Claire Zeisler (1903-1991), Lenore Tawney (1907-2007), Else Regensteiner (1906–2003), Ethel Stein (1917-2018) e Sheila Hicks (1934-), as obras foram comparadas mediante as três categorias geradas por meio das obras de Albers, comprovando, o legado, influência e importância da tecelã para arte têxtil do século XX.

Palavras-chave: Arte têxtil; Anni Albers; Bauhaus; Processo criativo; Mulheres na Arte.

Corpo-paisagem: elaborações performáticas para um outro corpo

Francisco Aurélio de Souza Pereira
Programa de Pós-Graduação em Artes/UFES

Cláudia Maria França da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

A pesquisa em curso “Corpo paisagem: a instauração de um exoesqueleto poético” trata de inserções performáticas realizadas na Chapada do Araripe (CE), de modo a discutir relações entre paisagem e corpo, a partir da experiência de contato direto e temporalmente dilatado entre eles. Os protocolos de ação se dividem entre acoplamentos e espojamentos, cuja metodologia – relacionada a modulações da energia corpórea – corresponde, respectivamente, a: i. estratégias de permanência: reorganização da verticalidade de meu corpo no espaço natural, tomando-o como uma estrutura e ii. estratégias de embate: fricções entre pele e terra a partir de uma movimentação cuja referência são aves e mamíferos domesticados para trabalho – que fazem parte do meu cotidiano. Tais estratégias são circunscritos como ações voltadas à câmera (MELIM, 2008), dentro de uma investigação poética (PASSERON, 1997; REY, 1996). Este horizonte metodológico abarca a criação voltada, sobretudo, a um debruçar-se analítico do ato criador durante seu acontecimento. As idas à Chapada do Araripe são fundamentais para o encontro com o pensamento e ação de Jorge Larrosa Bondía (2002), Gilles Deleuze & Félix Guattari (2010) e a artista Lilian Colosso (2011) os quais, discutem, respectivamente: a experiência como algo que atravessa o sujeito, convocando-o a um estado de abertura ao vir a ser; compreensões do humano como tocado pela natureza, acoplado a ela e atravessado por suas potências e, por fim, experimentações em torno da simbiose do corpo com matérias da natureza. Trabalhos autorais são analisados, a partir de seus documentos processuais, como a série “abrigos” e o vídeo “ensaio para uma transmutação n.2”, que apontam distintas modulações da inserção do corpo na/como paisagem, sendo por ela atravessado. As estratégias de embate e permanência, como procedimentos performáticos de pesquisa, são entendidas, assim, como a constituição de uma experiência de afetação em que o corpo possa, ele mesmo, tornar-se outro.

Palavras-chave: processo de criação em performance; Experiência; Corpo sem Órgãos; estratégias de embate e permanência

O Gesto como caminho de criação cênica: Contribuições de Michael Chekhov ao trabalho do/a ator/atriz

Giovanna Borges Nogueira

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Neto” – UNESP
Financiamento: Bolsa PIBIC- CNPQ

Resumo

O artigo parte de uma pesquisa começada na iniciação científica, na qual a intenção foi investigar as contribuições do ator, diretor e professor russo Michael Chekhov (1891-1955) no campo da formação de atrizes/atores através do estudo sobre a prática e o desenvolvimento do conceito denominado por ele como Gesto Psicológico (GP). O Gesto Psicológico é um gesto corporal, resultante do acionamento interno com qualidades de movimento específicas para cada personagem, e como a força do movimento pode engajar a construção do imaginário. O artigo abarca uma pesquisa teórico-prática acerca da utilização do Gesto Psicológico em caminhos e procedimentos de seu uso no processo criativo do/a ator/atriz. Aprofundando no conceito de GP e relações com outros conceitos de Chekhov, verificando as principais fontes que influenciaram e inspiraram Chekhov, como os estudos acerca do estado psicofísico e sobre a ação cênica de Constantin Stanislavski através da revisão bibliográfica, e analisando praticamente sua utilização no método de atuação cênica e na criação de personagens e estados de cena. Dados sobre um laboratório prático online oferecido para um grupo focal de atores em formação, como consequência do momento de distanciamento social causado pela pandemia de Covid- 19, com o intuito de compreender o Gesto Psicológico na prática e como a aplicação do gesto se dá no momento de criação do/a ator/atriz

Palavras-chave: Michael Chekhov, Gesto psicológico, trabalho atoral.

Percepções do desenho em um suporte ready-made

Greicy Kelly Teixeira dos Santos

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Cláudia França

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo

O presente artigo apresenta considerações sobre o processo de criação de um objeto, nomeado de Observatório do desenho, realizado em 2022. Este trabalho traça relações muito próximas entre um objeto como suporte-matriz e operações que articula à realização de um desenho tridimensionalizado. Desse modo, há uma busca, no texto, em construir reflexões sobre questões do objeto em sua materialidade e sua possibilidade de ser percebido como um desenho, considerando alguns elementos que constituem as relações entre plano versus linha que vem da experiência em desenho, bem como suas implicações com o objeto ready-made. Em síntese, o objeto pode ser descrito como um suporte, um objeto que responde por sua funcionalidade, sobre o qual foi realizada uma das possíveis ações, descritas por Jean-Clarence Lambert (2001) ao tirar o lugar comum dos objetos cotidianos. Sobre esse objeto-suporte, um binóculo, foi embrulhado um tecido, e sobre ele, uma trama de fios de costura. Observatório do desenho possui duas intervenções; primeiramente pela mediação do tecido, depois a mediação da linha que impossibilita o contato do binóculo com a nossa realidade e isso impossibilita que o binóculo cumpra a sua função inicial. Essa trama de tecido e fios garantiu ao objeto esse aspecto gráfico e, desse modo, torna-se pertinente nomeá-lo de “desenho tridimensionalizado”. A partir das interferências feitas no objeto, ele não vê, mas ele é visto, ou seja, ele deixa de ser um instrumento, um elemento de mediação, e passa a ser um objeto artístico. Para a construção textual, são levadas em conta as aproximações e distanciamentos entre os artistas Marcel Duchamp com os seus ready-mades, e com os objetos embrulhados de Christo Javacheff. Com essa prática pretende-se refletir sobre o sentido do objeto industrial na produção de Desenhos, verificando suas potencialidades como obra de arte e igualmente abarcando estratégias e operações utilizadas na concepção, realização e montagem do trabalho.

Palavras-chave: Objeto, Suporte, Desenho, Tridimensionalidade, Linha

De arcadas e de grooves: breves apontamentos sobre o violinismo de Ricardo Herz em 'Odeon'

Ismahel Carvalho de Souza

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Fabiano Araújo Costa

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo

Como parte de uma pesquisa ampla que investiga os impactos das transformações tecnológicas em poéticas musicais em diferentes culturas, analisamos o processo criativo do violinista brasileiro Ricardo Herz para além de uma mera passagem do universo da música erudita para o da música popular. Buscamos compreender os fatores que condicionam seu descolamento de uma posição de intérprete para assumir uma posição autoral a partir de sua relação com as propriedades da mediação fonográfica. Adotamos a perspectiva teórica da musicologia audiotátil, na qual, diante da tecnologia de gravação fonográfica o performer encontra condições para se projetar esteticamente como um agente que "escreve" um texto autoral de natureza audiotátil no suporte mediológico. Nesse processo, valores como o swing e o groove alcançam pertinência diferenciada, e se destacam como fator estético no âmbito de uma dada cultura. Especificamente, realizamos uma análise que busca identificar os groovemas escritos por Herz em sua gravação do clássico Odeon, de Ernesto Nazareth. A análise considera, de um lado, um aspecto técnico relevante da performance ao violino, a arcada, para em seguida, relacioná-lo às variações groovêmicas recolhidas do fonograma a partir do software Sonic Visualizer. São considerados ainda aspectos biográficos do músico, do gênero choro, e questões relacionadas à ontologia da obra musical na contemporaneidade.

Palavras-chave: Ricardo Herz; Poéticas; Groove; Músicas Audiotáteis.

Vôos groovêmicos do Scat singing de Flora Purim em "Conversation"

Jennifer Soares Nogueira

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Fabiano Araújo Costa

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo

Dialogando com a linha “O processo de criação artística nas artes visuais, música e artes cênicas” propomos uma análise sobre os processos de improvisação do Scat Singing da cantora brasileira Flora Purim na faixa Conversation do álbum “Open Your Eyes You Can Fly” (1976). Nascida no estado do Rio de Janeiro em 6 de março de 1942, Purim estabeleceu uma trajetória nos gêneros musicais Fusion e Latin Jazz em uma discografia que conta com 17 álbuns, datados dos anos de 1964 a 2022. Um especial interesse no processo criativo de Flora Purim reside em sua forma singular de expressão com o scat explorando os novos recursos de mediação de sua época. As formas estéticas de seu Scat são marcadas por fraseados que simulam distorções, gemidos, gritos, efeitos de filtro como reverb e delay, controlados pela manipulação de dois microfones. Assim como onomatopeias, fonemas, vocalize legato e ataques em vogais e sílabas. Em nossa análise, tecemos reflexões sobre o processo criativo da improvisação vocal focando na análise das sílabas, vogais e onomatopeias. Para isso, utilizamos o quadro teórico da musicologia audiotátil, em especial a teoria dos groovêmas. Metodologicamente recorreremos inicialmente ao processo de transcrição da faixa levantando aspectos da textualidade visual do medium notacional semiográfico (partitura), como notas, ritmos, alturas e articulações dos improvisos. Em seguida, procedemos com o levantamento de vestígio do groove e do swing que fazem parte da textualidade audiotátil, e que diz respeito aos aspectos expressivos de Flora Purim na execução dos Scat’s, realizados e inscritos fonograficamente durante a gravação musical. Especificamente, trata-se de uma análise da performance fonofixada com levantamento de dados através de recursos tecnológicos e posterior identificação das modificações groovêmicas que singularizam o estilo do scat de Flora Purim.

Palavras-chave: Flora Purim. Scat Singing. Improviso. Teoria Audiotátil

Sonhos despertados. Notas sobre Poética e Onírica

João Vitor de Paula Araújo
NPGAU – UFMG
CAPES

Resumo

A partir de uma tese polêmica que atravessa o ensaio O poeta e o fantasiar [Der Dichter und das Phantasieren], publicado por Sigmund Freud em 1908 - menos de uma década após A Interpretação dos sonhos -, buscaremos desenvolver algumas consequências de sua concepção da poética, e até mesmo indo mais além desta. A questão da qual pretendemos partir trata-se particularmente da noção de obra de arte enquanto um sonho diurno [Tagträume], que juntamente daqueles sonhos noturnos [Träume] - aqueles mesmos que na Traumdeutung foram lidos sob o conceito de formações de inconsciente -, fundam-se no fantasiar enquanto domínio de eclosão das imagens do inconsciente. Justifica-se neste encontro parte do método de leitura de obras tal como levado por Freud, na medida em que o autor desloca parte do aparato desenvolvido para leitura das mencionadas formações, mas especialmente, dos sonhos. Se o poeta, aqui entendido como sujeito da criação, é aquela que em sua fabulação deforma os sonhos diurnos na produção de uma fatura de teor artístico, tentaremos expor como o ato poético emaranha-se ao ato onírico em Freud, devendo à obscura relação entre sonho e sonhador algumas consequências para interpretação da natureza das relações entre vida e obra. Seguimos neste sentido uma tradição de comentadores a qual difere da trilha do intérprete-analista, que retorna pelo trajeto da fantasia para buscar a vida sob a obra; juntamente de nomes como Theodor Adorno, Jacques Rancière ou Georges Didi-Huberman, buscaremos expor algumas elaborações acerca da heteronomia entre arte e do imponderável das imagens, colocando também a prova a noção de inconsciente estético.

Palavras-chave: Sonhos diurnos; Criação; Fantasia; Arte; Vida

Sublimemente Frágil

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte (Joedy Marins)
UNESP (Darg-FAAC)

Resumo

No presente trabalho apresento uma sequência de obras de própria autoria, nas quais investigo as relações entre técnicas têxteis artesanais e registros da memória e do feminino, por meio de assemblagem, fotografia, escultura, desenho, em leituras híbridas que buscam interpretar visualmente a natureza como processo de criação, em metáforas do sagrado e da configuração de lugar enquanto espaço afetivo. A poética concentra-se no corpo, no instante de contemplação e de observação da sublimidade que o sustenta. A partir de imagens radiográficas nas quais se faz o rastreamento em tecidos mamários, busco a aproximação com a gênese em outros tecidos e o próprio tecer, na intersecção orgânica que uma amostra da natureza permite. Encontro a efemeridade humana, mesmo quando metaforicamente identificada com a decomposição de uma folha. Minha fala busca essas marcas, “digitais” reproduzidas tanto em meios utilizados pela medicina, quanto na fotografia e em técnicas têxteis. A organização da vida está presente na retina que captou essas imagens, nas marcas constantes do tempo, no aprendizado para produzir tramas. Sutilmente, as similaridades emergem, seja na força ou na fragilidade. Para a abordagem dos conteúdos, utilizo como aporte teórico, Cecília Salles, Elizabeth Barber e Richard Sennett.

Palavras-chave: Processo criativo; Fotografia; Arte têxtil contemporânea

Olhos nos Olhos – O Arco Intersemiótico de Narciso nas obras de Ovídio e Vik Muniz

Luciano Tasso Filho
PPGA/UFES

Ana Rita Lustosa
PPGA/UFES

Stela Maris Sanmartin
PPGA/UFES

Resumo

O Arco Intersemiótico se propõe, como ferramenta metodológica investigativa, a evidenciar mudanças morfológicas e simbólicas de um mesmo tema em diferentes manifestações artísticas ao longo do tempo. A exploração do tema inscreve-se nas primeiras etapas do processo criativo, fornecendo elementos processuais e contextuais encontrados em registros históricos, que indicam caminhos possíveis para futuras produções no campo das artes. Neste artigo, discorreremos sobre a importância do olhar nas relações sociais, tendo por base duas obras que trabalham o tema Mito de Narciso em períodos distintos: a poesia de Ovídio (43 a.C - 17/8 d.C.) e Narciso, d' après Caravaggio, produção de Vik Muniz realizada em 2006. Na visão do historiador e antropólogo francês Jean-Pierre Vernant, especializado em mitologia grega, conhecer o outro é procurar “captá-lo por meio de todas as suas manifestações, seus signos, suas condutas, suas confidências...” (VERNANT, 2001, p. 68). Narciso não tinha interesse por ninguém, a não ser por si próprio e isto foi a causa de sua morte. Em tempos marcados por comportamentos individualistas, interações cada vez mais distanciadas em dependência de tecnologias e amores próprios que refutam a confrontação com a realidade, retomar a estrutura ancestral do mito e confrontá-la com sua concepção contemporânea é uma forma de reavivar este tema e trazer inspiração para que artistas busquem novas soluções para uma sociedade caracterizada pelo distanciamento do olhar.

Palavra-chave: Arco Intersemiótico, processos criativos, Narciso, Ovídio, Vik Muniz

Processos de criação em transcrição vocal

Lucila Tragtenberg
PUC-SP / UNESP / UDESC

Resumo

Abordamos aqui, consonantes à pergunta O que se constrói nesse saber viver juntos?, formulada pelo Seminário Ibero-americano sobre o Processo de Criação em 2022, formas mestiças de criação em processo. Elas foram desenvolvidas com os estudantes dos cursos de Artes do Corpo da PUC-SP e de Licenciatura em Música – Canto na UDESC-SC, no período da pandemia de COVID-19 de 2020 até o momento atual em 2022. Trata-se de discutir como a proximidade com a interface tecnológica atuou nas formas híbridas/mestiças que desenvolvemos com os alunos, enquanto elemento participante das conexões da rede de criação do cantor e do ator, assim como, nas interações em mídias sociais. São trazidos ao diálogo recursos da Crítica de Processos e Redes da Criação de Cecília Salles, e mestiçagem em Laplantine&Nouss e Amalio Pinheiro. Objetiva-se refletir sobre outros modos de experienciar a criação da interpretação em canto, que atuam diretamente nos resultados artísticos e pedagógicos quanto à vivência dos alunos em processos de Transcrição vocal. O neologismo Transcrição criado pelo poeta Haroldo de Campos, contribui de forma contundente para a aproximação ao estado criativo do cantor em relação à música que irá interpretar e às novas interações com as tecnologias, neste período pós-isolamento em função da pandemia.

Palavras-chave: criação; transcrição; canto; mestiçagem.

Cuidado pedestre: processos híbridos de criação

Marcelo de Campos Velho Birck
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O artigo trata da criação de um videoclipe que busca inspiração no convívio entre usuários e tecnologias, e também nas maneiras pelas quais tecnologias de automação definem ambientes e condicionam comportamentos. Para tanto, o vídeo mescla performance, animação, imagens de arquivo e reutilização de materiais, de modo que a noção de montagem se aplique a todos estes elementos (incluída a música). Em função do isolamento provocado pela pandemia da covid-19, todas as etapas (concepção, direção de arte, trajes, atuação, captação de imagens, tratamento, edição, composição musical) ficaram a cargo do autor deste resumo, de modo que a produção se restringiu aos limites do ambiente doméstico. Para a gravação da música, no entanto, optei pela colaboração online. Gravações e partituras foram enviadas para diversos músicos, que fizeram uso dos equipamentos que estavam disponíveis para registrar suas execuções. Tais equipamentos foram desde microfones profissionais até celulares e gravadores k-7. Como um todo, o resultado faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, na qual são investigadas relações entre o visual e o audível com base em procedimentos de montagem. Tanto na criação de sons e imagens quanto na elaboração do texto, o método utilizado é a Bricolagem, concebida como uma interface de conexão entre metodologias diversas. Assim, para a fundamentação do trabalho abordo intercâmbios entre cinema, música e artes visuais, a partir de referências cubistas, Dada e Pop Art. Destaco a combinação de montagem e percurso em obras criadas com refugos, com base em Kurt Schwitters e Robert Rauschenberg. Prossigo com exemplos da Música Visual, incluindo recursos sonoros favorecidos pelo áudio impresso na película. Por fim, descrevo o processo de criação. Autores de referência: Peter Vergo, Vincent Amiel, Nicolas Borriaud, Marshall McLuhan e Barrington Nevitt, Edmond Couchot e Thomas Y. Levin.

Palavras-chave: Híbridação; Montagem; Audiovisual

Processo de criação: compartilhamento e reverberações entre arte e ciência

Maria Regina Gorzillo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC
CAPES

Resumo

O presente artigo propõe reflexões sobre os processos de criação de artistas e cientistas, tendo como foco os aspectos de compartilhamento, parceria e reverberações por meio da observação das especificidades dos procedimentos de criação. As amostras de processos que compõem esse estudo são: dos cientistas Charles Darwin e Fritz Müller, do artista Paul Klee e da ilustradora Marianne North, que visa estabelecer os diálogos de alguns de seus procedimentos com a natureza, mais especificamente com a botânica e das trocas entre esses agentes; e do projeto Experimenting, Experiencing, Reflecting (2019-2023), uma colaboração entre arte e ciência, liderada pelo artista Olafur Eliasson e pelo cientista Andreas Roepstorff da Universidade de Aarhus, Dinamarca, que busca examinar, a partir das interações propostas com o público, noções de união, colaboração e transmissão de conhecimento. O diálogo teórico, acerca das relações entre arte e ciência, com ênfase nas trocas entre as práticas criativas de artistas e cientistas, se ancora na crítica de processos e na criação como rede em construção de acordo com a abordagem de Cecilia Almeida Salles (2013, 2016, 2017), além das considerações de Vincent M. Colapietro (2014), em diálogo com Salles, no que tange sua perspectiva sobre os agentes da criação perpassando arte e ciência.

Palavras-chave: processo de criação, crítica de processos, arte e ciência, agentes da criação.

La presencia de la ausencia en el arte

Mónica Elisa Contreras Godínez
Fcaultad de Artes y Diseño. UNAM

Resumo

La presente reflexión se plantea la relevancia en el arte contemporáneo de procesos mnemónicos traducidos en obras que expresan complejas relaciones con la desaparición y la persistencia de las imágenes, en este caso la obra que revisaremos fue realizada en su mayoría en el período de pandemia lo que modificó sus recursos que se vieron determinados por el espacio íntimo y doméstico. Además veremos cómo es que actúa la obra en la que la impronta gráfica se contrapone a la relación puramente imitativa llevando a pensar la imagen desde su origen y cómo es que se puede buscar valor en otras cualidades olvidadas de forma recurrente en la gran historia del arte, veremos como la desemejanza, la pérdida, la imperfección, pueden provocar una gran adherencia psíquica y una mayor profundidad a imágenes que nos hablan de un específico carácter operatorio y abierto de los procesos en la obra. Buscamos explorar la premisa que postula que objeto artístico existe y puede conservar aún su poder de funcionar como un enlace entre aquél que mira y aquél que produce, entre una acción específica y su vestigio, y es el protagonista que deviene en un resto que da testimonio del poder de la memoria en el objeto artístico contemporáneo y que nos interesa presentar como un detonador de sensaciones relacionadas con experiencias corporales, que pueden ser experimentadas en el ahora, pero que por medio de su presencia en cuanto huellas, se permiten extenderse más allá del ahora .

Palavras-chave: memoria, presencia, vestigio,

Artista e natureza: processos e impactos a partir do Sul do Brasil

Monique Panzenhagen

Universidade Federal de Santa Maria
CAPES

Rebeca Stumm

Universidade Federal de Santa Maria

Giovana Guedes

Universidade Federal de Santa Maria
FIPE UFSM

Resumo

A aproximação artista e natureza é o tema desta investigação, pois desde as representações naturais nas pinturas rupestres, passando por experimentações realizadas diretamente no meio ambiente nos anos 60, o fato é que o artista sempre esteve conectado de alguma forma à natureza. Assim, o presente texto objetiva abordar esse vínculo poético com a natureza partir do momento atual, no qual a recente pandemia da COVID-19 trouxe mudanças nesse sentido, tornando os temas sustentabilidade e ecologia cada vez mais recorrentes no campo das Artes. Em vista disso, ganha relevância tratar da aproximação artista e natureza, sob perspectiva do momento atual e da história, ainda mais quando atualizações práticas se fazem necessárias para atender o que é reconhecido como ecologicamente correto e vem impactando escolhas de artistas atuantes. Para tanto, no intuito de buscar a atualidade do tema, investigamos a partir da vivência em uma universidade pública no interior do sul do Brasil, reconhecendo o local como um lugar onde o acesso à natureza que se faz de forma privilegiada, e assim, nos questionamos como artistas sobre os impactos que nossas produções podem ocasionar. Por fim, refletimos sobre as transformações que a aproximação artista e natureza ressoa nas pesquisas individuais dos artistas que experienciam as mudanças climáticas do momento atual e as transformações advindas dela.

Palavras-chave: Artes Visuais; Arte Contemporânea; Ecologia; Processos Criativos;

Da selfie, como meio de estar junto, ao autorretrato

Rogério Tubias Schraiber
Universidade Federal de Santa Maria
Financiamento Capes

Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Com novos modos de viver junto em função do COVID-19, surgem outros comportamentos, ideias e, também, novas alternativas aos artistas que viram-se pressionados a reinventar seus processos criativos. E foi isso que (re)construí: um modo particular no processo poético que desenvolvo no Doutorado em Artes Visuais, na Universidade Federal de Santa Maria. Ao ver que muitas pessoas ampliaram a postagem de selfies, percebi isso como um modo de “continuar junto” mesmo em isolamento, dada a visibilidade e a interação proporcionadas pelas redes sociais. Essas selfies tinham uma preocupação com a beleza, com a posição do rosto e, assim, fui (re)pensando o processo, adotando como tema o autorretrato a partir da selfie. Relacionei isso com o uso que faço de máscara de argila para tratamento facial, o que está muito ligado ao embelezamento. Desse modo, embasado no conceito de ‘embelezamento’, de Arthur Danto, iniciei uma série de autorretratos a partir de selfies em que cubro o rosto com camadas de argila e tinta, desordenadamente. O objetivo é subverter o procedimento convencional de embelezamento para obter uma transfiguração do rosto. A metodologia estrutura-se nas três dimensões definidas por Sandra Rey, sendo a dimensão abstrata - desenvolvendo ideias, esboços, anotações e pré-projetos; a dimensão prática - desenvolvendo técnicas e procedimentos operacionais com tecnologias atuais; e a dimensão da obra em processo - conectando com o que é relacionado ao conhecimento. Como resultado, os autorretratos exibem um rosto fantasmagórico em consequência da sua transfiguração em função das camadas de argila e tinta, das expressões faciais que faço no momento da selfie e dos procedimentos digitais em aplicativos de edição de fotografia. Conclusivamente, o embelezamento, poeticamente subvertido mediante esses procedimentos, fez emergir uma “beleza feia”, uma beleza disforme, relacionada ao significado, à transfiguração e à satirização da beleza canônica no autorretrato.

Palavras-chave: selfie; autorretrato; embelezamento; transfiguração; beleza feia

A importância da biografia na construção da interpretação das obras de Lycia de Biase (1910-1991)

Tayná Batista Lorenção

Universidade Federal do Espírito Santo
FAPES

Alexandre Siqueira de Freitas

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Lycia De Biase Bidart (1910 – 1991) foi uma pianista, compositora e regente natural do Espírito Santo que atuou ativamente no Teatro Municipal do Rio de Janeiro na década de 1930, e produziu cerca de 400 composições no decorrer de sua vida. No entanto, apesar da sua intensa atividade no meio musical erudito, ainda são poucas as pesquisas dedicadas a estudar a sua produção. Por isso, este presente trabalho objetiva investigar possíveis aspectos da técnica e da estética da compositora como auxílio para futuros estudos de interpretação. Isto se realizará por meio de elementos biográficos sobre sua vida e obra construídos no meu trabalho de conclusão de curso (LORENÇÃO 2020), e em minha dissertação em andamento, como também com o auxílio da recém-publicada dissertação da autora Nicole Garcia (2021). Serão levantados aspectos como a mudança de Lycia para o Rio de Janeiro em 1928, a influência de outros compositores, e obras de outros artistas que serviram de inspiração para as suas composições, na tentativa de estabelecer uma identidade à sua criação musical.

Palavras-chave: Lycia De Biase Bidart; Interpretação musical; Biografia; Música erudita brasileira; Compositora capixaba

En la piel: corpo, resistências, encontros e hibridações

Valdemir de Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria

Reinilda De Fátima Berguenmayer Minuzzi
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O videoarte/videodança *En la piel* é parte das produções realizadas durante o percurso da pesquisa de doutorado “Narrações do eu morrente” que investiga os processos metodológicos de criação por meio da heurística híbrida, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) da Universidade Federal de Santa Maria, RS (UFSM). O processo de criação desta proposta em vídeo é composto por cinco versões e foi realizado entre o período de isolamento social e retorno parcial da convivência devido à pandemia da Covid-19. Como motivação, parte do desejo de estar juntos e de memórias afetivas configuradas em poéticas visuais. Versa sobre os corpos nos quais se inscrevem histórias, sentimentos, desejos e a força do tempo que (de)forma o que somos de dentro para fora e de fora para dentro. (Re)liga dois corpos masculinos que se conectaram no Norte do Brasil e, naquele momento, encontravam-se distanciados questionando-se sobre a incerteza de um reencontro. Um estava em Santa Maria/RS/Brasil e o outro na cidade de Buenos Aires/Argentina. A tecnologia das edições uniu o que estava separado e as cores primárias – amarelo para um, vermelho para outro e azul para os dois - lembravam das possibilidades combinatórias, das múltiplas existências. A quinta produção, azul, celebra a união física e geográfica entrecruzando temporalidades e os próprios corpos. Na pele inscreveu-se o contentamento de sermos o que podíamos ou desejávamos ser numa tríade de existências: eu, tu, nós. *En la piel* é sobre corpos, resistências, encontros e hibridações.

Palavras-chave: Arte pandêmica; Vídeo; Videodança; Processo criativo; hibridação.

Urso contra “MagraSS”: pistas para um processo criativo em diálogo com o Teatro Documentário e a Autoficção

Walmick de Holanda
Universidade Federal do Ceará

Francis Wilker
Universidade Federal do Ceará

Resumo

O presente artigo investiga pistas para um processo de criação cênica a partir de uma situação real de gordofobia vivenciada/sofrida pelo autor, na qual uma empresa se apropria de sua imagem para comercializar programas de emagrecimento nas redes sociais da internet. Como a divulgação deliberada/sem consentimento da imagem de um corpo gordo, neste contexto, impacta a própria imagem do artista? Como a narrativa construída pelo anúncio se contrapõe ao senso de empoderamento e pertencimento do mesmo na comunidade ursina? Esta que é uma subcultura lgbtqi+ na qual, assim como o artista, homens gays gordos, parrudos e geralmente peludos se inserem e se denominam “ursos”. Motivada por essas questões, a investigação se ampara na noção de processo criativo (Cecilia Sales, 2006), compreendido como um percurso construtivo que envolve movimento, interação e transformação. Nessa perspectiva, a reflexão estabelece diálogos com as proposições do Teatro Documentário (Marcelo Soler, 2010) e da Autoficção/Autoescritura (JanainaLeite, 2017), procurando descrever alguns procedimentos de criação que podem contribuir para o tratamento cênico dos registros da veiculação da postagem, do diálogo com a empresa sobre o posicionamento errôneo, das impressões pessoais do artista enquanto vítima e dos materiais da ação jurídica em andamento.

Palavras-chave: processo de criação; teatro documental; autoficção; gordofobia; urso

Trajetos Percorridos e Objetos Encontrados

Werner Miguel Struck Krüger,
Universidade Estadual do Paraná UNESPAR
Escola de Música e Belas Artes do Paraná, EMBAP

Resumo

O projeto é a pesquisa que realizei para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Que tem início com os trajetos do dia-a-dia, percorridos para chegar à universidade, ao supermercado, caminhadas na praia e muitos outros, onde encontrava objetos que me chamavam a atenção. Esses trajetos eram percorridos em horários e períodos do dia aleatórios, e os objetos estavam lá, no caminho, como rastros de histórias e restos de vidas desconhecidas. E eu podia escolher entre fotografá-los, colhê-los ou não fazer nada, só passar por eles. E assim era o meu procedimento até a Pandemia do SARS-CoV-2 quando passei a me preocupar em realizar esses trajetos em horários marcados com menos pessoas transitando, tendo certo cuidado para coletar os objetos e fotografá-los. Esses percursos do cotidiano, de um lugar para o outro, e os seus tempos de traslado revelaram um mundo simbólico para minha experiência poética, onde percorrer tornou-se sinônimo de investigações e de análises dos trajetos. Nesses percursos realizei uma exploração de tempo e espaço, ao mesmo tempo em que este foi também um exercício de passar ligeiramente a vista sobre alguma coisa. As ações do cotidiano têm se tornado significativas em minha vida, principalmente considerando esses tempos de isolamento social, e a ação de percorrer espaços, lugares, durante certo tempo é a prática que mais tem me sensibilizado. Estes estudos se iniciaram a partir da noção de percurso e de sua realização efetiva no cotidiano. O trajeto, portanto, desse(s) percurso(s) cotidiano(s), era um deslocamento no espaço e no tempo que permitiu a observação de lugares e objetos variados inerentes ao trajeto. Durante esse(s) percurso(s), que poderiam ser a qualquer hora, dia e lugar, a observação desses objetos variados se tornou interesse real, ao ponto deles poderem ser recolhidos ou fotografados. É inquestionável a importância dos trajetos do cotidiano para esta pesquisa, mas eles não são os resultados finais dela.

Palavras-chave: Trajetos; Cotidiano; Tempo; Espaço



GD 8

*O ensino das artes: criatividade e inovação na
relação ensino-aprendizagem das artes visuais,
música e artes cênicas*

Jogo interdimensional: o process drama na sala de aula

Alexandre Luiz Porto Junior

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
FUNDECT

Isabela Teles Pereira

Universidade Federal da Grande Dourados

Maria de Fátima Serafim da Silva

Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo

Este trabalho trará as experiências a serem coletadas pelas vivências do autor e das coautoras, do desenrolar das vivências do Projeto de Extensão Drama na Sala de Aula: uma introdução, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), onde o foco é o processo de drama que será aplicado em uma turma do 7º ano na escola Rui Barbosa, da cidade de Caarapó/MS. Será analisado e debatidos o process drama desenvolvido com os alunos, assim como a formação em conjunto com as coautoras, que estarão em espaço de investigação e compreensão do drama na sala de aula. Trataremos sobre a formação de docentes, visto que ambas coautoras são acadêmicas do curso de Artes Cênicas da UFGD, e estarão tendo primeiros contatos com a metodologia de drama, aplicando diretamente na sala de aula, sob orientação do autor. Esse processo de drama que será desenvolvido terá como plano de fundo trabalhar a diversidade de gênero, sexualidade e etnia. A metodologia será a seguinte: os estudantes embarcarão em um process drama que explorará um espaço de jogo no qual encararão papéis que reflitam sobre a diversidade em sala de aula, na escola e sociedade em que se encontram. Ao tentar resolver um mistério de um roubo, em que diferentes desafios serão propostos enquanto exploram a linha do tempo da humanidade, os estudantes se encontrarão com diferentes especificidades que propõem lidar como uma minoria dentro de um espaço de segregação. Considerando que ainda estamos nos adaptando a um espaço pós-pandêmico, encontramos no process drama uma ferramenta metodológica eficaz para unir e integrar alunos e professores, uma vez que tal metodologia possibilita explorar ambientes além da sala de aula

Palavras-chave: formação de professores; drama; diversidade

“Uma boa mesa”: reflexões permeadas pela cozinha e o ateliê de pintura como laboratórios da formação do artista professor

Daniela Almeida Moreira
Instituto Federal de Santa Catarina

Jociele Lampert
Universidade do Estado de Santa Catarina

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a “mesa” como elemento comum à cozinha e o ateliê de pintura compreendidos como laboratórios de aprendizagem. Esse estudo concentra a reflexão a partir dos conceitos: arte como experiência e a arte de ensinar segundo a filosofia de John Dewey. Dewey (1900, 1910, 1915, 1932; MAYHEW e EDWARDS, 1936) faz referência ao potencial da cozinha equivalente a um laboratório, ambiente propício para procedimentos investigativos e conclusivos sobre os elementos que adentram a cozinha. Para John Dewey (1929, 1934/2010; SANTOS, 2021) conhecer e aprender não tem apenas dimensão intelectual, mas envolve o corpo e o pensamento em uma atitude e disposição reflexiva e estética. O filósofo enfatiza o ensino como arte com dimensão estética, que sabe mostrar a importância do espírito investigativo para chegar a uma conclusão sobre um objeto de estudo. Em diálogo com a dimensão estética da docência serão abordados os conceitos: ser artista professor e a a/r/tografia, para ampliar a reflexão sobre a pesquisa baseada na prática voltada a arte e educação. O estudo sobre ser artista professor terá como referência as ações desenvolvidas no Estúdio de Pintura Apotheke (LAMPERT, 2016, 2018, 2021; FACCO, GOULART, LAMPERT, 2017; LAMPERT e RUIZ, 2022; CAVALLARI, 2021) com eixo de investigação voltado a pintura, cuja mesa será a conexão entre a cozinha e o ateliê como laboratórios, fontes de compartilhamento de saber e aprendizagem. Para abordar o conceito de a/r/tografia a referência utilizada é Rita Irwin (2013; SINNER, IRWIN, JOKELA, 2018) que apresenta o termo como metodologia de pesquisa a partir da “prática criativa e pedagogia performativa”. Esse estudo apresenta pontualmente alguns traços da pesquisa em andamento a partir do mergulho no ateliê envolvendo o processo investigativo da pintura e suas possibilidades para o aprofundamento da formação através da compreensão prática e teórica do ser artista professora como objeto de estudo da tese.

Palavras-chave: John Dewey, arte como experiência, artista professor

**Música Ubíqua- Ubimus: relato do professor/ estudante/atuante na
Educação Básica em contato com as linguagens da arte**

Diego Ribeiro

Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA/UFES)

Stela Maris Sanmartin

DAV/ PPGA/UFES

Resumo

Este texto trata sobre as fronteiras abstratas e o encontro das linguagens da arte, a partir da abordagem interartes que discute a ligação e hibridismos entre temáticas, técnicas, processos artísticos e relata a experiência de um professor de arte atuante na Educação Básica que transforma o plano de aula de uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental II, à partir do contato com a Música Ubíqua-Ubimus, em uma disciplina de mestrado do Programa de Pós-graduação em Arte da Universidade Federal do Espírito Santo. Apresenta a perspectiva teórica sócio-cultural da criatividade que propõe a interação dos sujeitos com outros atores e a própria cultura para discutir sobre a memória individual e social de indivíduos nos processos de criação em arte e de pertencimento em relação com a cidade. Trata também sobre as memórias que se constroem nas relações de poder e afeto, atravessadas e difundidas na história oral de espaços arquitetônicos e urbanísticos que desenham a cidade para assumi-la como tema gerador. O professor/artista articula o tema da memória e da cidade desenvolvendo propostas de ensino para o desenvolvimento de processos criativos com som, tecnologias móveis na captação, consumo e compartilhamento de arquivos sonoros e do uso anárquico dessas tecnologias pelos alunos, enquanto é apresentado aos conceitos das pesquisas baseadas em Música Ubíqua (“ubimus”) (KELLER; LAZZARINI; PIMENTA, 2014), destacando o potencial para as aplicações de atividades musicais criativas em espaços que fogem os tradicionais elencados ao pensar e no fazer música. Finaliza descrevendo os processos criativos e resultados, os conceitos envolvidos nas práticas pedagógicas que possibilitam conectar e compreender conceitos-chaves de memória social e a socialização dos registros sonoros e artísticos derivados das práticas educativas e sociais criativas.

Palavras-chave: Professor de arte; Plano de aula; Criatividade; Música Ubíqua-Ubimus

O teatro invisível em sala de aula: em busca da potência de felicidade

Eduardo Rellyson Menezes de Araújo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Ariane Guerra Barros

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Resumo

Pretende-se perceber como a linguagem teatral, a partir do teatro do invisível, de Augusto Boal, pode ser um meio para alcançar a felicidade em alunos do 5 Ano da Escola Municipal Professor Arassuay Gomes de Castro, em Campo Grande/MS. A felicidade, neste sentido, coloca-se como momentos prazerosos de extrema alegria em que o aluno se percebe e percebe o outro, num ato de ensino-aprendizagem e autoconhecimento. Ao serem questionados sobre momentos felizes, os alunos responderam que ações como brincar com o cachorro ou bater palmas no aniversário de alguém geram momentos felizes. A tentativa em âmbito escolar foi experienciar o teatro do invisível na criação de cenas em que houve significativo aprendizado ou conhecimento de algo, como o lugar de preferência em ônibus e filas de banco – ainda desconhecido por alguns estudantes. Desta forma, duas cenas foram criadas: uma cena dentro de um ônibus em que os assentos preferenciais são ignorados ou mascarados por pessoas que já estão nos assentos e não querem dar o lugar para as prioridades; e outra cena em uma fila de banco, em que o respeito pela fila preferencial é negligenciado. A partir dessas cenas, a felicidade foi alcançada como momento de gentileza e mesmo de compreensão da preferencialidade; em que os alunos esboçaram sentirem-se felizes por aprender sobre assentos preferenciais, ao mesmo tempo em que são tratados com gentileza, e tratam outros com gentileza na cedência dos lugares preferenciais. Essa percepção faz com que novos caminhos possam ser trilhados, de maneira não tradicional ou apenas elucidativa, mas perpassando corporal e ativamente pela experiência dos alunos. A felicidade alcançada, mesmo que momentaneamente, na forma teatral, como concretização da experiência adquirida foi objetivo do trabalho.

Palavras-chave: felicidade; teatro do invisível, experiência.

Diálogos com a criatividade: universidade e comunidade em ação na licenciatura em Artes Visuais da UFSM

Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos

Departamento de Artes Visuais UFSM
Coordenadora do Programa de Extensão LACRIA, do grupo AVEC - CnPQ

Ana Julia Dotto Guaragni

Departamento de Artes Visuais UFSM
Bolsista FIEEX do Programa de Extensão LACRIA

Liara de Mello Trindade

Departamento de Artes Visuais UFSM
Bolsista FIEEX do Programa de Extensão LACRIA

Resumo

Esse trabalho vem refletir as atividades em experiências criativas em Artes Visuais do programa de extensão do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, denominado Laboratório de Criatividade e Inovação - LACRIA, vinculado ao Grupo de Pesquisa Artes Visuais e Criatividade - AVEC - CNPQ/UFSM, que ocupa uma sala no bloco 40, a sala 1022, no subsolo. Seleccionamos as que foram realizadas entre maio e agosto de 2022, pensando o espaço da comunidade na universidade a partir da Licenciatura em Artes Visuais. Assim, entendemos que ao visar promover o conhecimento e vivências para a comunidade, trazendo oficinas, mini-cursos, exposições, além de criação de materiais didáticos, o programa tem tido um alcance ampliado, pois discentes da licenciatura e do bacharelado em Artes Visuais estão dialogando com pessoas de outros cursos e da comunidade de forma a potencializar a práxis na formação. Neste sentido, as atividades são planejadas de acordo com cada público, pensando possíveis espaços e materiais disponíveis no laboratório. Desse modo, expõe-se aqui experimentações realizadas até então no programa, como a confecção de pigmentos naturais a partir de materiais orgânicos encontrados no Jardim Botânico da UFSM, que objetiva a criação de uma apostila de tintas naturais como material didático. Além disso, indicamos a realização de oficinas gratuitas de carimbo em eventos comunitários, como a 28ª FEICOOP, e a elaboração de Cines Debate com o acervo de DVD's do Arte na Escola da TV Escola, que constam no laboratório. A fim de induzir a criatividade à comunidade, o programa vai cumprindo seus objetivos através da extensão, levando para a comunidade experiências artísticas desde uma singela sala em um subsolo de um centro de Artes no interior do Rio Grande do Sul, percebendo as potências que a memória e a história guardam e as potências que as experiências traduzem em novas formas de ver e perceber a criatividade por meio das Artes Visuais.

Palavras-chave: Criatividade, inovação, extensão

Práxis criativa da Arte Educação no ensino formal na primeira infância: protagonismo criativo

Francismeyre Rodrigues Thompson
PPGA/UFES

Stela Maris Sanmartin
PPGA/UFES

Resumo

Este texto apresenta as relações entre as teorias sociointeracionistas que reforçam o valor dos contextos socioculturais e a criatividade no processo de desenvolvimento da criança. Ainda, trazendo a potência ancestral da Arte como eixo das proposições pedagógicas, analisamos como a criatividade pode ser estimulada e trabalhada na primeira infância, junto a Arte e das vivências artísticas mediadas no ambiente de interação escolar. A primeira infância é genuíno lugar de fomento e a escola é campo fértil nas vivências com Arte. No espaço escolar para primeira infância, crianças de zero a seis anos têm suporte pedagógico em seus processos constituintes do caráter sócio-histórico do sujeito, comuns à infância, que se fazem em contextos de fortes manifestações culturais. Por isso, a plenitude no acesso à cultura é fundamental. A criatividade está intimamente ligada à constituição dos sujeitos, compreendendo que as apropriações que as crianças fazem, a partir do seu contexto, serão parte de seus repertórios. A dimensão criativa, que nos difere das outras espécies, é território que precisa ser desmistificado e desenvolvido. Para tanto, ações pedagógicas estruturadas em investigações são fundamentais e, na medida em que compreendemos as produções criativas das crianças como legítimas, podemos passar a analisá-las como expressões culturais geracionais formadas no/pelo diálogo mediado com a cultura mais ampla. A Arte Educação em seu papel atravessador na formação global do sujeito entende a criatividade como patamar para uma educação sensória mais sensível, guiada pela poética própria, resguardada na singularidade criativa, onde o professor mediador leva em conta a bagagem do aluno, porém, ampliando-a na construção de novos saberes. Desmistificar a criatividade e lançar luz na práxis criativa arte educadora possibilita experiências que reverberem no ser e fazer da criança, possibilitando que ela seja com plenitude e atue plenamente em seu tempo.

Palavras-chave: Arte na educação; Práxis criativa; Primeira infância; Protagonismo criativo

Entre mu\Danças, onde nasce uma possível esperança? Preparação poética do jovem artista da dança

Gabriela Leite Lima

Mestrado acadêmico em Artes da Cena da EMAC/Universidade Federal de Goiás
Edital de Dança Aldir Blanc - Concurso nº 08/2021 - Secretaria de Cultura - Governo Federal

Valéria Maria Chaves de Figueiredo

Professora Associada da Universidade Federal de Goiás
Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa em Artes da Cena

Adriano Jabur Bittar

Artista da dança. PhD. Fisioterapeuta
Professor da Universidade Estadual de Goiás

Resumo

A presente proposta apresenta parte da pesquisa desenvolvida no mestrado em Artes da cena na UFG. Nosso campo aconteceu em uma escola de formação em artes onde fizemos a escolha pela pesquisa de abordagem qualitativa, sendo uma pesquisa de campo exploratória e descritiva. Nos propusemos olhar e conhecer outros ângulos e formas de fazer na dança, definida por processos de pesquisa flexíveis e pouco estruturados. Nosso lócus da pesquisa se deu a partir de experiências vividas em uma equipe de professores de dança e fisioterapeutas, sendo estes profissionais com um olhar transdisciplinar entre educação, arte e saúde e responsáveis por atuar e oferecer um serviço gratuito e qualitativo de fisioterapia e Pilates para os alunos/bailarinos da Escola do Futuro em Artes Basileu França, situada na cidade de Goiânia. Trabalhamos com jovens na faixa etária dos 16 aos 26 anos, em formação profissionalizante em Ballet Clássico. Nossa ação se deu em um contexto complexo e desafiante de pós covid, de processos de retorno e de reencontro com suas realidades individuais e coletivas. O espaço está organizado e gerido para atender toda uma diversidade de corpos de jovens que fizeram escolha de se profissionalizar em dança. Discute-se a sistematização teórica e vivencial da sua preparação para a cena artística. Utilizamos o conceito proposto por Bittar (2015) a preparação poética, onde segundo autor a preparação poética refere-se à interação de todos os fatores que possibilitam ao artista obter seu melhor desempenho em cena. Fatores estes que vão desde o treinamento da própria técnica cênica, como o balé no caso, ou treino de voz e os trabalhos complementares de suportes ao corpo no seu sentido integral, como Pilates, Método Bertazzo, técnicas da somática, entre outras abordagens corporais integrativas.

Palavras-chave: Arte, Saúde, Educação, Preparação poética

As representações do feminino em jogos de vídeo games

Gabrielle Costa Dias

Universidade Federal do Espírito Santo

Larissa Fabricio Zanin

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumos

Quando pensamos em jogos de vídeo games a nossa primeira memória provavelmente estará vinculada a personagens do sexo masculino, ou de um amigo que adora passar horas e horas na frente do computador ou do console jogando todos os dias. Dificilmente a imagem de uma mulher vai ser associada em primeira instância com essa questão. Diante desse contexto, o artigo reflete sobre os modos como se desenvolveram a construção das imagens das personagens femininas ao longo da história dos games, apontando de que modos estas figuratividades reiteram paradigmas já traçados na nossa sociedade, principalmente quando pensamos na construção das personagens e nas narrativas dos jogos. Quando pensamos sobre a relevância desse tema e o debate que envolve as representações de personagens femininas em jogos de vídeo game, perpassamos também questões sobre os feminismos, os corpos e as representações da mulher na sociedade e a importância de refletir sobre essa temática a partir das visualidades dos jogos eletrônicos, que tem se tornado um entretenimento que conquista cada vez mais espaço entre crianças, jovens e adultos. Desse modo, apresentamos uma pesquisa dentro do âmbito da cultura visual, apresentando um debate não só sobre a história dos videogames mas, também, interlocuções com a história da arte, apontando de que modos essa criação é, na verdade, um reflexo de toda a estrutura social dominada pelo patriarcado, impregnada de normativos tanto para as construções de identidade quanto para questões mais estruturantes da sociedade no que diz respeito ao universo feminino. Refletir sobre a temática dos jogos de vídeo game como conteúdo em sala de aula é de suma importância, não apenas pela sua alta adesão entre crianças e adolescentes, mas também como ampliação das possibilidades de aprofundamento do debate sobre as questões de gênero dentro das práticas educativas em arte.

Palavras-chave: Cultura Visual, Jogos de Vídeo Game, Feminismos

A cidade como espaço de intervenção criativa no ensino de arte

Geisa Katiane da Silva
PPGA/UFES

Stela Maris Sanmartin
PPGA/UFES

Resumo

Pretendemos refletir sobre a cidade como poética para o ensino da arte no ensino médio, tomá-la como referencial poético criativo na educação básica. A fim de entender como o caminhar pelo espaço público pode contribuir para o pensar coletivo e viver junto, Gehl (2013) defende que “caminhar é o início, o ponto de partida”. O homem foi criado para caminhar e todos os eventos da vida ocorrem quando caminhamos entre outras pessoas. A vida em toda a sua diversidade se desdobra diante de nós quando estamos a pé” (p.19). Entendemos desse modo que o caminhar atento pelos espaços públicos e a nossa relação com os outros abrem possibilidades para a criação artística. Segundo Solnit (2016) “Andar é apenas o início da cidadania, mas através desse ato o cidadão conhece a sua cidade e os outros cidadãos, e passa a habitar realmente a cidade, e não uma pequena parte privatizada dela” (p.176). A autora enxerga o caminhar para além da relação com o outro e o espaço, mas como um exercício de cidadania e que, a partir dele, é possível resgatar o nosso papel social. Partiremos de um trabalho de intervenção urbana realizado na Escola Estadual Irmã Maria Horta na cidade de Vitória/ES, em que a educadora propõe pensar a cidade e o caminhar a partir das obras do artista Francys Alys. Apoiados na poética do caminhar os/as alunos/as produziram intervenções artísticas em suas comunidades e, com base nas produções, analisaremos a metodologia utilizada à luz das “Estratégias criativas” propostas por Torre (2005) e como o trabalho com essa linguagem contemporânea pode acrescentar no desenvolvimento do processo criativo dos/as estudantes em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Arte; cidade; intervenção urbana

Relato de experiência: Intervenção pedagógica interartes com aportes em Paul Klee

Hendy Anna Oliveira

Universidade Federal do Espírito Santo

Alexandre Siqueira de Freitas

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência de uma intervenção pedagógica que ocorreu em uma escola pública estadual, no município de Vila Velha, com estudantes do 3º ano do Ensino Médio. Busca-se explicitar inquietações e caminhos percorridos/encontrados nos processos de ensino-aprendizagem interartes descrevendo os processos de criação que envolveram relações entre a música e as artes visuais tendo como base os processos artísticos e criativos de Paul Klee, principalmente, assim como de outros artistas. Em um primeiro momento, vamos relatar/refletir sobre os principais objetivos da proposta de intervenção, as características da escola e das pessoas envolvidas, além das inúmeras dificuldades que enfrentamos. Em seguida, tem-se o desenvolvimento da intervenção, com seus desdobramentos mostrando de que forma foi possível articular algumas práticas de criar, produzir, ler, construir, exteriorizar e refletir sobre as relações entre a música e a pintura em um contexto de marcante heterogeneidade, tão comum no contexto educacional nacional e, refletindo sobre os diferentes modos de vivência pós pandemia de COVID. Como referenciais, norteados nossas reflexões destacamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, os conceitos e noções de transdisciplinaridade e de interdisciplinaridade, além das contribuições de Paul Klee. Esperamos, com esse relato, que nossas experiências e reflexões contribuíssem para o ensino aprendizagem de Arte e para os estudos interartes, produzindo perspectivas criativas que possam florescer para além dos desafios já existentes na educação brasileira.

Palavras-chave: interartes; educação; arte; ensino; Paul Klee.

A canção como espaço de confluência das artes: um relato da Pesquisa de Campo em uma escola do ensino regular

Idayana Maria Borchardt Leite
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Alexandre Siqueira de Freitas
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo

Nesta pesquisa, apresentamos considerações sobre uma pesquisa de campo, intitulada A canção como espaço de confluência das artes, dirigida a alunos do Ensino Fundamental de uma escola do município de Vitória. Trata-se de uma sequência de propostas didáticas abrangendo diálogos entre linguagens artísticas distintas motivadas por canções específicas. A partir de uma reflexão sobre o ensino das artes na perspectiva da BNCC (2018), dos estudos de análise da canção em Luiz Tatit (2012) e do conceito de confluência das artes de Alexandre Freitas (2012), foram concebidas quatro propostas didáticas nas quais canções da música popular brasileira desencadeiam processos de apreciação, reflexão e criação artística. Este relato apresenta brevemente uma descrição das intervenções realizadas, bem como impressões e produtos artísticos produzidos nesse processo de experimentação didático-artística. Como resultado dessa experiência, observou-se, nas novas obras concebidas pelos estudantes, a (re)criação do objeto canção, conduzida por gestos, movimentos, cores, traços e palavras.

Palavras-chave: educação musical; interartes; canção

Grito: semiose e semiótica. Um relato acerca do criar juntos

Isabel Orestes Silveira

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM

Marcos Rizolli

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM

Resumo

Ao tempo que a vida contemporânea nos arrasta para a individualidade, nos importa investigar as relações interpessoais afetivas. Na contramão do cotidiano imposto pela covid-19, os processos criativos em atividades artísticas coletivas poderiam configurar modos de agir em coautoria reflexiva e prever a superação do isolamento social. Apresentamos as interações de dois professores-pesquisadores em Artes (atuantes em programa de pós-graduação de uma universidade brasileira) que agiram com empatia criativa ao deflagar laços invisíveis em favor do diálogo crítico. E. Stein afirma que “quando dois [...] se olham, estão frente a frente um eu e outro eu. [...] o outro eu é um tu”. Autores que discutem o processo criativo (Ostrower; Mihaly; Salles) servirão de referência para a compreensão acerca de ações artísticas mediadas por intervenções mútuas – percebidas tanto na construção simbólica quanto na definição visual das obras. O objetivo maior seria a disseminação de práticas proativas, em duplo processo metodológico, a saber: primeiro, identificar as angústias momentâneas vividas em comum por meio de imagens que fazem circular o signo GRITO (exemplos: o grito expressionista de E. Munch; o grito revelado pela fotografia de N. Ut; o grito ficcional de A. Hitchcock em *Psicose*); segundo, apresentar novos gritos vivenciados pelos autores, materializados em produções compartilhadas in process. A experiência do criar juntos expressa semioses estabelecidas de forma cruzada. A criatividade paritária nutriu as soluções visuais, traduzidas em poéticas contemporâneas. Nossos gritos: um, feminino, que expressa as entranhas de sentimentos sufocados na garganta; outro, masculino, que ironicamente banaliza o medo iminente através da visualidade pop. Espera-se, assim, contribuir para que o GRITO continue ecoando na linha do tempo – suscitando novos afetos.

Palavras-chave: grito, semiose, semiótica, afeto, poéticas visuais

A estética nos estudos de John Dewey como possibilidade para uma educação humanizadora para o ensino de arte no século XXI

Jaci Aico Kussalawa

Doutoranda em Artes Visuais-UDESC/SC
Bolsa Capes

Jociele Lampert

Profa. Dra. Artes Visuais-UDESC/SC

Resumo

Pesquisas sobre o ensino na contemporaneidade trazem a evolução da tecnologia e, com ela, novas formas de comunicação. Tais fenômenos têm contribuído nas relações humanas, e suscitaram a relativização do tempo e do espaço, e, além de popularizar o conhecimento tecnológico, ampliaram os mecanismos de participação no processo educativo, e defendem a urgência de se reformular procedimentos e instrumentos didáticos dentro das instituições educativas, com uso de tecnologias em sala de aula. A pesquisa realizada por Vasconcelos e Araújo (2020), aponta a insuficiência dessa formação, e afirmam que a percepção dos professores sobre a prática do ensino remoto aponta para desafios e conquistas pessoais, profissionais e sistêmicas. Este projeto de pesquisa, fundamentado nos teóricos John Dewey (1859-1952), produziram conhecimentos sobre a percepção dos professores, de forma que possam enfrentar os desafios pessoais e profissionais, e contribuir para o entendimento dessas lacunas que impedem o professor de atuar de maneira mais efetiva. A partir do conceito de "estética" e com as experimentações na linguagem pictórica, este estudo visa estabelecer a localização para um "ir e vir" consciente na percepção estética e cultural, de maneira que o professor de arte, possa organizar-se em possibilidades de uma produção de conhecimentos humanizadora, em uma singularidade criativa e transformadora.

Palavras-chave: Ensino. Estética. Cultura. Linguagem Pictórica.

Cantos Vivenciados

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte (Joedy Marins)

UNESP (Darg-FAAC)

Resumo

O presente trabalho traz resultados de produção realizada durante o período de pandemia 2020-2022, em momentos sensíveis que trouxeram a vivência de alunos do Curso de Artes Visuais. Estas representaram o despertar para obras artísticas, instalações, intervenções, assemblagens. Tomando-se como elemento disparador e emergencial a reflexão sobre um momento tão delicado e introspectivo, a elaboração acompanhada do processo de elaboração dessas obras ao lado do texto de Gaston Bachelard (Poética do Espaço), possibilitou a eclosão de uma produção sensível e potente que permitiu extrapolar delimitações físicas momentâneas, em uma troca de experiências maduras, sobrepondo os dias complexos e estáticos do tempo de isolamento social. A proposta transcrita foi gerada a partir do compartilhar e da observação das obras manifesta, crescidas no percurso de um semestre letivo, quando cada um de nós se encontrava do outro lado da tela, em aulas remotas. Além de Bachelard (1884-1962), tem como aportes teóricos Fayga Ostrower (1920-2001) e Yi-Fu Tuan (1930 -).

Palavras-chave: Processo criativo; pandemia; ensino de artes; instalação

Elementos da cor como reflexão e experiência: uma abordagem cromática entre Johannes Itten e Josef Albers

José Carlos da Rocha

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Resumo

Diante da tempestade de transformação da mudança relativamente rápida e intensa de forma, estrutura e hábitos causados por um avatar invisível denominado vírus Covid-19, o mundo vivencia um rastro de vidas ceifadas e com múltiplos efeitos colaterais e uma procura de defesa e alternativas de sobrevivência perante desta pandemia. Vivenciamos um momento que nos impulsiona e propicia construir, reconstruir e ressignificar outros caminhos com inventividade e criatividade, contribuindo para reflexão e busca de alternativas para pensar e inovar, com a mesma velocidade de persistência da transformação do casulo de uma lagarta em borboleta. Nesse contexto, a arte agrega e propicia outros modos de viver juntos com outras perspectivas, até então desconhecidas. Com base nos estudos e práticas do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke¹, busca-se refletir sobre o conceito de experiência estética de Dewey (2010), o conceito de colagem de Motherwell (2021), a abordagem sobre os estudos de contrastes cromáticos claro-escuro de J. Itten (2020), e as aproximações dos estudos sobre o Triângulo de Goethe, apresentados no livro *Interação da cor*, de Josef Albers (2016). Propõem-se ações práticas em dois movimentos: um virtual, e outro presencial, sobre os elementos, composição e decomposição da cor primária, secundária e terciária por meio de materiais didáticos e pedagógicos, com base nas investigações cromáticas. Tendo como finalidade a percepção, reflexão e observação de experiência estética ao artista-professor-pesquisador, acadêmicos e participantes. Dessa forma, as alternativas virtuais e presencias viabilizam e impulsionam a cinesia e impermanência e remodelam nosso cotidiano, potencializando-nos para outras alternativas e possibilidades impensadas no Ensino das Artes Visuais. Nessa direção, as ações foram desenvolvidas e proporcionadas pelo programa de ensino, pesquisa e extensão no âmbito dos espaços acadêmicos da Universidade Pública² e de órgãos não acadêmicos.

Palavras-chave: Experiência estética. Ensino das Artes Visuais. Pintura. Elementos da cor.

Ensino da arte para todos os sentidos: reflexões sobre formação e inclusão

Kênia Gonçalves Pio do Carmo
Universidade Federal de Minas Gerais

Daniele de Sá Alves
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Provocadas pela pergunta "o que se constrói nesse saber viver juntos?" refletimos sobre o mundo e percebemos que o mesmo não é constituído apenas por imagens. Entre o viver e o conviver, afetamos e somos afetados por toda uma diversidade de sons, cheiros, sabores, texturas e toques. Com o foco na percepção e desenvolvimento dos sentidos, este trabalho se propõe a pensar sobre o ensino de artes também para pessoas que não possuem o pleno funcionamento do sentido da visão. O conceito sobre cegueira e baixa visão, trata de condições físicas que não ditam, necessariamente, a forma de estar no mundo e percebê-lo. A deficiência visual, intrinsecamente, não provoca dificuldades emocionais, cognitivas ou de adaptação social. No entanto, a forma de interação com o meio e com outros indivíduos são fatores determinantes para o processo de desenvolvimento, aprendizagem e adaptação social dos deficientes visuais permitindo a construção de vínculos entre videntes e não videntes em movimentos de aproximação, comunicação, compreensão, expressão e criação. Experiências artísticas são potenciais vias para aguçar o sensível a partir de relações, atravessamentos possíveis e inventados entre, e com, o corpo; entre, e com, a casa; entre, e com, a cidade; entre, e com, o outro e outros e outras. No campo do ensino da arte, este percurso pode ser apropriado acolhendo as deficiências, em especial a deficiência visual. Percebemos a urgência de processos artísticos e pedagógicos inclusivos capazes de problematizar a arte e a educação como experiências imersivas e integrais do tocar, sentir, cheirar, ouvir e também do ver. Tal processo é fundamental desde a formação dos videntes, docentes e discentes, a fim de desconstruir a primazia da visualidade e estimular percepções de mundos por todos os sentidos.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais; Processos de criação; Inclusão; Sensibilização.

Contação de Estória: uma ferramenta dialógica para o ensino da história arte

Luana Cristina Gonçalves Simões

Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (UNESP/FAAC)

Regilene Sarzi-Ribeiro

Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (UNESP/FAAC)

Resumo

Este trabalho busca investigar a possibilidade de contextualizar a história da arte através da prática da contação de estória, sendo ela uma ferramenta sensibilizadora para o ensino básico. Como caminho metodológico realizamos uma revisão da literatura e de obras disponíveis acerca do tema contação de estórias para a arte educação. Foram selecionados os autores que investigam o cenário contemporâneo da arte educação, Ana Mae Barbosa (2008, 2010), Newton Duarte (2001), e Gilka Girardello (2016), desse modo, propomos um diálogo entre a utilização da narrativa e da contação de estória e o ensino da arte, observando uma ferramenta potencial de ensino. Para esse propósito utilizamos François Dosse (2009), Eliana Yunes (2016) e Fayga Ostrower (2014). Durante buscas entre Janeiro e Fevereiro de 2022, em plataformas de vídeos e mídias virtuais, tais como YouTube e Instagram, não foram encontradas biografias animadas sobre artistas contemporâneos, quanto ao que se refere material literário, o acervo se demonstrou maior, porém o acesso não se demonstra financeiramente acessível. Os resultados apontam aproximação entre as reflexões de Barbosa (2008 e 2010), Ostrower (2014) e Dosse (2009) ao expor, em suas respectivas áreas de conhecimento, maneiras de afetar através da biografia, compreendendo-a um veículo para o ensino dialógico com a história da arte. Diante deste cenário propomos a adaptação de biografias com a finalidade de proporcionar o contanto lúdico da arte, utilizando a possibilidade expressiva através da contação de estória e da oralidade.

Palavras-chave: Contação de estória; História da Arte; Arte Educação; Abordagem Triangular; Educação Contemporânea

Exposição Transposição: O exercício coletivo e a Arte/Educação

Maria Cristina Mendes
Unespar

Alexandra Aguirre
Viva Rio

Resumo

O artigo trata da organização da exposição Transposição (Artsteps, 2021) fruto da disciplina de Poéticas do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UEPG e tem por objetivo discutir mudanças no ensino/aprendizagem gerados pela pandemia da Covid-19. A mostra virtual é formada por dezessete participantes: oito graduandos, três mestrandos e seis professores. Em aulas online, “o saber viver juntos” foi construído por meio de tentativas de transpor distâncias e limitações impostas pelo isolamento social. Questões relativas à mostra (título, trabalho e produção textual) foram decididas coletivamente, gerando um material teórico que, em 2022, conduz à organização de uma publicação. Uma curadora independente participou das aulas, explicitando questões acerca de processos poéticos e curatoriais, acrescentando ao “saber viver juntos” um olhar exógeno, mas articulador e capaz de compor com as diversas criações e desejos. O texto que redigiu para a apresentação da mostra divide/reúne os trabalhos em três eixos: Habitar/Compartir, Seguir/Retomar e Desfazimento/Existência, que tiveram como mote, respectivamente, a experiência como forma de compartilhar sentidos, o processo de produção/tradução e a análise da imagem diante da matéria orgânica e inorgânica. O título Transposição possui, entre outros sentidos, o de atravessamento, caminho, transmissão e caráter transitório. E de fato inúmeras transposições, ao longo do processo de curadoria, permitiram arranjos e composições que melhor expressassem os diversos sentidos encontrados e produzidos nas obras. A explicitação de vizinhanças e parentescos permitiu que o grupo reconhecesse afinidades, potencializando a experiência poética e fortalecendo o campo da Arte/Educação. Trabalhar a disciplina de Poéticas durante a pandemia conduziu a novos modos de pensar a coletividade e compreender as dinâmicas dos processos de criação.

Palavras-chave: Exposição coletiva Transposição; Poéticas Artísticas; Arte/Educação.

Eu sei desenhar? A voz e o olhar dos alunos da licenciatura em Artes Visuais sobre seus percursos de aprendizado

Natalia Cristina Torres Gassner
SEMED

Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godoi
UFMS/FAALC

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o processo de construção do entendimento do que é desenho a partir do momento de ingresso na graduação em Artes Visuais (licenciatura), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Essa temática surge como interesse de pesquisa a partir da escuta da frase “não sei desenhar”, advinda de colegas de Curso e de crianças e adolescentes em momentos de realização dos Estágios Obrigatórios em Artes Visuais. Assim, desenvolveu-se durante o Trabalho de Conclusão de Curso, a monografia (Des)construção do desenho no curso de Artes Visuais - Licenciatura, apresentado em dezembro de 2021. Como percurso metodológico, a pesquisa caracterizou-se pela abordagem qualitativa, sendo de cunho bibliográfico e descritivo. Para a coleta de dados, utilizou-se de questionário com oito questões discursivas, relacionadas ao percurso do desenho na graduação. Os sujeitos da pesquisa foram oito acadêmicos(as) ingressantes do primeiro semestre de 2017, no curso Artes Visuais – Licenciatura, da UFMS, que estavam por finalizar o Curso. Devido a pandemia da COVID-19 e seus desdobramentos, ocorridos em 2020, foi necessário o auxílio das plataformas digitais Google Formulário e WhatsApp. Como aporte teórico, embasou-se em estudos de Derdyk (2003, 1990), Martins (1992), Moreira (2009), Ferraz e Fusari (2018) e Iavelberg (2013). Ao analisar as respostas provenientes do questionário, constatou-se que houve nos estudantes uma desconstrução da ideia de desenho, onde muitos ingressaram no curso apresentando conceitos mais fechados e relacionados a um desenho mais acadêmico. Como resultado, observou-se que, tendo contato com uma prática mais constante e a percepção da linguagem do desenho de maneira mais ampla, com diálogos e mediações sobre a temática, eles puderam rever suas concepções, compreendendo o desenho como potência formativa e expressiva. Dessa maneira, a desconstrução auxiliou na construção de novos seres pensantes e praticantes do desenho.

Palavras-chave: Artes Visuais; Desenho; Ensino de arte; Formação docente.

Criatividade e processos criativos nas aulas de Artes Visuais do “Movimento Pró Criança”

Niara Mackert Pascoal
Universidade Federal de Pernambuco

Maria das Vitórias Negreiros Amaral
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Este artigo traz uma versão reduzida da dissertação de mestrado apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. A pesquisa teve como objetivo compreender os processos criativos e a criatividade de crianças da Ong Movimento Pró Criança, onde atuo como arte/educadora. A instituição atende crianças e adolescentes da região metropolitana do Recife, em Pernambuco, em sua maioria, em condições de vulnerabilidade. O ensino não-formal, característico das Ongs, possui particularidade como o atendimento mais humanizado, que busca a formação social e integral do indivíduo. Nesse sentido, um olhar mais atento para o processo criativo e a criatividade das crianças tornou-se possível não só pelas características educacionais da instituição, mas também pelos seus objetivos, de uma educação mais próxima das crianças, que oportunize o conhecimento crítico e incentive a transformação da realidade em que vivem. Após alguns episódios vivenciados nas aulas de artes visuais, questionamentos me surgiram: como são os processos criativos e a criatividade dessas crianças? Qual o papel das artes visuais nesses processos? Como o professor deve agir para afetá-las? Buscando respostas a esses questionamentos, a pesquisa foi iniciada em 2020 e, por conta da pandemia da covid-19, a maior parte dos dados foi coletada virtualmente, em aulas on-line. As produções das crianças, foram interpretados à luz da Fenomenologia da Imaginação e da Mitocrítica de Durand (2012), conversando com Barbosa (1991; 1998; 2008), Dewey (2010), Ostrower (2014), Vigotski (2014), Lowenfeld e Brittain (1997) e outros autores. Na análise dos dados, notamos que uma aproximação e um olhar mais sensíveis para o processo criativo das crianças, contribuíram com sua aprendizagem das artes visuais. Quando as crianças se depararam com aulas mais abertas, que despertavam a sua criatividade, passaram a sentir mais confiança e autonomia no seu fazer artístico.

Palavras-chave: Arte/educação; Criatividade; Processos Criativos; Criatividade; Espaço não-formal.

Ensino do instrumento de percussão bateria para alunos com surdez com apoio da UbiMus

Wender José Dalto da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Leandro Lesqueves Costalonga

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo

A cultura Brasileira é rica ao se tratar de instrumentos percussivos e a história mostra essa diversidade de ritmos, culturas e seus instrumentos. À evidências arqueológicas do período paleolítico em que o homem utilizava tambores com couro de animal fixado para fazer sons. Esses instrumentos percussivos foram evoluindo de acordo com o tempo, através de tecnologias. Entre essas tecnologias, os músicos tiveram um grande interesse na computação que era uma nova tecnologia na década de 50, mesmo que a música na computação não foi evoluindo com a mesma velocidade dos produtos de computação, os músicos foram explorando a tecnologia e suas diversidades. Com essa interação de música e tecnologia, nasceu uma área de pesquisa, Musica ubíqua (ubiMus), que é o pilar desse artigo. A música percussiva para pessoas surdas tem o propósito de inclusão, trabalha a criatividade, capacidade de concentração, motivação, socialização e o aumento da autoestima. O artigo tem este seguimento, onde através de um protótipo eletrônico, poderá fazer com que uma pessoa surda ou com pouca capacidade de sua audição toque a bateria, sentindo o som através de movimentos do seu corpo do toque e da visão. A música ubíqua tem um papel fundamental para a inclusão, através de processos criativos, tecnologias e avanços metodológicos.

Palavras-chave: UbiMUs; Inclusão; Música percussiva; Protótipo eletrônico;



GD 9

Processo de Criação e as relações étnico-raciais na Arte Contemporânea

Mark Bradford: A política entre o Corpo e o Espaço

André Rigatti

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Resumo

Este artigo busca compreender alguns elementos centrais da poética do artista Afro-Americano Mark Bradford (EUA, 1961), situados entre posicionamentos políticos que tensionam sentidos de classe, questões raciais e discursos de gênero. Em que, através da abstração sua pintura aglutina tais posicionamentos e se molda entre sentidos de corpo e espaço. Buscando assim, elucidar como estes sentidos são percebidos ao longo de sua trajetória enquanto engajamentos sociais e reflexões políticas de nossa sociedade contemporânea. Levando em consideração sua longa trajetória como um dos expoentes de uma tradicional amálgama de artistas americanos negros que encontraram na abstração, sobretudo na prática da pintura contemporânea, seu lugar de fala e posicionamento político. Serão analisadas algumas pinturas em particular e exposições individuais do artista, como as realizadas em 2021 no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto em Portugal e sua participação como representante dos Estados Unidos da América na 57ª Bienal de Arte de Veneza em 2016.

Palavras-chave: Mark Bradford; Pintura Contemporânea; Corpo; Espaço; Gênero

Entre ruídos e ruínas: "Olvido" (1987-1989) de Cildo Meireles

Caroline Alciones de Oliveira Leite
Fundação CECIERJ

Resumo

Entre o sudeste do Paraguai, o nordeste da Argentina e, no território brasileiro, entre os estados de Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul, os jesuítas criaram e lideraram 60 missões, conhecidas também como reduções. De acordo com o jesuíta, arqueólogo e professor Pedro Ignácio Schmitz (2011), muitas missões fracassaram em um curto período de tempo devido ao ataque de colonos de São Paulo em busca de escravos para atuar em suas lavouras. A primeira missão jesuítica foi fundada no Paraguai em dezembro de 1609 e, em seguida, foram criadas as duas primeiras das 13 missões no atual estado do Paraná, enquanto no Rio Grande do Sul, foram 17 reduções. (SCHMITZ, 2011) Na ocasião das celebrações dos 300 anos de criação das Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul, em 1987, Cildo Meireles foi provocado por Frederico Moraes a criar uma obra de grandes dimensões para a exposição Missões 300 Anos: a Visão do Artista, promovida pela Fundação Iochpe. Naquele contexto, o artista concebeu três obras: uma que não chegou a ser executada (um desenho de grande escala da torre da igreja de São Miguel das Missões), "Missão/Missões (Como Construir Catedrais)" (1987) e "Olvido" (1987-1989), instalada pela primeira vez em 1989 na 20ª Bienal de São Paulo. Nesta proposta de comunicação, pretendemos analisar "Olvido", obra em que Cildo Meireles aborda a dizimação indígena a partir de um diálogo entre o sonoro (SCHAFER, 2011), a visualidade e até mesmo o olfato, destacando o impacto da ação colonial nas Américas. Em nossa investigação, recorreremos a arquivos do MoMA, do acervo Memória Lage e a uma entrevista realizada pela autora com o artista Cildo Meireles (2020). A partir de "Olvido", problematizamos como a vida dos povos originários era valorizada nos processos coloniais, destacando a fricção entre a cultura branca-europeia e a cosmogonia indígena. (KOPENAWA, 2015; CUNHA, 2018; VIVEIROS DE CASTRO, 2018)

Palavras-chave: Cildo Meireles; "Olvido" (1987-1989); Povos originários; Sonoro; Dizimação indígena.

Feminismo decolonial e arte contemporânea nas Américas

Elisa de Souza Martinez
Universidade de Brasília
CNPq

Isabela Capinzaiki Silveira Martins
Universidade de Brasília
CNPq

Resumo

Investigamos a produção de artistas mulheres e as representações do corpo, que analisamos a partir das contribuições da crítica e das sociologia da arte, para definir um campo de estudo degênero e decolonialidade, em um panorama contemporâneo. A partir dos pressupostos da interseccionalidade de arte e sociologia, abordamos aspectos da produção recente de Rosana Paulino e Marcela Cantuária que, em diferentes técnicas, produzem imagens nas quais identificamos questões de gênero e a decolonialidade. Situamos essas análises em um contexto mais amplo, das produções artísticas da América Latina, estabelecendo elementos de análises comparativas entre práticas e posicionamentos críticos diante da história do continente americano. É possível entender a pluralidade das construções pictóricas, assim como o modo no qual esta proporciona diferentes meios de expressar as violências de gênero e as heranças do colonialismo. Em síntese, essa pesquisa demonstra que a análise das obras permite novas possibilidades de investigação da produção artística em perspectiva sociológica, e as manifestações de diversidade em matrizes visuais.

Palavras-chave: arte contemporânea brasileira; decolonialidade; discursos feministas; Rosana Paulino; Marcela Cantuária

Arte Preta Contemporânea Brasileira e o Giro Minoritário nas Artes Visuais

Jorge Vasconcellos
UFF / Coletivo 28 de Maio

Resumo

Defendemos que está em curso “um giro minoritário na arte contemporânea”. Mostraremos que eclode no seio do sistema de arte, no qual: temos desde os recortes curatoriais, à construção de nova uma fortuna crítica, à presença em feiras e galerias de negócios, na construção e aquisição de acervos sejam eles públicos ou privados; e, também, na evidente presença dessa perspectiva de lutas minoritárias em bienais (Bienal de São Paulo) e quinquenais de arte (Documenta de Kassel)... percebemos os indícios desse “giro”. Destacamos a presença de artistas com marcadores étnico-raciais negro-indígenas que representam as lutas do movimento negro e as lutas dos povos indígenas. Defendemos acerca do giro minoritário na arte contemporânea está se dando, como uma virada, uma mudança de rumo. Afirmamos, como hipótese, que há em curso uma mudança de sentido na rota que leva ao Lugar da arte contemporânea de seu mercado e ao sistema na Atualidade, sistema dominado por dispositivos biopolíticos de racialização. Dispositivos estes calcados no colonialismo e em suas várias formas de racismo, orientados pelo que o chamado pelo ativismo preto denomina de “branquitude” e que nós, seguindo a filósofa Denise Ferreira da Silva, nomeamos de “branquidade”. Defendemos que a arte contemporânea está “empretecendo”. Evidentemente, não estamos afirmando que arte tornou-se negra-indígena, ou mesmo, que hoje encontramos nas mostras, bienais, feiras, etc, uma maioria de artistas negres-indígenas. Ao contrário, o que temos o é justamente o oposto, há uma maioria de artistas não- Pretos (negre-indígenas) nesses Lugares da arte. Contudo, o que aqui defendemos como análise e diagnóstico de um tempo presente é, justamente, est[e em curso uma mudança incontornável de rumo e sentido: a força que potencializa a arte da contemporânea hoje é (deve ser: devir) negra-indígena. Dizemos com veemência: A arte preta contemporânea brasileira é o sopro de renovação dos estados das artes em nossa Atualidade.

Palavras-chave: giro minoritário, arte contemporânea, arte preta contemporânea brasileira

Castiel Vitorino Brasileiro: visualidades sobre gênero e raça

Matheus Moreira Nunes

Universidade Federal do Espírito Santo
Programa de Iniciação Científica - UFES

Larissa Fabricio Zanin

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

O artigo pretende refletir de que modos as obras de Castiel Vitorino Brasileiro, artista Capixaba, natural de Vitória, apresentam o debate sobre as relações de gênero e raça de maneira a proporcionar novos rumos para a discussão da temática. A partir das visualidades presentes nas produções artísticas da artista em questão, pretendemos encontrar de que maneiras sua obra tem fomentado debates sobre questões raciais e de gênero. Dentro desse escopo, interessa-nos também refletir sobre os modos como as interseccionalidades são apresentadas nesses trabalhos, tendo em vista não somente analisar o lastro de suas experiências mas também concretizar suas narrativas de maneira que possam ser dissipadas no âmbito acadêmico. Consideramos que as produções de Castiel Vitorino Brasileiro constituem-se como uma alternativa de ser e estar no mundo num corpo negro e/ ou dissidente de gênero e apresentam novas possibilidades que abrem portas para outros trajetos e comportamentos. Diante desta complexidade, é que a artista nos faz perceber novos modos de existir, a partir dos discursos, denúncias e reorganização dos pensamentos e palavras presentes nas visualidades de seus trabalhos. Para o aprofundamento da reflexão proposta, faz-se indispensável relacionar as produções intelectuais e artísticas realizadas no passado com as contemporâneas e questionar, de maneira arrojada, a ordem da produção de pensamentos e da arte na sociedade atual: heterossexual-normativa-branca-cisgênera que, de maneira compulsória, visa silenciar e invalidar as experiências divergentes. Desse modo, entendemos como urgente a reivindicação contundente para o lugar de intelectualidade das corporeidades dissidentes de gênero e racializadas como negras, para que enfim seja possível viver com a ferida aberta causada pela invasão colonial e do gendramento dos espaços e corpos.

Palavras-chave: Arte Contemporânea, Gênero, Raça

Curadoria Decolonial: artistas negras no Espírito Santo

Mayara Simoes de Carvalho
Universidade Federal Espírito Santo - PPGA
FAPES

Resumo

A história da arte foi construída com critérios exclusivos que invisibilizam questões de gênero e raça. As artes, assim como inúmeras outras áreas, são opressivas e legitimam artistas brancos, europeus, de classe média e, acima de tudo, homens. O movimento impulsionado pelas artistas mulheres dos anos 1960 e 1970 segue se desdobrando nos dias atuais, em que ainda é preciso reivindicar e valorizar as expressões artísticas femininas. Ao refletir sobre a forma como mulheres vem sendo apresentada e representada na arte, com foco na mulher negra nos questionamos “Onde estão as artistas negras no Espírito Santo?”. A partir deste questionamento aprofundaremos as discussões sobre identidade pautadas nas obras dessas artistas negras buscando entender de que forma a Arte Afro-Brasileira contemporânea pode ser um instrumento de (re) conhecimento e fortalecimento da identidade e autoestima do povo negro. Ao se verem representados na arte, esses indivíduos podem enxergar-se como pessoas no mundo, sujeitos de direitos, reconhecer seu papel na sociedade e lutar por mudanças. Desta forma, a seleção de produções de artistas negras no Espírito Santo estudantes, mães, professoras, artistas e mulheres tem como objetivo a produção e a difusão das artes. As produções compartilhadas neste artigo dialogam entre si, numa diversidade em linguagens artísticas, técnicas e em pesquisas no campo artístico. Encontra-se mulheres, não somente por detrás da obra sendo representadas, mas mulheres que se representam e apresentam força e sensibilidade por meio da arte. Evidencia-se a mulher negra como protagonista na arte, afirmando sua presença e suas lutas por igualdade e direitos.

Palavras-chave: Arte Afro-Brasileira Contemporânea, Artistas Negras, Raça, Gênero, Protagonismo feminino

Do peito da pele e Yorùbáiano: reflexões acerca da arte como local de existências

Rafaela Maria Martins da Silva

Universidade do Estado de Santa Catarina Uniedu
Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina

Resumo

Do peito da pele é uma videoinstalação do coletivo audiovisual Rachadura que narra de forma litúrgica a possibilidade da volta de Deus e de possíveis comunicações e ações mundanas com Ele, junto a imagens de diferentes corpos queers apresentados sob o olhar de uma cruz cristã. Segundo os criadores, a obra emula num altar o olhar moral, punitivo, cristofacista e suas resignificação pelas bichas brasileiras através da arte pop LGBTQIA+ brasileira. De outra forma, o sagrado e suas práticas são mote da exposição Yorùbáiano de Ayrson Heráclito que, além de confrontar o cristianismo em tom sarcástico, dá novas corporeidades a religiões de matriz africana. Numa intersecção entre estes dois artistas, percebe-se o tom de defesa colocado: a defesa de existir, seja enquanto corpos queers, seja enquanto corpos e cultura negra. Deste modo, refletindo acerca destas poéticas artísticas, associadas ao livro Sobrevivência dos Vaga-lumes de Georges Didi-Huberman, o artigo irá entender tanto as pessoas LGBTQIAP+ como as negras enquanto vaga-lumes, sendo os artistas como estes que nos dão meios de vê-los neste espaço feroz de nossa história presente que ameaçam apagá-los. Para uma melhor análise, o estudo introduz os escritos de David Lapoujade em Existências Mínimas numa aproximação entre os vaga-lumes e o que o autor entende por pré-existências, definidas como seres que ainda não encontraram sua entrada no mundo e carecem de alguém que encontre um modo de vê-las e torná-las reais. Este alguém, se situa no que Lapoujade irá referir-se como aquele que desempenha o papel de criador, testemunha e advogado. Assim, este artigo considera que os artistas conferem as existências levantadas em seus processos, o direito de ser real, tornando-se defensor destas, fazendo ver e convidando outras pessoas para testemunhá-las como forma de dar-lhes um lugar estável, colocando a arte como o local possível de apresentar populações inteiras que escapam às alternativas clássicas de existência.

Palavras-chave: Coletivo Rachadura; Ayrson Heráclito; Yorùbáiano; Existências Mínimas de David Lapoujade;

A queima, o gesto e o corpo: a performance das “gravaduras a ferro e fogo” como poética de re-criação

Raquel Fernandes

Docente (IFF – Instituto Federal Fluminense / Doutoranda (PPGHA/UERJ)

Resumo

O trabalho abre uma possibilidade de leitura da ação do artista e seu corpo no espaço para o processo de criação, elaboração e execução da série “gravaduras a ferro e fogo”, O artista Jorge dos Anjos (1957), mineiro de Ouro Preto, refaz o caminho das diversas diásporas do povo preto e reelabora uma partitura corporal que reescreve com signos-símbolos e geometria sensível a história marcada na pele-feltro. O diálogo traçado neste trabalho pretende ir ao encontro da história da arte, da antropologia, da diáspora e da religiosidade afro-brasileiras. A partir das análises iconográfica e iconológica deste conjunto de obras e seu processo de construção, do levantamento bibliográfico e de entrevista com o artista, o texto pretende apresentar de forma gradual esse percurso refeito. Uma inversão performativa onde o processo de produção da obra e seu resultado, além de se relacionarem, também iluminam o passado marcado pela escravidão e seus horrores. Elementos construtivos da sua formação e vivência, desde Amilcar de Castro, Rubem Valentim e outras afro-referências até um devir de um sentir afro-brasileiro e barroco mineiro de Aleijadinho, costuram a memória de um corpo negro que elabora uma nova performance para reexistir na contemporaneidade.

Palavras-chave: arte afro-brasileira; performance; recriação; corpo

